



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA

JORNALISMO DESPORTIVO: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES  
NA IMPRENSA GENERALISTA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social,  
vertente Media e Jornalismo

Por

Inês Filipa Soares Pinto Mendes da Silva

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro de 2019



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA

JORNALISMO DESPORTIVO: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES  
NA IMPRENSA GENERALISTA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação,  
vertente Media e Jornalismo

Por

Inês Filipa Soares Pinto Mendes da Silva

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação da Prof<sup>a</sup> Doutora Rita Figueiras

Setembro de 2019

## **Resumo**

Ao longo dos anos, as mulheres lutaram para participar em diversas áreas da sociedade. O jornalismo não foi exceção. Com o avançar dos tempos e, conseqüentemente, com a conquista de vários direitos, as mulheres puderam aceder ao jornalismo e às suas diferentes vertentes.

Apesar disto, o jornalismo desportivo continua a ser uma área dominada por homens. Numa sociedade em que se advoga cada vez mais a igualdade de direitos e oportunidades importa saber porque é que este fenómeno se verifica e desenhar uma possível evolução para os próximos anos.

É necessário entender se existem entraves à entrada das mulheres no jornalismo desportivo, e, se sim, que tipo de entraves (discriminação, falta de oportunidades, por exemplo. Ou se, por outro lado, o desporto é uma área que não desperta grande interesse às jornalistas.

**Palavras-chave:** jornalismo desportivo, jornalismo, mulheres, estudos de género.

## **Abstract**

Throughout the years, women struggled to participate in numerous areas of society. Journalism was no exception. As we moved forward and, consequently, with women's conquest of various rights, women were able to access journalism and its different aspects.

Nevertheless, sports journalism remains a male-dominated area. In a society that advocates for gender equality and equal opportunities, it is increasingly important to know why this happens and to draw phenomenon possible developments in the next years to come.

It is necessary to understand if there are barriers to women's entry in sports journalism, and if so, what type of barriers do exist (discrimination, lack of opportunities, for example). Or if, on the other hand, sports is not an area of great interest to women journalists.

**Keywords:** sports journalism, journalism, women, gender studies.

## Dedicatória

«We need to think about what we are really procrastinating on. Everyone is procrastinating on something in life. [...] That's a job for all of us. It's a job that we should probably start today. Well... Maybe not today but, you know, sometime soon. »

Tim Urban, *Inside the mind of a master procrastinator*, 2016

«I start early and I stay late, day after day, year after year. It took me 17 years and 114 days to become an overnight success. »

Lionel Messi, *Adias: My Formula*, 2012

*Pelo incentivo, pelo apoio e pelo carinho: aos meus  
pais*

## **Agradecimentos**

À Prof.<sup>a</sup> Rita Figueiras, pela disponibilidade, pela paciência e rigor que demonstrou sempre ao longo da realização desta dissertação. Sem a sua orientação este trabalho não teria sido possível.

Aos meus pais, que sempre me encorajaram e apoiaram para que este trabalho visse a luz do dia e que me asseguram, várias vezes, de que era capaz.

À restante família, por todo o apoio. Em particular, à avó Niza que, a vários quilómetros de distância, me ofereceu sempre uma palavra encorajadora e de motivação.

À minha prima Sofia, que muitas vezes me ouviu, pacientemente, a discorrer sobre este trabalho.

Às amigas Teresa, Catarina e Sara, que me ouviram, animaram e confiaram nas minhas capacidades. O seu carinho foi fundamental e uma grande fonte de motivação.

Às minhas colegas e amigas do mestrado, Sara, Maria, Ana e Joana, com quem muitas vezes partilhei preocupações. O apoio que transmitimos umas às outras nos momentos de maior cansaço foi essencial.



## Índice

Índice de Gráficos .....	3
Índice de Tabelas .....	3
Introdução .....	4
<b>Parte I .....</b>	<b>8</b>
<b>1. Séculos XX e XXI: o que mudou no papel da mulher na sociedade? .....</b>	<b>9</b>
1.1 As mulheres e os cargos de chefia .....	12
1.2 As mulheres vistas pelos media .....	16
<b>2. As mulheres no jornalismo .....</b>	<b>20</b>
2.1 O panorama em Portugal .....	25
<b>3. Jornalismo desportivo: evolução e papel das jornalistas .....</b>	<b>30</b>
3.1 O que mudou e como evoluiu o jornalismo desportivo .....	30
3.2 O caminho percorrido pelas jornalistas no jornalismo desportivo .....	34
3.3 Quem quer ser jornalista de desporto? .....	37
<b>Parte II .....</b>	<b>43</b>
<b>4. Metodologia .....</b>	<b>44</b>
4.1 Desenho Metodológico .....	44
4.2 População e Amostragem .....	46
<b>5. Análise de Dados .....</b>	<b>48</b>
5.1 Representatividade ou não? Os artigos assinados por mulheres nas secções de desporto .....	48
5.2 O jornalismo desportivo Portugal: o que dizem editores e jornalistas de desporto? .....	55

5.3 Menos mulheres no desporto: discriminação ou opção? .....	59
<b>Conclusão .....</b>	<b>68</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>71</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>75</b>
Anexo A – Transcrição das entrevistas .....	75
Anexo B – Guiões das entrevistas .....	104
Anexo C - Tabelas de análise dos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias e Público .....	106
Anexo D – Tabelas completas da análise feita ao Correio da Manhã, Diário de Notícias e Público .....	111

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Artigos assinados por mulheres e homens no Correio da Manhã .....	49
Gráfico 2 - Temas dos artigos assinados por mulheres .....	50
Gráfico 3 - Artigos assinados por mulheres e homens no Diário de Notícias .....	51
Gráfico 4 - Tema dos artigos assinados por jornalistas mulheres no Diário de Notícias ....	52
Gráfico 5 - Artigos assinados por mulheres e homens no jornal Público.....	54
Gráfico 6 - Tema dos artigos assinados por jornalistas mulheres no jornal Público .....	54

## Índice de Tabelas

Tabela 1 - Rotatividade de jornalistas mulheres no Correio da Manhã.....	50
Tabela 2 - Rotatividade de jornalistas mulheres no Diário de Notícias .....	53
Tabela 3 - Rotatividade das jornalistas mulheres no jornal Público.....	55
Tabela 4 - Total de peças de analisadas no <i>Correio da Manhã</i> .....	106
Tabela 5 - Temas das peças assinadas por mulheres no Correio da Manhã .....	107
Tabela 6 - Total de peças de analisadas no Diário de Notícias .....	107
Tabela 7 - Temas das peças assinadas por mulheres no <i>Diário de Notícias</i> .....	108
Tabela 8 - Total de peças de analisadas no Público .....	109
Tabela 9 - Temas das peças assinadas por mulheres no <i>Diário de Notícia</i> .....	110
Tabela 10 - Grelha completa da primeira semana de análise de 2001 dos artigos assinados por mulheres e homens nos três jornais estudados. ....	113
Tabela 11 - Grelha completa da segunda semana de análise de 2001 dos artigos assinados por mulheres e homens nos três jornais estudados. ....	116
Tabela 12 - Grelha completa da primeira semana de análise de 2017 dos artigos assinados por mulheres e homens nos três jornais estudados. ....	118
Tabela 13 - Grelha completa da segunda semana de análise de 2017 dos artigos assinados por mulheres e homens nos três jornais estudados. ....	120

## Introdução

O desporto é uma área de cada vez mais importância nas sociedades, se a isso acrescentarmos a evidente centralidade dos *media* na forma como consumimos informação podemos perceber que o jornalismo desportivo se torna cada vez mais uma área que interessa estudar. É, no entanto, importante estudá-lo da perspectiva de quem o faz.

Ao observar o mundo do jornalismo desportivo, ainda que superficialmente, não é difícil constatar que é um mundo ainda dominado por homens (Allan, 2005), o que contraria a tendência de um maior número de mulheres nos cursos de jornalismo (Pêgo, 2015). Numa sociedade em que cada vez mais se discute a igualdade de direitos entre géneros, importa estudar as causas deste fenómeno, se existe por algum tipo de discriminação, se não são confiadas certas funções às mulheres, ou se, por outro lado, não é uma área procurada pelas jornalistas.

Estudar as questões de género é crucial tendo em conta que vivemos numa sociedade onde ainda subsistem algumas desigualdades entre homens e mulheres no mundo laboral. Ao longo dos anos as mulheres lutaram para se imporem nas diversas áreas da sociedade. O caso do jornalismo é particularmente interessante de estudar. Perceber como evoluiu o papel da mulher, como chegou até aos direitos que conquistou desde o século XIX (Beauvoir, 1989) é fundamental para entender as especificidades das mulheres no mercado de trabalho.

A forma como são vistas e representadas nos *media* é também importante para perceber como são encarados e propagados os estereótipos em relação ao mundo feminino, pois isso influencia e abre a cortina sobre a forma como são, posteriormente, percebidas pelo público, particularmente no ambiente laboral.

Estudada a chegada das mulheres ao mundo laboral, importa compreender as condições em que estão empregadas nas respectivas funções. Há, ainda no tópico laboral, que abordar as questões relacionadas com cargos de chefia que, de acordo com o Global Gender Gap Report de 2018, continua a ser uma área onde as mulheres são uma minoria. Cenário que se repercute, também, no jornalismo.

Cada vez mais mulheres entram nos cursos de jornalismo, mas, quando na profissão, parecem ter algumas dificuldades em atingir os cargos de chefia das respectivas funções. Caso particularmente evidente no jornalismo desportivo, que é uma área onde os homens ainda são a maioria (Chambers *et al*, 2004).

Quando foi permitido que as mulheres desempenhassem funções no jornalismo, foram-lhes confiadas as áreas mais dedicadas aos assuntos de sociedade e *lifestyle*, ou seja, era pedido às mulheres que escrevessem sobre áreas que apelassem, tipicamente, ao sexo feminino (Franks e O'Neill, 2015). Com as mudanças que ocorreram ao longo dos anos e, consequentemente, com a entrada de algumas mulheres nas áreas mais restritas a homens, como o jornalismo desportivo, tornou-se de relevo perceber as especificidades e condições no ambiente de trabalho das jornalistas da área do desporto.

A investigação descrita acima tem como objectivo responder à questão: “Qual a participação das mulheres nas redacções de desporto da imprensa generalista portuguesa?”. Assim, estudar se existe discriminação nesta área é o grande objectivo desta investigação, por forma a permitir a construção de um retrato do que é ser uma mulher jornalista de desporto, isto é, se apresenta algumas diferenças em relação às outras áreas (em consequência de serem mulheres), ou se, por outro lado, não apresenta diferenças significativas. Em suma, compreender se existe algum tipo de relação negativa entre o ser mulher e ser jornalista nesta área.

Esta análise vai concentrar-se nos artigos assinados por mulheres em três jornais generalistas portugueses, o Correio da Manhã, o Diário de Notícias e o Público, num período de anos ímpares compreendido entre 2001 e 2017, tendo como amostra duas semanas de cada ano para que se possa ter em conta eventuais mudanças de pessoal nas redacções. Saber o número de mulheres em cada redacção não oferece dados sobre a sua real visibilidade e representatividade, por isso, é importante que se tenha em conta quem assina os artigos, pois só desta forma é possível obter uma imagem mais fidedigna da representatividade das mulheres na área. (Strong e Hannis, 2005 e Franks e O'Neill, 2015).

However, a simple head count of female journalists relative to male journalists does not directly measure the visibility of female journalists. This is because the consumers of the news media - readers, listeners and viewers - do not know the proportion of women

in newsrooms, nor the positions those women hold. Instead, consumers of the news can only deduce the relative involvement of women in the news media by the relative visibility of women journalists. To this end, some researchers have sought to measure the extent to which readers, listeners or viewers actually see female journalists. (Strong e Hannis, 2007: 3)

É, também, importante a escolha da imprensa escrita. Numa perspectiva de agenda, é a imprensa escrita que ainda marca muito dos assuntos que depois vão para os outros meios, particularmente as primeiras páginas dos jornais. Mesmo numa era digital, os jornais em papel ainda marcam muito do que se lê, vê e ouve. (Mills, 2017) Para complementar os dados recolhidos jornais importantes é importante a realização de entrevistas, escolhidas para ajudar a compreender os dados recolhidos. Com efeito, foram entrevistados os subeditores de desporto dos jornais *Correio da Manhã* e *Público* para que complementassem a análise dos artigos dos respectivos jornais e ajudassem à compreensão do fenómeno em estudo. Foram, também, entrevistadas as jornalistas Cláudia Martins, Cláudia Lopes e Cecília Carmo para que oferecessem a sua perspectiva como mulheres no jornalismo desportivo bem como sobre as características dos meios onde trabalham ou trabalharam.

É importante explicar a forma como a dissertação foi organizada. Após a introdução ao tema em estudo é feita uma revisão de literatura que contém três capítulos. O primeiro destes três capítulos pretende posicionar a mulher quanto ao seu papel na sociedade ao longo dos anos por forma a compreender, de seguida, como e em que condições foi feita a sua passagem para o ambiente laboral. Dentro do ambiente laboral é explorada a temática dos cargos de chefia, sendo este um tópico que é mencionado em mais do que um capítulo. No subcapítulo 2.1 é feita uma ponte para o ambiente dos *media* para entender como são representadas as mulheres nos meios de comunicação e, por conseguinte, como são vistas e percebidas pelo espectador/leitor. No terceiro capítulo é feita uma revista pelos principais marcos do percurso das mulheres no jornalismo, bem como da sua evolução no jornalismo português em concreto. O quarto capítulo é inteiramente dedicado ao jornalismo desportivo. O subcapítulo 4.1 comporta a evolução das características do jornalismo desportivo e no capítulo seguinte é feito estudo do percurso das mulheres nesta área. A revisão literária termina com as questões associadas a ser mulher no jornalismo desportivo bem como com um traçado mais actual do papel das jornalistas de desporto. Depois do capítulo referente à metodologia, onde são apresentados os métodos utilizados para a realização da análise empírica desta dissertação, seguem-se os subcapítulos onde são analisados os dados da

análise aos jornais já mencionados e expostas as conclusões das entrevistas realizadas. Por fim, no subcapítulo 6.3. é feita uma análise dos dados quantitativos dos artigos à luz das entrevistas realizadas e da literatura recolhida nos capítulos anteriores.

Nota: Este trabalho está redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

# Parte I

## **1. Séculos XX e XXI: o que mudou no papel da mulher na sociedade?**

Homens e mulheres experienciam o mundo de forma desigual e têm, até hoje, percepções distintas sobre o meio que os rodeia. O papel da mulher sofreu grandes alterações no século XX, com a Revolução Industrial, já mencionada, e, principalmente, com as mudanças trazidas pela 1ª Guerra Mundial (Beauvoir, 1989).

Até à Revolução Francesa não se registaram grandes alterações no papel da mulher na sociedade contemporânea. As mudanças trazidas por este acontecimento histórico deram-se, essencialmente, nas classes intermédias onde os homens eram dominantes e, por isso, participaram nas grandes mutações observadas neste período (Beauvoir, 1989). Mais tarde, com a Revolução Industrial, a classe dos trabalhadores foi forçada a emancipar-se e, em consequência, também a situação laboral das mulheres sofreu alterações. A máquina, e o desenvolvimento industrial desta época, permitiu à mulher assumir um papel importante na produção e redefinir a sua importância na economia (Beauvoir, 1989).

A máquina veio tornar possível homens e mulheres tivessem papéis idênticos. Com o processo industrial em desenvolvimento, a mulher conseguiu afirmar-se no mundo laboral, pois a máquina não fazia distinção para quem a operava. Todos, independentemente do seu género, da sua força física (que, no geral, já não era necessária para este tipo de trabalho) podiam manusear uma máquina (Beauvoir, 1989). Esta questão foi determinante para a afirmação da mulher na sociedade ocidental e, posteriormente, para a construção de uma independência económica.

Alguns anos após este impulso, havia uma grande discrepância entre o que era pago a mulheres e homens nas fábricas, situação que se estendeu ao restante mundo laboral. Havia também a questão das condições de trabalho que não eram as melhores, muitas vezes acrescentando trabalho agrícola ao trabalho fabril (Beauvoir, 1989).

Todas estas questões levaram a que as mulheres se comesçassem a organizar em sindicatos para que o seu trabalho fosse, lentamente, regulado com medidas por forma a controlar os abusos identificados quanto ao trabalho feminino (Beauvoir, 1989).

Nos meados do XX, as mulheres sentiam, também, os dilemas de conciliar a sua vida familiar com o aspecto laboral, principalmente devido à sua função maternal (Beauvoir, 1989). A sociedade quase culpava as mulheres que não tinham tantos filhos quanto pudessem, pois essa era vista como a sua principal função, ainda que com os métodos contraceptivos e com consultas de planeamento familiar tenha sido possível reduzir o número de gravidezes não planeadas, tornando possível que as mulheres escolhessem quando ter filhos (Beauvoir, 1989).

« [...] During the nineteenth century woman in her turn emancipated herself from nature; she gained mastery of her own body. Now protected in large part from the slavery of reproduction, she is in a position to assume the economic role that is offered her and will assure her of complete independence [...] » (Beauvoir, 1989, p. 142)

Esta dicotomia entre os papéis familiar e laboral da mulher explica, segundo Simone de Beauvoir, a evolução da condição da mulher na sociedade contemporânea. Com a Revolução Industrial a todo o gás, a propriedade de terras perdeu importância em relação à propriedade própria. Esta questão levou a que a família passasse a ter um valor diferente, menos central na sociedade. Esta questão foi, principalmente, notada nos Estados Unidos da América, onde o capitalismo triunfara (Beauvoir, 1989).

Antes da 1ª Guerra Mundial, era comum as mulheres esperarem por um homem para casar e remeterem-se ao seu papel de mãe e dona de casa. Ora, este paradigma mudou com o conflito. Durante a Grande Guerra, com uma grande parte da população masculina em combate, as mulheres tiveram oportunidade de entrar no mundo de trabalho tipicamente dominado por homens, visto que havia escassez de mão-de-obra. Com efeito, até aos anos 20, o papel da mulher no mundo laboral desenvolveu-se, fruto também do aumento do consumo e conseqüente aumento da produção nas fábricas (Webb, 2010).

Esta mudança na composição do mundo laboral levou, também, a uma mudança nas normas sociais. No entanto, mesmo com todas estas alterações, havia ainda uma elevada percentagem de mulheres a trabalhar em trabalho doméstico e agrícola. E, quando conseguiam entrar no mundo do trabalho eram remetidas para trabalhos tipicamente associados a mulheres, além de que eram mal pagas, quando comparado o seu salário com o auferido pelos homens (Webb, 2010).

Mas não só no mundo do trabalho se verificaram alterações. Esta entrada das mulheres no mundo laboral permitiu que, a um nível educacional, os elementos do sexo feminino conseguissem mais oportunidades nas universidades (Webb, 2010).

Apesar de todas estas mudanças, a situação laboral das mulheres mudou drasticamente com a Grande Depressão, iniciada com o *crash* na bolsa de Nova Iorque, em 1929. O desemprego e a necessidade de ter mais elementos da família a trabalhar levou a que, ainda que com alguma resistência dos homens, as mulheres trabalhassem e mantivessem algum do seu papel no mundo laboral, marcado, nesta altura, pela falta de emprego. Ainda assim, a continuidade das mulheres no mundo laboral era mal vista, pois, numa altura de escassez de emprego, as mulheres que trabalhavam eram vistas como estando a roubar o emprego aos homens (Webb, 2010).

A situação voltou a alterar-se com a Segunda Guerra Mundial, os homens voltaram a partir em combate. Em consequência, as mulheres foram chamadas para a força laboral e, assim, preencher as vagas que haviam sido deixadas livres em vários sectores da sociedade, mas mais especificamente no esforço que estava a ser feito para sustentar a guerra com construção de material bélico (Webb, 2010).

Nos anos 50, muitas mulheres ainda aceitavam o casamento como um percurso de vida por si só devido à falta de independência financeira, a falta de ofertas de emprego para as mulheres levava a que não conseguissem ser independentes dos maridos.

Nesta altura, Simone de Beauvoir explica que existe uma contradição entre a abertura que se fez às mulheres no mundo do trabalho, e em outros aspectos da sociedade, e o facto do casamento ser visto como uma melhor alternativa a uma carreira profissional (Beauvoir, 1989).

« [...] Women are still, for the most part, in a state of subjection. It follows that woman sees herself and makes her choices not in accordance with her true nature in itself, but as man defines her. So we must first go on to describe woman such as men have fancied

her in their dreams, for "what-in-men's-eyes-she-seems-to-be is one of the necessary factors in her real situation [...] » (Beauvoir, 1989, p. 157)

Ainda assim, a sociedade continuava a ter estereótipos em que o papel ideal e adequado para a mulher era visto como o de mãe e de dona de casa (Webb, 2010).

## **1.1 As mulheres e os cargos de chefia**

« [...] you can give a woman a seat at the table but if she doesn't feel that seat has the same value as everyone else's, or that her voice isn't heard and appreciated, she won't sit at the table very long. »  
(Grant Thornton International, 2018)

Tal como Simone de Beauvoir afirmou em 1959, quando lançou umas das suas mais aclamadas obras “Le Deuxième Sexe” (O Segundo Sexo)”, ainda hoje, as mulheres não ganham o mesmo por trabalho igual nem sobem na carreira tão facilmente como os homens (Beauvoir, 1989).

A grande diferença está na questão dos cargos superiores, nomeadamente de chefia. Aqui observam-se as maiores discrepâncias entre o trabalho masculino e feminino.

Este tipo de cargos comporta algumas funções que não são, tradicionalmente, ocupadas por mulheres. Há, portanto, o desafio de tornar o panorama laboral mais diverso nos cargos de chefia. As mulheres em cargos de chefia estão menos satisfeitas com o seu salário do que os homens (Morrison & Glinow, 1990).

Com a revolução industrial, a separação entre trabalho e família tornou-se mais evidente. Nesta altura, o trabalho/emprego era uma coisa reservada, na sua maior parte, para o sexo masculino. Considerava-se que o que era trabalho e o que eram as tarefas familiares estava muito bem separado com os homens empregador e as mulheres a terem a cargo as responsabilidades fora do emprego, isto é, o trabalho familiar e doméstico (Vinnicombre e Colwill, 1995).

Com o aumento das mulheres empregadas este panorama mudou. Este aumento foi acompanhado por uma mudança na forma como o emprego é valorizado e por um crescente interesse num estilo de vida que consiga um equilíbrio estável e saudável entre família e trabalho. Esta questão é também válida para os homens que valorizam cada vez mais a vertente familiar e querem passar tempo em casa com a família (Vinnicombre e Colwill, 1995).

Em 1995, as mulheres ocupavam 10% dos cargos de chefia na Europa, sem grandes flutuações entre os vários países europeus. Além de que as mulheres que têm cargos de chefia ainda estão confinadas aos cargos de chefia intermédios e não ao topo da carreira nas respectivas áreas. Na Europa o trabalho das mulheres é altamente segregado, isto é, reduz-se muito a determinadas profissões como, por exemplo, ensino primário e posições administrativas que exigem poucas habilitações (Vinnicombre e Colwill, 1995).

Não se trata de uma questão de qualificações pois a tendência na Europa é para que as mulheres tenham tantas ou mais qualificações para os seus empregos do que os homens. Há uma tendência prevalecente: a de que por toda a Europa, as mulheres com cargos de chefia são solteiras ou não têm filhos. Conjugiar a vida familiar com o emprego continua a ser o grande desafio para subir na carreira. Segundo estes autores, há uma dicotomia que leva a um paradoxo nas empresas. Os homens com família são vistos com uma boa contratação pois têm um sistema familiar a apoiá-los e a permitir que se dediquem à profissão, enquanto que a mulher que tem uma família é vista com um possível problema por, em determinada altura, poder pôr a sua família à frente da carreira (Vinnicombre e Colwill, 1995).

É claro que, um dos grandes entraves à subida na carreira, é a busca por um parceiro que partilhe as responsabilidades da vida familiar e que não se sinta ameaçado caso a mulher acabe por ter um salário superior ao seu. Esta busca é definida pelos autores como fundamental para as aspirações profissionais das mulheres (Vinnicombre e Colwill, 1995).

Achava-se que a educação era a única barreira entre as mulheres e os cargos de chefia. Se as mulheres tivessem acesso a ferramentas de formação (ex: licenciaturas, mestrados, etc). Acreditava-se que uma vez que as mulheres tivessem acesso a estas ferramentas e se provassem competentes o mundo do trabalho iria ser justo e balancear as oportunidades entre

homens e mulheres. Com a entrada e números sem precedentes de mulheres no mundo do trabalho, com todas as ferramentas educacionais a tê acesso, a discrepância entre sexo masculino e feminino no mercado de trabalho continua a ser grande, no que diz respeito aos cargos de chefia (Vinnicombre e Colwill, 1995).

A definição de poder não é consensual entre os entrevistados por Vinnicombre e Colwill, mas a definição mais comum é a de um homem não muito simpático. Nestes casos, é importante definir o que é poder no contexto em análise e os diferentes tipos de poder que existem, segundo Vinnicombre e Colwill: o “poder pessoal (influenciar os outros)”; “poder interpessoal” (controlar o ambiente em seu redor) e o “poder organizacional (mobilizar recursos)” (Vinnicombre e Colwill, 1995).

Para estas autoras, a solução para a falta de mulheres em cargos de chefia não reside nas suas habilitações literárias, mas sim numa questão de falta de poder nas instituições empregadoras. Segundo as autoras, as grandes diferenças estão no “poder interpessoal”, estando os homens numa melhor posição para influenciar os outros, seja em casa ou no contexto de trabalho. Quanto ao poder organizacional, começa a ser notada uma mudança com as mulheres a serem consideradas mais eficazes do que os homens (Vinnicombre e Colwill, 1995).

Nos respectivos empregos, as mulheres aprendem a lidar com a discriminação com alguma negação pois conseguem admitir que o mundo do trabalho não é justo para o sexo feminino, mas não se vêem a si próprias como alvo de discriminação (Vinnicombre e Colwill, 1995).

As autoras reafirmam a ideia de que as mulheres sofrem de maior discriminação quando se trata de um cargo de chefia. Para esta discrepância entre o número de homens e mulheres nos cargos de chefia, são apresentadas as seguintes razões: a atitude de determinados elementos do sexo masculino nos cargos de chefia, os métodos de recrutamento e selecção de candidatos e barreiras organizacionais que dificultam o percurso de quem tem de gerir a vida profissional e pessoal (Vinnicombre e Colwill, 1995).

Ainda que seja reconhecido valor às mulheres e que consigam atingir estatutos elevados profissionalmente, Michelle Rosaldo argumenta que, quando comparadas com homens do

mesmo estatuto social e idade, ainda não é reconhecido o mesmo reconhecimento a uma mulher do que um homem (Rosaldo & Lamphere, 1974).

No relatório de 2015 da International Labour Organization, é destacado o aumento de mulheres nos cargos de chefia intermédios, onde muitas vezes igualam, ou até superam, os homens, mas também em cargos de chefia superiores.

De acordo com o The Gender Gap Report de 2018, globalmente, este número aumentou para 34% das mulheres em cargos de chefia. Se bem que, em países como o Egipto, a Arábia Saudita, o Iémen e o Paquistão, este indicador não ultrapassava os 7%. É na Europa que se registou uma percentagem maior de paridade de género: 75.8% (World Economic Forum, 2018).

Apesar dos números de mulheres em cargos, por exemplo, de CEO, terem aumentado, a escassez de mulheres no topo das grandes empresas mundiais mostra com algumas mulheres ainda têm dificuldade em ascender ao topo das respectivas carreiras. Quando analisados os quadros, as mulheres ainda são uma percentagem muito reduzida dos CEO a liderar as grandes multinacionais. Estes números não sofreram grandes alterações nos últimos 10 anos (International Labour Organization, 2015).

Ainda assim, é destacado que, apesar de estarem a crescer, os números de mulheres nos cargos de chefia superiores (CEO, por exemplo), ainda significativamente diferentes em relação aos números observados nos homens. As mulheres representam ainda uma parte pouco significativa deste tipo de cargos, com uma evolução pouco destacada, se comparado com os valores observados há uma década. Neste sentido, tem havido um empenho para melhorar o espectro de áreas em que as mulheres recebem formação (International Labour Organization, 2015).

Ainda que os números de mulheres em cargos de chefia sejam inferiores aos dos homens, os valores observados são díspares de país para país. Dos 128 países analisados neste relatório, há apenas três onde a percentagem de mulheres em cargos de chefia é superior à dos homens: Colômbia, Jamaica e Santa Lúcia. Em muitos países, a representação das mulheres no mundo

laboral é superior à sua representação nos cargos de chefia (International Labour Organization, 2015).

Em Portugal, e até 2012, as mulheres representavam 34,2% dos cargos de chefia nacionais, ficando, *grosso modo*, a meia da tabela feita pela International Labour Organization (2015).

Em 2018, foi notório algum progresso para que mais empresas tivessem mulheres nos cargos de chefia de topo. Numa perspectiva global, a percentagem de empresas com, pelo menos, uma mulher num cargo de chefia superior aumentou significativamente de 66% para 75%, o que significa que se caminha para obter uma boa percentagem de representatividade das mulheres neste tipo de funções (Women in Management, 2018).

Há um contraste entre os números reduzidos de mulheres em cargos de chefia, 25% em 2017 e 34% em 2018 (World Economic Forum, 2018) e o número de empresas com, pelo menos, uma mulher num cargo de chefia intermédio. Isto pode traduzir-se num esforço das empresas para que as equipas sejam diversas, de um ponto de vista de género, mas tal representa uma dificuldade para o equilíbrio entre géneros nos cargos de topo (Women in Management, 2018).

No caso das empresas de *media*, a desigualdade de género é ainda muito latente, apenas 27% dos cargos de chefia estão atribuídos a mulheres (Women and the Media, UN Women, 2014).

Nas empresas de *media* portuguesa há uma contradição entre o número crescente de mulheres a ingressar o jornalismo e os números de mulheres em cargo de chefia. Estes dois indicadores não evoluem ao mesmo ritmo, que relativiza o processo chamado de feminização do jornalismo português (Miranda, 2017). Há também que analisar as tarefas atribuídas às mulheres. As mulheres “[...] não são encaradas com confiança nem respeito para contar as histórias, para analisar os eventos e para transmitir os principais assuntos às audiências e leitores [...]” (Ran, 2015: 43 *apud* Miranda, 2017: 32). Além disto, registou-se também uma disparidade nas condições de trabalho entre homens e mulheres (Miranda, 2017).

## **1.2 As mulheres vistas pelos *media***

« The . . . media are potentially powerful agents of socialization and social change – presenting models, conferring status, suggesting appropriate behaviors, encouraging stereotypes »  
(Gallagher, 1979: 3 *apud* Byerly e Ross, 2006).

Em 1995, o Global Media Mentoring Project (GMMP) tentou encontrar padrões na forma como os gêneros eram representados nos *media* e chegou à conclusão que apenas 19% das notícias tinham uma mulher como protagonista e sempre num papel estereotipado, como vítima, mães ou esposas. (Media Watch 1995 *apud* Byerly e Ross, 2006) O estudo foi repetido cinco anos, com indicadores muito semelhantes e chegou-se à conclusão que a representação das mulheres nos *media* não se tinha alterado de forma significativa, tinha até descido 1% em relação à investigação anterior (World Association for Christian Communication 2000 *apud* Byerly e Ross, 2006), com a mulher representada quase sempre no papel de vítima, passiva e dependente. As mesmas conclusões foram retiradas de um estudo de 1999 que investigou os países europeus em particular.

« [...] The Commission’s study also found that “old” forms of gender stereotype have recently been introduced as a consequence of political and economic upheaval, so that in the case of Germany, reunification has resulted in a new emphasis on women as mothers and housewives. In former Eastern European countries, demands for “Western” goods and services, including easy sex, have encouraged the reemergence of women as sex objects in popular media discourse in those already ravaged and now ravished countries [...] » (Byerly e Ross, 2006: 41)

Numa altura em que os jornais lutam para sobreviver e reverter a queda nas vendas, a solução passa por aumentar os leitores, nomeadamente, as mulheres. Estas políticas podem provar-se benéficas na intenção, mas contraproducentes na concretização. É questionável a forma como se escolhe as imagens que ilustram os artigos que pretendem atrair mais mulheres para o seu público (Carter *et al.*, 2018).

« In the early years of the twenty-first century, the representation of women in news and other fact-based media presents a complex and mixed picture of women as subjects and actors in society. Women still face many of the same problems that were evident several decades ago, when feminists first raised their critiques of women’s marginality and misrepresentation. » (Byerly e Ross, 2006: 37)

Há, no entanto, o reverso da medalha. São cada vez mais frequentes as histórias em que se refere a mulher com poder decisão, especificamente na política e no mundo empresarial. É particularmente interessante abordar estas questões tendo em conta que tudo o que envolve os *media* tende, nos dias que correm, a ter uma influência ainda maior no público pois está

presente em quase todos os momentos do dia seja através da televisão, dos *smartphones*, ou de outras plataformas (Byerly e Ross, 2006).

Num relatório elaborado pelo comité Women in Journalism, partiu-se do pressuposto de que existem mais homens do que mulheres na vida pública e de que é mais notícia quando uma mulher transgredir regras socialmente aceites do que quando um elemento do sexo masculino o faz (Carter *et al.*, 2018).

Além destas premissas, é também aceite o pressuposto de que, nos *media*, a aparência das mulheres é mais valorizada do que a dos homens. Porém, neste estudo, chegou-se à conclusão de que a representação da imagem das mulheres nos meios de comunicação não está de acordo com a realidade feminina (Carter *et al.*, 2018).

Se é verdade que, cada vez mais, mulheres têm impacto na sociedade, é preciso analisar a forma como isto é representado nos meios de comunicação. A análise feita a 9 jornais da Grã-Bretanha (*The Times*, *The Telegraph*, *The Guardian*, *The Independent*, *The Financial Times*, *The Sun*, *The Express*, *The Daily Mail* e o *The Mirror*) indicou que ainda há um longo caminho a percorrer na representação da diversidade que, cada vez mais, existe em todas as vertentes da sociedade (Carter *et al.*, 2018).

Este estudo, que foi feito com base na análise de fotografias nos jornais em questão, concluiu que as imagens de homens nos jornais ultrapassam, em muito, as imagens de mulheres nos *media*. Existe também a conclusão de que as imagens de homens se referem a políticos e empresários, enquanto que as imagens de mulheres retratam atrizes, modelos e outras celebridades. Alguns editores justificam os dados encontrados com o domínio do género masculino ainda existente na sociedade contemporânea (Carter *et al.*, 2018).

Concluiu-se que, de entre estes jornais, apenas 30% continham uma imagem de mulheres, em contraponto com a representação dos homens que ascende a 59%. Outro dado importante é o de que, nas capas destes jornais são usadas imagens de mulheres para vender, percentagem mais alta do que no resto do jornal, indicando que a imagem é usada para aumentar as vendas, mas que as mulheres não têm tanta representação no restante espaço do jornal (Carter *et al.*, 2018).

Há uma distorção entre a imagem das mulheres representada nos *media* (sexualizada e magra) e a imagem que as mulheres têm delas próprias. Existe ainda em vários países, o uso de pressupostos que perpetuam estereótipos de género presentes na sociedade (UN Women – Beijing+20, 2015).

Curiosamente, no caso do Reino Unido, foi no desporto onde se encontraram as mudanças mais positivas. Principalmente na forma como as atletas foram representadas nos *media* (Carter *et al.*, 2018).

Depois de perceber a forma como as mulheres são representadas nos *media* e vistas pelo público é importante avançar para a perspectiva das mulheres inseridas nos *media*, isto é, como jornalistas. No capítulo seguinte é feita uma análise à evolução do papel das mulheres nesta área, bem como ao tipo de cargos que foram ocupando no jornalismo. É, também, feita uma análise à perspectiva da evolução das mulheres no jornalismo português.

## 2. As mulheres no jornalismo

«[...] Podemos dizer que o jornalismo como profissão é constituído por agregados de relações sociais tecidas num âmbito de actividades que reclamam dar resposta a necessidades que se tornaram sentidas pela vida colectiva.»  
(Garcia, 2009: 70)

Como a maioria dos empregos remunerados no final do século XIX e inícios do século XX, o jornalismo era uma ocupação dominada por homens. As mulheres eram vistas como consumidoras não como produtoras de notícias. Stuart Allan (2005) escreve que no século XIX, acreditava-se que as mulheres não deviam ser como os homens, principalmente nos domínios emocionais e físicos, que não podiam ser misturados. Nos fins do século XIX, as mulheres começaram a reivindicar um papel mais activo fora das tarefas domésticas a que estavam confinadas. Foi já em 1890 que o jornalismo começou a ser visto como uma ocupação com futuro para as mulheres (Chambers et al, 2004).

No início do século XX, este paradigma começou a alterar-se. As mulheres procuraram explorar novas oportunidades educacionais nas universidades e isto levou a que exigissem trabalho nos redacções. Os editores não viam futuro na entrada das mulheres no jornalismo nem queriam apostar na sua formação pois, eventualmente, estas teriam filhos e iriam acabar por sair da profissão para se dedicarem à família. Durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial, por falta de mão de obra, os jornais foram obrigados a contratar mulheres. Nesta altura, as jornalistas faziam um pouco de todas as funções de uma redacção, incluindo desporto. Depois dos conflitos a situação reverteu para que os lugares ocupados por elas servissem para os soldados que regressavam. Era esperado que as mulheres escrevessem para mulheres e nas páginas sobre assuntos mais ligeiros (Allan, 2005).

As mulheres foram vistas como possíveis produtoras de notícias quando a publicidade se tornou necessária para a sobrevivência dos jornais, pois era preciso que os artigos apelassem directamente ao público feminino. As jornalistas eram contratadas para escrever para mulheres, sobre assuntos considerados de mulheres. Eram, na maior parte das vezes, conduzidas para áreas mais ligeiras das notícias, como a moda e notícias sobre celebridades, por exemplo, o que em muito contrastava com os assuntos atribuídos aos colegas, que escreviam sobre economia, política, em suma, as chamadas *hard news*. Quando lhes era

permitido escrever escreviam sobre estes últimos temas pedia-se que escrevessem a perspectiva mais humana das *hard news*, o seu papel era despertar o lado emocional dos leitores. Ainda assim, estes ângulos mais direccionados para as *soft news* e o lado mais glamoroso do jornalismo também atraía as mulheres para esta profissão (Chambers et al, 2004).

Os jornais, que estavam a diversificar os assuntos que tratavam e os públicos a que queriam chegar, queriam atrair mais leitoras para a sua audiência. Nesta altura, surge o que fica conhecido como “jornalismo de mulheres”. Esta nova categoria continha notícias de sociedade, moda, e assuntos domésticos, em suma, os assuntos que se consideravam mais femininos escritos por jornalistas mulheres (Chambers et al, 2004).

Durante o século XX, trazendo de trás uma tendência que se aprofundava desde o século XVIII, quando se discutia as diferenças entre géneros, os editores acreditavam que o género de um jornalista era um factor importante para o desempenho da profissão. Acreditava-se que as mulheres não estavam preparadas para as vicissitudes da vida nas redacções e dizia-se mesmo que tal podia afectar a saúde feminina. A única excepção era de que as mulheres serviam para escrever sobre mulheres e para mulheres. Alguns punham em causa a masculinidade de jornalistas homens que escrevessem sobre assuntos associados ao mundo feminino. O prestígio dos homens no jornalismo estava dependente de separar os tópicos que eram por eles abordados, nomeadamente as *hard news*, que deveriam ser reservadas para mundo masculino do jornalismo (Allan, 2005).

É ainda importante destacar que, ainda que tivessem salários inferiores aos dos homens, as jornalistas conseguiam subsistir desta actividade, o que significava que as mulheres dependiam apenas de si próprias financeiramente, o que era um dado muito importante nesta altura (Chambers *et al*, 2004).

Nesta altura alguns jornalistas homens, manifestaram-se contra esta entrada das mulheres no jornalismo, alguns afirmaram que o trabalho era demasiado difícil, que o stress da redacção ia fazê-las perder a sua feminilidade, que, em suma, não entendiam a escolha das mulheres pelo jornalismo (Chambers *et al*, 2004).

Durante as primeiras duas décadas do século XX, o número de mulheres jornalistas continuou a crescer nos Estados Unidos da América. As mulheres que conseguiam um emprego no jornalismo tinham elevados níveis de escolaridade. Este aumento aconteceu, também, em consequência da mudança do papel das mulheres nas sociedades dos Estados Unidos da América e do Reino Unido. Eram cada vez mais as pessoas com altos níveis de escolaridade e literacia, o que levou a uma necessidade de os jornais apelarem a um público mais vasto (Chambers *et al*, 2004).

« [...] Some women were forced to earn a living as writers and journalists because they were single and/or because their family's economic circumstances had declined. Others managed to move into journalism with the help of family connections as wives or daughters of male journalists. [...] » (Chambers *et al*, 2004: 14)

Já nos anos 70, as feministas que estudavam as questões de género nas universidades declararam como não provada e pouco provável a afirmação de que a condição física determinava, de forma arbitrária, o comportamento e a forma de pensar de um indivíduo, em concreto das mulheres. Estas investigadoras propuseram que o conceito de género estivesse associado a uma construção social do que é esperado de homens e mulheres, não das suas condições anatómicas ou biológicas. Passou, então, a existir uma diferenciação entre género e sexo. Esta distinção descartava as questões anatómicas como irrelevantes para determinar as capacidades intelectuais de homens e mulheres. Nesta linha de pensamento, os autores argumentam que se o domínio masculino era construído socialmente, então, era possível contrariar a situação das mulheres (Allan, 2005).

No caso da televisão, o trabalho de pivot tornou-se mais decorativo concebido para ser feito por mulheres e destinado a uma audiência masculina. As mulheres jornalistas são levadas a atrair também a audiência feminina, com uma cobertura dos acontecimentos mais humana, suavizada e feminina (Allan, 2005).

As mulheres eram muitas vezes pressionadas pelas forças do que o mercado e a concorrência ditavam. Com efeito, já muitas mulheres foram contratadas com base na sua aparência, sendo que já foram também criticadas quando consideradas demasiado 'sexy' (Allan, 2005).

“In the 1970s NBC's 'golden girl' Jessica Savitch (by her own admission) was promoted – beyond her ability – because of her beauty. In the 1980s Christine Craft was fired for

being ‘too ugly’, despite the coaching ordered by her television station on jewellery, cosmetics and clothing. In 2002, to promote its top anchor Paula Zahn, CNN ran – until roundly criticized – an advertisement asking ‘Where can you find a morning news anchor who’s provocative, super-smart, oh yeah, and just a little bit sexy?’” (Allan, 2005: 51)

Em 1995, na World Conference on Women, 189 membros das Nações Unidas decidiram várias ações no sentido de melhorar a forma como as mulheres são representadas nos *media* e como os meios de comunicação podem melhor contribuir para a equidade de género com medidas como o aumento do número de mulheres nos *media* e mais representação das mulheres como líderes.

«Women have an equal right to participate in public debate, including in the media, and offer insights and ideas that must be heard. Everyone deserves to live free from the burden of harmful gender stereotypes. The media shapes our world—but so do women, as powerful agents of change in all areas of society. It is time for media to reflect this reality. (Women and the Media, UN Women, 2015?)»

No terceiro programa de Acção Comunitária sobre Igualdade de Oportunidades, entre 1991-1995, a União Europeia quis reforçar a imagem e participação feminina nos *media* como uma forma de melhorar o estatuto social da mulher. De acordo com a UE, dado o papel fundamental que os *media* desempenham na opinião pública, era essencial que mais mulheres ocupassem lugares de tomada de decisão (Subtil, 1995).

A emergência do chamado *new journalism*, proeminente nos Estados Unidos da América, veio ajudar à afirmação das mulheres no jornalismo. Esta nova forma de ver o jornalismo fundiu duas tradições: a forma mais literária e formal de fazer jornalismo e os jornais mais marcados pelo jornalismo de grandes títulos e imagens de cariz mais popular. Este *new journalism* era caracterizado por estilo mais semelhante ao que hoje vemos nos jornais, um abrangendo um espectro alargado dos temas que já eram tratados. Com isto, os jornais pretendiam aumentar as vendas ao apelar a um público maior. Era também preciso aumentar os lucros através da publicidade, o que fez com que os anúncios ocupassem uma secção maior dos jornais (Chambers *et al*, 2004).

Este novo estilo, mais sensacionalista e emocional, pedia uma escrita diferente e que apelasse a um espectro muito maior e heterogéneo de leitores, o que correspondia à escrita e forma

de abordar as histórias que as mulheres tinham. Foi neste momento que as mulheres começaram a ser vistas como uma mais valia real no jornalismo (Chambers *et al*, 2004).

No caso das empresas de *media*, a desigualdade de género é ainda muito latente, apenas 27% dos cargos de chefia estão atribuídos a mulheres (Women and the Media, UN Women, 2015).

Segundo o Women in Journalism (2017), e se as tendências se confirmarem, a equidade de género será atingida dentro de 100 anos. Previsão que também se aplica ao jornalismo. No entanto, e apesar das medidas tomadas no sentido da equidade de género, este observatório realça que há problemas relacionados com a representação dos géneros, como a assunção de que as mulheres só se interessam por determinados temas, assédio sexual, ambientes laborais hostis, diferenças salariais e, também, questões relacionadas com a vida familiar das mulheres (gravidez, licença de maternidade).

De acordo com o estudo feito por este Observatório, sobre alguns jornais do Reino Unido, o progresso feito entre 2012 e 2017, quanto ao número de mulheres a escrever em jornais e assinar artigos, foi muito pouco ou, em alguns casos, inexistente. É verdade que existem mais jornalistas a assinar artigos nos jornais, mas por uma margem muito reduzida. Em três jornais da Grã-Bretanha os números até reduziram, tal como aconteceu em Portugal, segundo a análise da presente dissertação.

Olhando para o cenário do Reino Unido, segundo este estudo, as mulheres escrevem menos histórias de capa de jornais porque estão menos presentes nas áreas que mais vezes fazem as manchetes, como, por exemplo, a política, a economia e o desporto. Este estudo concluiu que, no Reino Unido, pouco mudou entre 2012 e 2017 no que diz respeito às peças de capa assinadas por mulheres, registou-se um aumento de dois pontos percentuais nas mulheres a assinar peças de manchete. Além disto, há também uma grande diferença nos tipos de histórias escritas por homens e mulheres. Os temas mais ‘leves’ são, geralmente, remetidos para as jornalistas (Mills *et al*, 2017).

O estudo termina por concluir que ainda existem muitas questões por resolver, nomeadamente na forma com as mulheres são vistas pelo próprio jornalismo e na forma

como as jornalistas ainda são julgadas e escolhidas com base na sua aparência (Mills *et al*, 2017).

Existia a percepção, entre os jornalistas, de que se esperava que a masculinidade e feminilidade regulavam grande parte dos aspectos da vida das pessoas e determinavam certos *standards* na sociedade que acabavam por desencadear uma linguagem própria (Allan, 2005).

No entanto, as investigações realizadas sobre os géneros não mostraram provas de que homens e mulheres tinham um comportamento diferente nos seus papéis numa redacção. As jornalistas recusam a ideia de que o género determina a forma de fazer jornalismo, como estilo de escrita e de fazer entrevistas. Mas, por outro lado, as jornalistas sentiam que, quando contratadas em números que podiam fazer diferença, a forma de recrutamento de novos profissionais e a forma tradicional de escrever notícias ainda representava práticas de cariz sexista. No fundo, perpetuava-se a lógica de que, havendo a percepção de que a vida das mulheres era mais ligada à família e à vida doméstica, as jornalistas viam o valor noticioso de forma diferente (Allan, 2005).

Género e sexo têm sido tratados como algo que é igual, quando não o são. Muitos autores, como é o caso de John Gray PhD, argumentam que género feminino e masculino são inevitavelmente diferentes, com expressões como “sexos opostos”. Mais tarde, esta distinção mais rígida evoluiu para uma aceitação das diferenças naturais entre os sexos. A autora refere também o debate que existe sobre o lugar das mulheres no jornalismo, isto é: se são um grupo diferente por si só, diferentes dos homens, se têm uma sensibilidade distinta ou mesmo se a diferença entre géneros no jornalismo é apenas e só uma construção social. Ainda assim, a autora defende que uma vez atingido um número relevante de mulheres nas redacções, as jornalistas conseguiram trazer histórias e abordagens diferentes para a audiência feminina e questiona se haverá algum momento da história do jornalismo em que o género seja irrelevante (Allan, 2005).

## 2.1 O panorama em Portugal

No relatório de 2015, elaborado pelo Global Media Monitoring Project, é assumida a tendência mundial de haver cada vez mais mulheres jornalistas.

O cenário em Portugal transformou-se de forma diferente e mais lenta. Ao longo dos anos, até à revolução, em 1974, o crescimento dos profissionais a trabalhar nesta área foi escasso, como seria de esperar numa altura em que a liberdade de imprensa era reduzida (Garcia, 2009).

Ainda que algumas mudanças ocorridas nos anos 60, particularmente marcados pela candidatura do general Humberto Delgado, em 1959, deram um impulso aos *media* para um funcionamento de âmbito mais comercial que permitiu que os meios de comunicação não estivessem tão subjugados ao Estado. É o 25 de Abril que marca uma nova etapa para a profissão. A vida democrática bem como um modelo económico cujo crescimento beneficiava novas empresas de *media* propiciou o crescimento da profissão e a profissionalização dos jornalistas, que até então era praticamente inexistente. Após um período de turbulência, em que os jornais e restantes meios de comunicação se adaptavam ao novo panorama português, é a partir de meados da década de 1980 que se começa a traçar o jornalismo que vai vigorar em Portugal durante largos anos (Garcia, 2009).

«Cinco traços principais permitem esboçar a situação nessa altura: (a) o declínio do jornalismo estreitamente vinculado aos partidos políticos, substituído por um modelo informativo com afinidades com o praticado na Europa; (b) a implantação de uma lógica comercial de concorrência sem entraves, em que os eventuais subsídios estatais são acessórios, e os vários órgãos de imprensa escrita e audiovisual dependem da sua capacidade de se imporem no mercado, da publicidade angariada e da existência de fortes suportes financeiros; (c) o desenvolvimento de projectos empresariais e a sua progressiva concentração, de características multidimensionais, recobrando por vezes a reunião de grupos com poder económico e político, a convergência de anunciantes, a acumulação de fontes organizadas e a agregação de camadas de leitores; (d) a participação de capitais internacionais; (e) a presença de novas formas de gestão comercial, edição electrónica/informática e interacção entre os universos comercial e técnico no sentido da permanente mudança de propostas informacionais.» (Garcia, 2009: 68)

Entre 1950 e 1970, poucas mulheres começaram a trabalhar como jornalistas. Segundo José Luís Garcia, ingressavam apenas duas mulheres por ano. De 1974 a 1987 esta tendência alterou-se, ingressaram na profissão 1206 homens e 324 mulheres, e em 1990 acentuou-se a

feminização do jornalismo com as mulheres a constituírem um quarto dos profissionais da área (Garcia, 2009).

Quase sem presença até 1974, as jornalistas representam agora cerca de 30% do total dos profissionais (Subtil, 1995). No estudo da Obercom, de 2017, estimava-se que estes números chegassem aos 48,2% de mulheres jornalistas (Crespo *et al*, 2017).

Os novos tipos de media e o aumento dos números de meios de comunicação levou a que o panorama mediático português se diversificasse e possibilitasse a entrada a mais jornalistas para as redacções, o que permitiu que a profissão se rejuvenescesse. Foi nos anos 80 que aconteceu uma grande entrada de jornalistas mulheres. Este maior ingresso na profissão aconteceu, numa primeira fase, em condições de precariedade através de estágios que, em alguns dos casos não eram remunerados. Há, nesta altura, uma diferença da escolaridade entre homens e mulheres no jornalismo. As mulheres chegam à profissão depois da faculdade, ou seja, com um grau de escolaridade maior (Subtil, 1995).

Tendo em conta a entrada posterior na profissão, as mulheres debateram-se também com a questão da antiguidade no jornalismo. O facto de os homens já terem mais anos de redacção podia ser visto como uma desvantagem para elas e dificultar a ingresso em pleno no jornalismo e também na ocupação dos lugares de chefia (Subtil, 1995).

Nos cursos de jornalismo, a presença feminina é ainda mais significativa, o que, segundo Subtil, pode ser um factor positivo para o crescimento da paridade nas redacções.

«Em 1960, as universitárias constituíram uma pequena minoria, representando apenas 29, 5% dos estudantes. A partir daquela data, têm crescido continuamente, sendo actualmente a maioria, atingindo quase os 60%» (Subtil, 1995: 2)

As análises feitas diziam que, além de todos os factores relacionados com a vida profissional da mulher já mencionados, havia ainda uma ligação muito forte e co-dependente entre a vida conjugal e a mulher, o que não permitia uma entrada e dedicação tão profundas no mundo laboral (Subtil, 1995).

Entre as décadas de 1960 e 1970 surgem as primeiras mulheres repórteres em Portugal. Na sua dissertação de mestrado, Isabel Ventura, menciona seis mulheres que se destacaram na

imprensa escrita: Alice Vieira, Edite Soeiro, Diana Andringa, Leonor Pinhão, Maria António Palla e Maria Teresa Horta. A autora descreveu estas mulheres como «casos paradigmáticos do jornalismo português» (Ventura, 2012: 30 *apud* Alvarez, 2013: 155) naquela época. Paradigmáticos porque, apesar do período político, que asfixiava o jornalismo, que o país atravessava e de uma sociedade profundamente sexista onde era incutida a ideia de que o papel da mulher era ser esposa, mãe e dona de casa e não seguir uma carreira, estas mulheres conseguiram destacar-se na sua actividade laboral (Ventura, 2012 *apud* Alvarez, 2013).

Para esta evolução no mundo do jornalismo foi, também, importante o aumento de mulheres jornalistas sindicalizadas, percentagem que em 1960 estava nos 2% e em 1980 atingiu os 10%. Foi também importante o aparecimento de novos grupos económicos que detinham alguns dos principais jornais e trouxeram uma nova lógica comercial que permitiu a entrada de jornalistas e estudantes universitários mais novos, onde havia cada vez mais mulheres, nas redacções (Ventura, 2012 *apud* Alvarez, 2013).

A forte escolarização das jornalistas portuguesas não se repercute, todavia, na ocupação de posições cimeiras no interior das redacções. A tendência para a crescente visibilidade das jornalistas, resultante da sua crescente presença no “mundo da comunicação” e nas redacções, dando-lhes uma imagem moderna, não tem correspondido à transformação das estruturas de hierarquia e organização do trabalho jornalístico. Existem, sim, mais mulheres nos cargos de estagiárias, nos chamados cargos de execução do que nos cargos de topo (Subtil, 1995)

Nas revistas de cariz feminino elas estão, substancialmente, mais representadas do que eles. A entrada das mulheres no mundo do jornalismo, deve ser analisada à luz da evolução dos níveis de escolarização nas mulheres que contribuiu para uma maior profissionalização feminina nas últimas décadas. As mulheres deixaram de estar presas ao espaço de trabalho doméstico e passaram a envolver-se no mundo profissional e corporativo que levou a um aumento para o dobro da taxa de profissionalização feminina, fenómeno ainda mais visível nas camadas etárias mais jovens (Subtil, 1995).

Filipa Subtil (1995) afirma que a maioria faz mulheres que são directoras de meios de comunicação, fazem-no em meios dirigidos ao público feminino e, mesmo dentro das

redacções, são menos as que sobem a um cargo de chefia. Isto significa que a evolução da participação das mulheres no jornalismo não é idêntica à sua evolução nos cargos de topo da profissão, cenário ao observado no resto do mundo, perspectiva que é corroborada por Isabel Ventura (2012, *apud* Alvarez, 2013) que determinou o acesso cargos de chefia uma causa próxima das mulheres jornalistas.

Em 2014, e segundo dados da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ), as mulheres representavam já 53,9% do total de profissionais desta área com menos de 40 anos. Este processo aconteceu, em grande parte, devido ao aumento de raparigas nos cursos de comunicação social. Há, no entanto, um contraste entre um jornalismo com cada vez mais mulheres licenciadas, devido a um aumento de mulheres nos cursos de comunicação social e aquelas que ascendem a cargos de topo na profissão (Miranda, 2017).

### 3. Jornalismo desportivo: evolução e papel das jornalistas

#### 3.1 O que mudou e como evoluiu o jornalismo desportivo

«[...] There are few words in the English language which have such a multiplicity of divergent meaning as . . . sports [...]»  
(H. Graves, 1974 *apud* Steen, 2015: 19)

O fascínio com o desporto e com os eventos desportivos esteve desde cedo na sociedade e teve desde do século XIX um crescimento exponencial (Steen, 2015). Foi nas revistas *Bell's Life*, *Weekly Dispatch*, *English Sporting Magazine* e *London Sporting Magazine*, todas britânicas, que se mostrou interesse no desporto de uma forma mais demarcada, do ponto de vista dos meios de comunicação (Boyle 2006). Este interesse começou pelos desportos associados ao lazer e a uma classe socioeconómica mais alta (Boyle, 2006).

No Reino Unido, o jornalismo desportivo começou por ser uma forma de anunciar eventos e regras do desporto, particularmente dos desportos associados às classes socioeconómicas mais elevadas. As apostas, cujas *odds* e informações eram publicadas nos jornais, foram, também, outro factor que permitiu sustentar financeiramente a imprensa focada no desporto (Boyle e Haynes, 2009).

Ainda assim, Raymond Boyle (2006) argumenta que foi nos Estados Unidos da América que o jornalismo desportivo começou a desenvolver-se e a ganhar forma. O mesmo autor justifica este fenómeno com o facto de que os *media* americanos estarem direccionados para um modelo de negócio privado com índole mais comercial, ao contrário do que se passava no Reino Unido, onde o modelo público para os *media* ainda era o mais comum. Já no final do século XIX o panorama mediático dos *media* ingleses tinha sofrido alterações e passado a ter um propósito mais comercial, tendo como um dos motores das vendas o desporto (Boyle 2006).

« By the end of the 19th century, newspapers in the UK were increasingly commercial, partisan and national commodities, and sports coverage was recognised as one of the elements that helped to drive sales. » (Boyle, 2006: 32)

Boyle e Haynes (2009) alegam que, ao contrário do que se observava em Inglaterra, mas a par do acontecia nos Estados Unidos, a Europa continental tinha já uma crescente imprensa de desporto diária, de que é exemplo o *Gazzetta dello Sport*, em Itália, que subsiste até hoje e cuja existência surgiu da fusão de dois outros jornais sobre ciclismo.

« As with its British counterparts, the Gazzetta began to sponsor sporting events, the inauguration of the cycling race, Giro Ciclistico, fostering closer ties between sport and the press. Today the Gazzetta enjoys an unprecedented position in the Italian press having embedded itself in the daily culture of Italian newspaper readers and it has gained in recognition abroad with the spread of interest in Italian football which has been facilitated by increased television coverage. » (Boyle e Haynes, 2009: 25)

Não seria, no entanto, até aos 30 do século XX que as secções de desporto ganhariam um espaço nos jornais americanos como hoje as conhecemos. Nos Estados Unidos começava a haver uma distinção para os repórteres de desporto como elementos diferenciadores na redacção pois eram capazes de incorporar a narrativa que estavam a escrever, fenómeno que não acontecia com as outras narrativas mediáticas e noutros países. Nos anos 60 ainda se olhava com alguma desconfiança para os jornalistas de desporto. Ainda assim estes profissionais já eram reconhecidos pelo público pois trabalhavam nos meios por onde mais se vinculavam as notícias de desporto, a rádio e os jornais, onde os jornalistas desempenhavam um papel particularmente importante, pois cabia-lhes descrever o evento para uma audiência que não o estava a ver. (Boyle, 2006)

These sportswriters operated in an age when the printed word and later radio were the key cultural forms through which sport was mediated and made sense of for millions of readers and listeners. (Boyle, 2006: 33)

Este paradigma mudou com a cobertura televisiva de eventos desportivos nos anos 50, nos Estados Unidos e nos anos 60, em Inglaterra. Esta mudança provocou, também, alterações nos *media* impressos. Foi nesta altura que os *media* britânicos com algum tipo de foco no desporto começaram a adoptar uma estratégia mais comercial na sua forma de apresentar as reportagens. Visto que, com a chegada da televisão já não guardavam o exclusivo de reportar os eventos, começou a existir um especial interesse em mostrar as pessoas por detrás dos atletas e os bastidores dos eventos, aquilo a que o público não tinha, à partida, acesso.

Até aos anos 80 havia uma relação relativamente próxima com as fontes, jogadores, agentes, responsáveis pelos clubes, por exemplo. (Boyle, 2006) Raymond Boyle (2006) argumenta que isto aconteceu com o aumento do fosso financeiro e cultural entre os jornalistas da imprensa desportiva e os jogadores mais importantes dos clubes sobre os quais se noticiava. O estatuto de estrelas/celebridades atribuído a jogadores de futebol e a treinadores intensificou-se nos anos 80 e levou a que, por força de um mercado cada vez mais competitivo e orientado para o sensacionalismo, a linha entre facto/notícia e comentário desportivo se tornasse mais cinzenta. Foi desde esta altura que o desporto, e em particular o futebol, cimentou a sua importância como o produto dos *media*, importância que mantém até aos dias de hoje.

One of the key factors reshaping the wider environment within which sports journalism in the UK operated at this time was the gradual re-regulation of British broadcasting that began in the 1980s and increasingly positioned the market, as opposed to public service, at its core. As sport, and football in particular, became the 'key media product' of the 1990s this had a significant impact on print media football journalists. (Boyle, 2006: 46)

A era digital veio trazer mais oportunidades de emprego aos jornalistas do desporto (Steen, 2005). Raymond Boyle (2006) refere que, com o declínio da imprensa desportiva, as oportunidades vão estar no digital e que o ambiente *online* é o futuro do jornalismo escrito, ainda que admita que este processo de transição da imprensa nem sempre seja pacífico. É, também, importante avaliar a temática da velocidade a que tudo se processa no *online*, particularmente com os clubes, as federações e os meios de comunicação a passarem a estar presentes no panorama *online* respondendo a uma necessidade cada vez maior do público ser informado frequentemente sobre novas informações desportivas (Steen, 2005) e a um ritmo mais acelerado, 24h/7, num ambiente que o conteúdo é quase infinito (Boyle 2006) e numa era em que é quase proibido ser-se 'aborrecido', correndo o risco de perder a atenção do leitor (Boyle e Haynes, 2009).

Com a globalização e digitalização dos *media*, os eventos desportivos globais ganharam outra dimensão. Há uma crescente necessidade em falar directamente às audiências, que é conseguido através dos canais de comunicação digitais. No entanto, enquanto Steen (2005) afirma que no jornalismo desportivo o acesso às fontes é facilitado porque os jornalistas conhecem os *stakeholders* mais facilmente, pois trata-se de um jornalismo especializado,

Raymond Boyle (2006) refere que o acesso às fontes nesta área torna-se complicado pois com a digitalização os próprios clubes desportivos passaram a fazer o contacto com o público através dos seus canais oficiais, fenómeno que, na opinião do autor, reduziu as linhas de comunicação com os jornalistas.

Não há muito tempo a editoria de desporto era vista como uma editoria de trabalho menos exigente e séria, visão corroborada por Raymond Boyle (2006), mas que esteve presente em muitos aspectos da vida em sociedade, ainda que indirectamente (Steen, 2015). Rob Steen (2015) dá o exemplo das metáforas desportivas utilizadas por políticos no seu discurso e compara a linguagem do desporto a uma espécie de idioma universal capaz de estabelecer uma comunicação eficaz com uma audiência heterogénea de todas as classes socioeconómicas. Outra das características do jornalismo desportivo é que os jornalistas desta área tendem a ficar menos tempo nas redacções enquanto vão cobrir eventos ou conferências de imprensa (Boyle, 2006), perspectiva também corroborada por Cathy Strong (2007).

Raymond Boyle (2006) afirma que, apesar ser vista como uma área do jornalismo menos nobre, o desporto é, nos *media*, um motor financeiro.

Rob Steen teoriza sobre o interesse dos *media* no desporto. Este autor afirma que as *hard news* são imprevisíveis e, muitas vezes, não despertam o interesse do público, enquanto que o desporto é visto como uma actividade de lazer e cujas datas dos grandes eventos são desvendadas com alguma antecedência, perspectiva corroborada por Raymond Boyle (2006) que considera o jornalismo de desporto uma actividade de rotina.

É, também, uma área onde a especialização é particularmente necessária, o mesmo autor argumenta que o público do desporto tende a adquirir um conhecimento acima da média sobre determinada actividade desportiva e que isto requer dos jornalistas um grau de especialização elevado (Steen, 2006). É, também por isso, uma das áreas onde o público é mais exigente com os jornalistas.

«Sports journalists, furthermore, are caught in a particularly difficult bind because of the different, sometimes contradictory professional demands made on them; they are expected, often at the same time, to be objective reporters, critical investigators,

apologists for sports and teams, representatives of fans, and, not unusually, to have performed in sport at elite levels. » (Rowe, 1999: 37 *apud* Boyle, 2006: 15)

Há, nos dias que correm, uma multiplicidade de narrativas de *media* sobre desporto. (Steen, 2015) Uma característica importante de salientar em relação ao público do desporto é a sua lealdade, que é uma das razões que motiva a importância de ter uma redacção com um jornalismo desportivo atrativo que fidelize o público ao meio de comunicação. O desporto é também fonte de grandes receitas de publicidade e, assim, vital para a sobrevivência financeira das redacções (Chambers *et al*, 2004). Em 2005, Phil Andrews argumentava que nos *media* de Inglaterra, e de outros países anglo-saxónicos, o desporto era um sector em franco crescimento, onde os jornalistas eram bem pagos quando comparados com os colegas de outras áreas, enquanto que, há alguns anos, as reportagens sobre desporto estavam confinadas a pouco espaço nas últimas páginas do jornal. Esta área tornou-se fundamental, em termos financeiros e não só, para a sobrevivência dos meios de comunicação (Andrews, 2005). Ainda que ao desporto sejam associados fenómenos negativos como a corrupção, o *dopping*, violência, racismo e sexismo, a tendência da forma como se olha a desporto continua a ser de admiração e não de condenação.

### 3.2 O caminho percorrido pelas jornalistas no jornalismo desportivo

« Sports news is home to one of the most intense and most historically enduring gender divisions in journalism, in terms of who is permitted to cover which sports as journalists, how athletes are covered as well as in terms of which genders are served as audiences. »  
(Chambers, 2004: 98)

Relacionar o número reduzido de mulheres na área do jornalismo desportivo com algum tipo de fenómeno que o justifique tem sido um desafio ao longo dos anos. Desde o momento em que algumas mulheres conseguiram entrar no mundo do jornalismo e, mais tarde, do jornalismo desportivo, a sua permanência nesta área, tipicamente mais associada a homens, nunca foi pacífica.

Midy Morgan é reconhecida com uma das primeiras jornalistas de desporto que, *circa* 1869, cobriu corridas de cavalos para o *New York Time*, nos Estados Unidos da América, país em que surgiram a maior parte das jornalistas do desporto nesta época, onde o preconceito com o trabalho destas jornalistas surgiu desde cedo. (Boyle, 2005)

« Contrary to the impression conveyed by many scholars and members of the popular press, women's participation in the field of sports journalism is not a new or relatively recent phenomenon. Rather, the widespread emergence of female sports reporters can be traced to the 1920s, when gender-based notions about employment and physicality changed substantially. Those changes, together with a growing leisure class that demanded expanded newspaper coverage of athletic heroes, allowed as many as thirty-five female journalists to make inroads as sports reporters at major metropolitan newspapers during the 1920s. » (Kaszuba, 2003 *apud* Boyle, 2005: 148)

Nos anos 70 do século XX, as jornalistas queixavam-se de que não lhes eram atribuídos trabalhos com grau de relevância elevado, queixavam-se, também, de não serem levadas a sério pelos colegas. Havia ainda a questão do acesso às entrevistas nos balneários das equipas masculinas, acesso esse que, muitas vezes, era negado às jornalistas. (Miller e Miller, 1995)

«[...] the six female respondents, all of whom worked in sports department of major daily newspapers in the Southwestern United States, reported that they were given less desirable assignments, that they often had trouble being taken seriously, and that they were continuing to fight battles for equal access to locker room interviews. [...]» (Miller e Miller, 1995: 883)

A discussão sobre a entrada nos balneários teve o seu apogeu, em 1978, com o incidente que levou a Time Inc. a processar os *New York Yankees* depois de ter sido negado o acesso ao balneário da equipa à jornalista Melissa Ludtke. As jornalistas reclamaram o direito de aceder aos balneários para entrevistas enquanto os dirigentes argumentavam que as mulheres podiam esperar pelos jogadores no exterior do balneário, mas não entrar. Este processo levou a que fosse garantida às mulheres a entrada neste recinto, mas os problemas não terminaram aqui. Mais tarde, a repórter Lisa Olson foi assediada pela equipa de futebol americano *New England Patriots*, incidente que provocou controvérsia a nível nacional e que levou a jornalista a abandonar o jornalismo desportivo (Antuvonic, 2019).

« In response to locker room incidents and sexual harassment, a group of women in sports journalism established the Association for Women in Sports Media (Creedon 1994), an advocacy organization which still remains active and provides resources for women. » (Antuvonic, 2019)

Robin Herman, a primeira jornalista de desporto do *The New York Times*, conta que quando os leitores tiveram a percepção de que era uma mulher quem escrevia os artigos de desporto, recebeu várias “cartas” que davam conta de uma grande aversão à ideia de uma mulher

jornalista de desporto, a sua entrada numa profissão tradicionalmente associada a homens foi vista como uma afronta (Herman, 2013).

«After I "broke the locker room barrier" in 1975, the fan mail receded the hate mail started. I was 'a whore,' 'a prostitute,' a 'women's libber!' Perhaps readers had previously assumed I was male. A woman had dared join a men's profession and had breached the male athletes' exclusive lair [...]» (Herman, 2013)

Num estudo feito em 1983 na Nova Zelândia, verificou-se que nas redacções as mulheres estavam em número equilibrado com o dos homens, mas Cathy Strong argumenta que este equilíbrio não era real, pois as jornalistas não estavam nos cargos com influência nas decisões das redacções, cenário que se manteve nos dados actualizados (Strong, 2007) e que corrobora a ideia de que é nos cargos de chefia que se concentravam as maiores desigualdades, cenário que parece ainda persistir até hoje.

Em *Women and Journalism*, é referenciado um inquérito que, em 1993, revelou que a maioria dos membros da Association of Women in Sports Media, acreditava que as mulheres eram alvos de linguagem sexista por parte dos seus colegas de trabalho, em comparação com outras áreas do jornalismo que não o desporto (Chambers et al, 2004).

Em 1995, os estudiosos da área assumiam que, uma vez que as jornalistas no desporto estavam a aumentar, isso significava que a sua aceitação no jornalismo desportivo evoluía também de acordo com a sua participação. No entanto, havia já a percepção de que as mulheres conseguiam entrar no jornalismo desportivo, mas tinham dificuldade em afirmar-se na área. (Miller e Miller, 1995)

Research suggests that women are appearing in sports newsrooms across the nation in increasing numbers. However, even though their numbers are growing, once they are on the payroll, female sports reporters say that they are, for all practical purposes, ignored. (Miller e Miller, 1995: 883)

Em 2006, estimava-se que a percentagem de mulheres nos jornais de desporto americanos estivesse nos 11%, valor mais baixo se comparado com as mulheres nas redacções generalistas: 39%, numa altura em que já se identificava que existiam poucas mulheres editoras de desporto. Esta questão está, também, interligada com a maior cobertura de equipas desportivas masculinas. (Hardin e Schain, 2006)

Chambers *et al* (2004) argumenta que a ideia de que as mulheres devem escrever sobre mulheres ajudou à desvalorização do desporto feminino, cuja depreciação decorre, também, da depreciação de quem o reporta, as jornalistas.

«Moreover, the general notion that women reporters should be confined to writing about women for women has carried over into sports. Not surprisingly, the secondary status of women's sports results in secondary status for those who report on them—invariably women.» (Chambers, 2004: 99)

Em 2009, Raymond Boyle escreveu sobre a percepção de que caso não estejam representadas na televisão, a imprensa não terá público para ler as suas peças (Boyle, 2009), que é uma possível justificação para que existam menos mulheres na imprensa e mais na televisão.

There is also a strong recognition that, as long as female sports do not gain more television exposure, they will remain under-reported by the print media, which assume that there is not a readership for them. (Boyle, 2009: 134)

No Reino Unido, Adam Sherwin escreveu sobre o relato da jornalista Gabby Logan que afirmou que a cadeia de televisão *Sky Sports* tratava as *pivots* de programas de desporto como uma espécie de montra para o público masculino. O autor destacou a forma como as jornalistas se vestiam para entrar no ar. Estas alegações foram, na altura, rejeitadas pela *Sky Sports* que revelou que as mulheres representavam 30% da sua equipa de produção.

Asked by Radio Times if the Sky Sports women were being used as “window dressing”, Mrs Logan replied: “The girls are basically wearing a leotard while the bloke’s in a suit and a tie. It’s fine if they’re given a career path, but there have never been any big breakthrough women on Sky. We all have to go to other places.” (Logan, 2013 *apud* Adam Sherwin, 2013)

### 3.3 Quem quer ser jornalista de desporto?

Algumas jornalistas continuam a contar episódios de alguma discriminação, mas afirmam que, curiosamente, essa discriminação vem mais do exterior, do público. Nas entrevistas realizadas por Liliana Pêgo (2015), é perceptível que as jornalistas se sentem à vontade no seu meio laboral e, ao contrário de discriminação negativa, algumas contam episódios em

que as capacidades se sobrepuseram ao género, e que essa tem sido a tendência nos últimos anos. Cátia Colaça conta, ainda no contexto das entrevistas realizadas por Liliana Pêgo (2015), como lhe foi oferecida uma posição num jornal desportivo.

«[...] Mas por acaso, quando vim estagiar, vim com um colega rapaz. Entrámos os dois no mesmo dia, estagiámos três meses, terminámos no mesmo dia e por acaso tive a sorte de depois ser chamada e ele não. Não creio que tenha sido discriminada pela positiva, ‘naquela’ de dar a hipótese à mulher. É só uma curiosidade.» (Pêgo, 2015, p. 110)

Na sua análise a este tópico, Suzanne Franks e Deirdre O’Neill (2015) afirmam que o número de mulheres no jornalismo desportivo continua relativamente baixo em comparação com as outras áreas do jornalismo, e afirma também que o cenário é pior quando especificamos a análise às reportagens realizadas nesta área que continuam a ser dominadas por homens, como explica no seu artigo *Women reporting sports: Still a man's game?*. Importa demorar um pouco sobre este último pois serviu de inspiração metodológica para a presente análise.

«The number of women who enter into sports journalism is still relatively low, and this particular area of reporting remains a predominantly male-dominated speciality in countries all over the world» (Franks e O’Neill, 2015, p.7).

Além disto, tendo como referência a cobertura jornalística dos Jogos Olímpicos de 2012, Franks (2015) conclui que ainda existe um fosso entre o número de mulheres e homens no jornalismo desportivo, ou seja, continua a ser uma área de grande diferença entre os géneros.

«[...] it is safe to conclude that less than a mere 2 per cent of sports stories (1.8 per cent) are written by women, [...] substantiates Chambers et al’s view that sports journalism is one of the ‘most historically enduring gender divisions in journalism’ [...]» (Franks e O’Neill, 2015: 19)

A Parte A deste estudo, iria corresponder à análise dos jornais do Reino Unido. Deste modo, são analisados os artigos de desporto assinados por jornalistas mulheres ao longo de duas semanas do ano de 2012 (Franks e O’Neill, 2015).

Para tal, foram escolhidos vários jornais britânicos: *Daily Mail*, *The Sun*, *Daily Mirror*, isto é, os chamados tabloides (jornais com grandes números de vendas, considerados mais sensacionalistas e com um público-alvo com menor escolarização e estatuto social e económico) e *The Independent*, *Times* e *The Telegraph*, os *broadsheets* (publicações com

menores vendas mas com um público alvo mais escolarizado e de estatuto social e económico mais elevado), com o objectivo de obter dados de vários tipos de publicações. Com estas escolhas o propósito era obter um panorama mais abrangente sobre a questão em estudo. Para esta primeira parte da investigação era colocada a hipótese de que a visibilidade das mulheres nas secções de desporto destes jornais seria reduzida (Franks e O'Neill, 2015).

A Parte B centrava-se numa análise semelhante, mas focada nos seis meses anteriores e seguintes aos Jogos Olímpicos de 2012, que decorreram em Londres, comparando os dados obtidos com dados do ano de 2002. Com isto, os autores pretenderam relacionar o evento desportivo de grande relevância com uma possível influência na visibilidade das mulheres no jornalismo desportivo (Franks e O'Neill, 2015).

O estudo concluiu que a hipótese apresentada na Parte A da investigação se confirmava. Em todos os 6 jornais britânicos registou-se uma proporção baixa de artigos assinados por mulheres (2,3 por cento, tendo em conta os dois períodos analisados). Além disto, os autores também concluíram que o número de jornalistas mulheres não estava distribuído igualmente por todas as edições dos jornais tidas em conta durante a investigação, isto é, em 45 das 84 edições analisadas não existia um único artigo assinado por uma mulher. Assim a visibilidade de homens jornalistas nas publicações analisadas é superior à das mulheres por um rácio de sensivelmente 43:1. Os autores compararam os dados obtidos com dados de publicações de outros países e verificaram que os resultados encontrados noutras regiões do globo eram substancialmente melhores que os registados no Reino Unido. Foi também concluído que não existiam diferenças significativas entre os resultados dos tabloides *versus* os resultados dos *broadsheets*. Entre os dois períodos de sete dias analisados foi também possível verificar que alguns jornais eram inconsistentes (entre um período e outro) no que diz respeito ao número de artigos assinados por jornalistas mulheres (Franks e O'Neill, 2015).

No que concerne a Parte B do estudo, os autores verificaram que entre 2002 e 2012 não se deu um aumento tão significativo das mulheres jornalistas de desporto como inicialmente se pensava. Só o *The Guardian/Observer* e o *Daily Mail/Mail on Sunday* aumentaram o número de mulheres jornalistas de desporto e só em 2013 o *Mail on Sunday* tinha apontado Alison Kervin como a primeira mulher editora de desporto num jornal de âmbito nacional no Reino

Unido. Sobre esta segunda parte a investigação conclui que a hipótese de que os Jogos Olímpicos tivessem algum impacto positivo nesta questão não se verificou, apesar de se ter registado um ligeiro aumento nas jornalistas de desporto depois dos Jogos Olímpicos, os investigadores consideraram que esse aumento tinha pouco significado. Era também proposto que entre 2002 e 2012 tinha existido um aumento relevante de mulheres jornalistas a tratar o desporto: tal não se confirmou. Quando confrontados os dados dos dois anos em questão (por forma a construir um panorama mais alargado) verificou-se que o aumento teve pouca expressão e que em muitos casos se tinha registado uma estagnação ou decréscimo destes números (Franks e O'Neill, 2015).

Com todos estes dados, os autores tentam explicar as possíveis razões porque existem tão poucas jornalistas nesta área. Deste modo, a questão é dividida em duas partes, como já Catherine Strong (2007) tinha feito. A primeira é se as jornalistas não vêem no desporto uma área atrativa e isto pode dever-se a um conjunto variado de factores. Segundos os autores, uma solução para esta questão será melhorar o trabalho das universidades e das pessoas que fazem aconselhamento de carreiras no sentido de informar que o desporto é uma área disponível para as mulheres, até mesmo criar especializações em jornalismo desportivo. Por outro lado, as jornalistas podem sentir que o facto de os homens estarem em maioria as desencoraja de uma carreira no desporto e acaba por criar menos oportunidades de trabalho, principalmente num desporto como o futebol, que é o mais mediatizado. É ainda referido, quando mencionadas as diferenças entre a realidade britânica e dos outros países, que a falta de jornalistas mulheres no desporto se pode dever à falta de “modelos”, situação que é distinta, por exemplo, da dos Estados Unidos, que tem várias personalidades femininas que se distinguiram na área do desporto e, por isso, tratar-se de um país onde a disparidade de género nesta área não é tão evidente como no Reino Unido. Apesar disto os autores não descartam outros factores que estejam associados à disparidade de género no jornalismo desportivo (Franks e O'Neill, 2015).

Hardin e Schain (2006) argumentam que as redacções são ambientes extremamente hierarquizados onde é imposta aquilo a que chamam uma cultura de redacção tipicamente associada à liderança masculina: agressiva, perspectiva suportada, novamente, por Hardin *et al*, em 2008. As mesmas autoras (Hardin e Schain, 2006) defendem que, muitas vezes, as mulheres, quando chegadas a um cargo de chefia no jornalismo, adoptam uma postura

agressiva por forma a incorporar os valores masculinos da redacção. Este ponto é importante pois corrobora uma questão levantada por Vinnicombre e Colwill (1995), que afirmam que os estilos de liderança entre géneros são diferentes e que há a percepção de que a liderança feminina é mais delicada e emocional, apesar de van Zoonen (1994 *apud* Hardin *et al*, 2008: 69) argumentar que poucas diferenças há na forma como homens e mulheres abordam as notícias e atribuem valor noticioso.

«Not surprisingly, women in journalism management positions often adopt a thick-skinned approach to newsgathering in order to climb through the ranks (Chambers et al., 2004). One strategy of women in newsrooms is that of incorporation - working to be perceived as “one of the boys” and adopting masculine values and practices. » (Hardin e Schain, 2006: 324)

Como já mencionado anteriormente (Miranda, 2017 e Pêgo, 2015) é paradoxal o número de mulheres que entram nos cursos de comunicação social (tendencialmente mais elevado do que o dos homens). Em 2008, Hardin *et al* já problematizavam a questão do número reduzido de mulheres no jornalismo desportivo. É contraditório que estes valores sejam reduzidos, principalmente com o evoluir das carreiras das jornalistas.

«Ironically, women in the field report high satisfaction (Hardin & Shain, 2005). Why, then, do so few women stay? Research has pointed to the social construction of gender and its institutional manifestation as reasons (Coventry, 2004). Other reasons may be harassment and discrimination or the long hours [...]» (Hardin *et al*, 2008: 69)

Quando refere a construção social de género, Hardin parece referir-se ao facto de o jornalismo desportivo estar, frequentemente, associado a homens (Hardin *et al*, 2008). De acordo com a Associated Press, mais de 90% dos editores desportivos são homens e mais de 85% dos colunistas são, também, do sexo masculino (Antuvonic, 2019).

Na era do *online*, são várias as jornalistas que afirmaram já ter sido alvo de sexismo redes sociais e que isso as afastava da profissão (Everbach 2018 *apud* Antuvonic, 2019) Este casos de assédio *online* levaram ao lançamento da campanha #MoreThanMean (#MaisDoQueMau), lançada pela organização de *media* independente *Just Not Sports*, que consistiu num vídeo onde homens liam *tweets* direccionados a mulheres jornalistas de desporto e mostravam a sua indignação quando confrontados com a agressividade das

mensagens. O vídeo rapidamente atingiu milhões de visualizações e tornou-se numa forma de sensibilização e alerta para as forma violenta como as jornalistas são abordadas nas redes sociais.

«The guys learn some tweets are #MoreThanMean ... they're harassment” (Just Not Sports 2016). In the video, several men [...] read comments from the journalists’ Twitter accounts on a phone or a tablet. The Tweets include abusive language, derogatory sexual comments, and death threats. The men hesitate to read, stumble upon their words, and apologize to the journalists. [...] Within weeks the #MoreThanMean video reached over 3.7 million views on YouTube. [...] Mainstream media outlets in the USA and the UK, as well as online-only media outlets, shared the video and engaged in the conversation about the issue. The campaign received overwhelmingly positive coverage.» (Antuvonic, 2019: 433)

# Parte II

## 4. Metodologia

### 4.1 Desenho Metodológico

Esta investigação pretende estudar a participação das mulheres nas secções de desporto de três jornais generalistas: o *Correio da Manhã*, o *Diário de Notícias* e o *Público*. A análise será feita através do registo do número de artigos assinados por mulheres, nos três jornais mencionados, nos anos ímpares entre 2001 e 2017 inclusive. O propósito de fazer esta análise é ter uma percepção da visibilidade que as mulheres têm nesta área. Optou-se por este tipo de análise ao invés de contar apenas o número de mulheres pois avaliar o número de artigos assinados por mulheres oferece uma percepção mais aproximada da realidade da visibilidade que, de facto, as jornalistas têm nestas redacções (Strong & Hannis, 2007). A investigação descrita acima tem como objectivo responder à questão: “Qual a participação das mulheres nas redacções de desporto da imprensa generalista portuguesa?”. Tendo em atenção a pergunta de investigação e objectivos desta investigação, o uso de métodos mistos será o mais adequado neste estudo. Ou seja, nesta análise foram utilizados métodos quantitativos e qualitativos. A recolha feita para análise dos artigos assinados por mulheres integra os métodos quantitativos e qualitativos, insere-se, por isso ter elementos destas duas vertentes, nos métodos mistos (Creswell, 2013). Creswell (2013) define os métodos qualitativos como “a abordagem para explorar e entender o significado que indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano” (Creswell, 2013: 77), cujos resultados são obtidos através da análise de texto e imagem e estão presentes nas entrevistas realizadas. Ainda o mesmo autor define métodos quantitativos como uma “abordagem para testar teorias objectivas ao examinar a relação entre variáveis” (Creswell, 2013: 78) onde são utilizadas análises estatísticas, justamente os métodos utilizados para a análise dos números recolhidos relativos aos artigos assinados por mulheres nos jornais já mencionados. Assim, esta investigação reúne métodos de análise mistos. A análise feita aos jornais vai seguir os pressupostos utilizados por Franks e O’Neill (2015) que analisaram jornais do Reino Unido seguindo a mesma lógica de estudo da evolução do número de artigos de desporto assinados por mulheres e cujos resultados são analisados no subcapítulo 4.3. da presente dissertação.

Para esta investigação, onde se pretende analisar um conjunto de pessoas muito específico, mulheres jornalistas da área de desporto, a realização de entrevistas, presenciais ou por

telefone. Para a realização das entrevistas foram escolhidas jornalistas de diferentes dos três jornais escolhidos para análise, para que pudessem ajudar na compreensão dos dados obtidos na análise dos artigos. Não possível, em tempo útil, a realização de entrevistas com jornalistas do *Diário de Notícias*.

A relação das jornalistas com o mundo do desporto é melhor retratada através de entrevistas que permitam um relato em primeira mão daquelas que lidam com a realidade do meio nas suas carreiras, seja em relação a uma possível discriminação na área ou às oportunidades de emprego que são oferecidas às jornalistas no jornalismo desportivo. Saber as histórias de quem experienciou estas questões na primeira pessoa é fulcral para esta investigação. Além disto, a observação não participante vai permitir enquadrar o conteúdo das entrevistas *in loco*. A análise documental vai permitir a realização da segunda parte da investigação, isto é, a recolha de jornais para perceber a participação e a visibilidade das mulheres no jornalismo desportivo. Neste caso, o método é designado por sequencial-exploratório, trata-se da observação de artigos de jornais que servem de base para obter dados quantitativos – número de mulheres que assina artigos de desporto.

Depois de transcritas, as entrevistas serão objecto de análise com o fim de estabelecer elos de ligação entre elas, essencialmente temas que sejam comuns entre as várias entrevistas e que permitam a sua organização e facilitem a construção de correlações entre as temáticas abordadas. As entrevistas realizadas inserem-se na categoria de entrevistas semi-estruturadas (Campehoudt e Quivy, 2005) pois foi realizado um guião para as entrevistas, mas nem sempre a ordem desse mesmo guião foi seguida e houve espaço para que os entrevistados falassem abertamente sobre outros tópicos sem descurar a temática principal.

Para a análise documental, será anotado o nome do artigo, o seu autor e a data da sua publicação. Esta informação vai ser armazenada num documento Excel onde posteriormente será convertida num gráfico, onde seja possível observar a proporção de homens e mulheres que assinam/são autores de artigos de desporto, por jornal e agrupados por tipos de jornal (generalista ou desportivo), o que se enquadra com o método misto escolhido anteriormente e na metodologia escolhida por Franks e O'Neill (2015).

## 4.2 População e Amostragem

Quanto à principal parte da investigação, relativa à análise da visibilidade e participação das mulheres no jornalismo desportivo de três jornais generalistas, o universo será constituído pelas versões impressas dos jornais – *Correio da Manhã*, *Público* e *Diário de Notícias*. Escolher a imprensa generalista é um dado relevante pois existe menos espaço *versus* a imprensa desportiva, onde o foco é apenas o desporto. Nos jornais generalistas existe a tendência para as notícias se concentrarem em volta do futebol (ver tabelas 5, 7 e 9) e, por isso, haver um número de elementos nas redacções logo à partida. Outro elemento que determinou a escolha destes jornais foi a circulação dos mesmos, ou seja, o número de leitores a que eles, de facto, chegam. Segundo dados da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação, o *Correio da Manhã* é o jornal diário generalista português com maior circulação, cerca de 79.185 mil exemplares em Maio e Junho de 2019. É importante ter em conta que, nestes números, se inclui também a circulação total digital. Sendo o jornal diário com maior circulação é de extrema relevância que integre esta análise. O *Diário de Notícias*, que ainda era um jornal impresso diário no período analisado, tem vindo a sofrer uma queda nos números de circulação, tendo alcançado, por isso, os 7.828 mil exemplares em circulação. O *Público* alcançou em Maio e Junho 32.954 mil exemplares em circulação, sendo o terceiro jornal generalista diário com maior circulação. Os artigos dos jornais foram ordenados cronologicamente, para perceber se existiu, ou não, alguma evolução que justifique análise (APCT, 2019).

Pretendeu-se assim analisar este conjunto de jornais generalistas portugueses onde a representatividade das mulheres nas redacções de desporto destes jornais foi traduzida em peças de desporto assinadas por mulheres complementada. Esta análise centrou-se nos artigos noticiosos das secções de desporto dos jornais mencionados, em dois períodos distintos, 1 a 7 de Abril e 1 a 7 de Novembro, dos anos 2001/2003/2005/2007/2009/2011/2013/2015/2017. Só foram considerados para análise artigos que estejam assinados pelo(a) jornalista. A escolha de duas semanas distintas de cada ano, foi feita para que eventuais flutuações nas redacções estivessem abrangidas pela análise, tando de saída como de entrada de jornalistas.

As entrevistas foram escolhidas com o intuito de complementar e explicar os dados recolhidos na análise acima mencionada. Foram escolhidos jornalistas que representam os jornais analisados, Pedro Carreira da CMTV e Correio da Manhã e Jorge Nuno Matias do Público. com a exceção do Diário de Notícias, cujo contacto para marcação de entrevista não foi possível. A acrescentar a escolheu-se também uma jornalista com vasta experiência na área do desporto, Cecília Carmo, para que se pudesse perceber melhor uma perspectiva temporal mais alargada sobre o fenómeno em estudo. Cláudia Martins e Cláudia Lopes, jornalistas de rádio e televisão respectivamente, puderam oferecer a sua perspectiva sobre o percurso de uma mulher no jornalismo desportivo que não em contexto de imprensa. Ao todo foram realizadas cinco entrevistas com durações compreendidas entre os 11 e os 23 minutos. A maioria teve lugar por telefone à exceção das entrevistas a Cláudia Lopes e Jorge Miguel Matias que tiveram lugar na *TVI* e jornal *Público*, respectivamente.

Como referido anteriormente, esta investigação foi feita, também, através de métodos qualitativos, devido à especificidade da sua amostra e dos dados que pretende obter, nos quais se inserem as entrevistas realizadas. Foram realizadas entrevistas a mulheres jornalistas de desporto e a editores das redacções de desporto dos jornais analisados, que pudessem ajudar a compreender a análise quantitativa feita aos respectivos jornais. As entrevistas são escolhidas com o propósito de obter um relato mais detalhado e extenso, e na primeira pessoa, que melhor permita compreender a situação das mulheres no jornalismo desportivo. Os entrevistados escolhidos inserem-se na categoria que Campehoudt e Quivy (2005) definiram como testemunhas privilegiadas pois tratam-se de pessoas que estão inseridas no meio e que já lidaram de perto com o fenómeno em estudo.

## 5. Análise de Dados

### 5.1 Representatividade ou não? Os artigos assinados por mulheres nas secções de desporto

A presente investigação tem como objectivo principal traçar uma evolução da presença das mulheres no jornalismo desportivo, bem como entender o panorama actual nesta área. É também importante perceber a forma como as mulheres se integram no jornalismo desportivo e de que forma iniciaram o seu percurso no jornalismo desportivo.

Os dados recolhidos para a presente análise correspondem aos artigos assinados por jornalistas do sexo feminino e masculino, dos jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *Público*. Os artigos reunidos para a investigação estão compreendidos entre os dias 1 e 7 de Abril e 1 e 7 de Novembro dos anos 2001, 2003, 2005, 2007, 2009, 2011, 2013, 2015 e 2017. A investigação beneficia com a escolha deste período temporal de análise pois permite captar a evolução do fenómeno em estudo e, em simultâneo, ter um intervalo temporal suficiente para detetar eventuais mudanças editoriais ocorridas nas redacções dos jornais *supra* mencionados.

Esta recolha tem como objectivo compreender a evolução da representatividade das mulheres nas redacções de desporto dos três jornais generalistas referidos. Ao realizar a contagem do número de artigos assinados por mulheres e homens foi possível, antes de mais, perceber tendências comuns a todos os jornais analisados: a presença de um número reduzido de mulheres na secção de desporto, uma elevada disparidade entre géneros e um aumento residual da presença delas ao longo dos anos analisados.

No que diz respeito ao *Correio da Manhã*, e como é possível observar no quadro 1, os números analisados mostram uma grande disparidade entre o número de artigos assinados por homens e por mulheres. Em Abril de 2001 o número de artigos com assinatura de jornalistas do sexo feminino situou-se nos 6, enquanto que o número de artigos com assinatura masculina se fixou em 48. Semelhante variação manteve-se até 2011, ano em que se verificou um ligeiro aumento das jornalistas mulheres a assinar artigos, nomeadamente, 15 artigos assinados por jornalistas mulheres e 58 assinados por jornalistas homens, se

contabilizados as duas semanas de 11 analisadas. Num total de 893 artigos contabilizados, 43 eram assinados por mulheres e 850 eram assinados por homens.

Foi no Correio da Manhã onde se verificaram os resultados globais mais negativos em termos de paridade entre homens e mulheres nas secções de desporto. A evolução foi, no entanto, mais estável e com ligeira tendência positiva até 2011, ano em que se registou o maior número de artigos assinados por mulheres, na semana de 1-7 de Novembro, já referido.

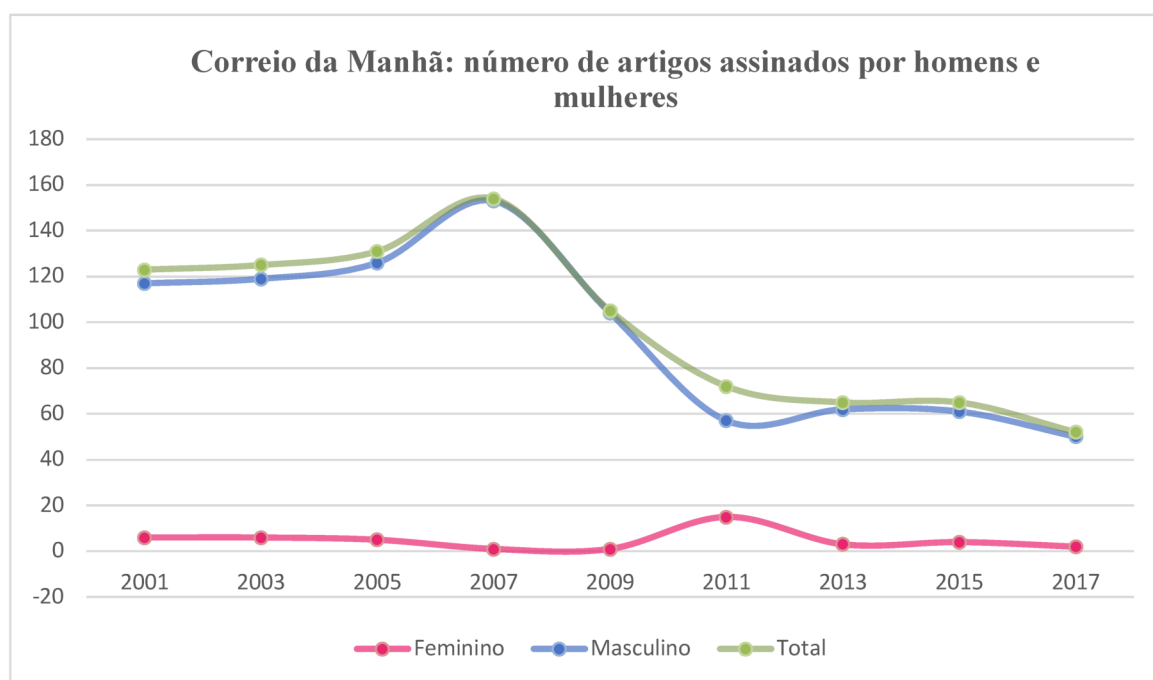


Gráfico 1 - Artigos assinados por mulheres e homens no Correio da Manhã

No que diz respeito aos assuntos tratados nas peças analisadas, não se verificou uma diferença significativa, como é possível observar na Tabela 2, sendo até grande parte dos artigos assinados por jornalistas relacionados com futebol, ou seja, o tema que recebe mais destaque no panorama desportivo português. De um total de 893 artigos, 43 pertencem a jornalistas do sexo feminino e 850 a jornalistas do sexo masculino.

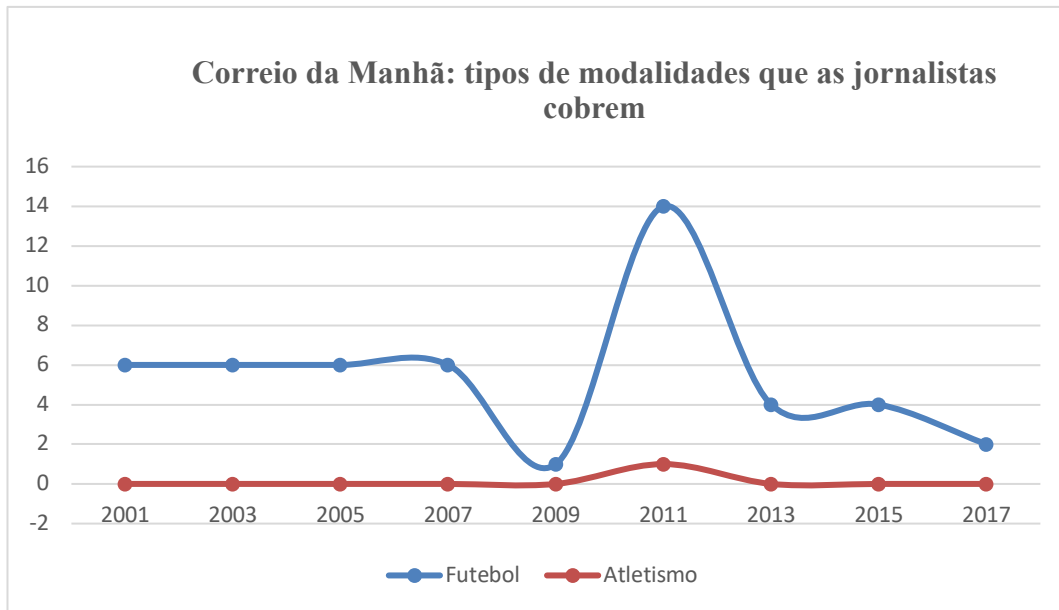


Gráfico 2 - Temas dos artigos assinados por mulheres

Correio da Manhã	Abril	Novembro
2001	Maria João Cotrim	Sem artigos
2003	Filomena Martins	Carla Esteves
2005	Alexandra Tavares-Teles	Alexandra Tavares Teles
	Vanda Ladeira	
2007	Sem artigos	Tânia Laranjo
2009	Sem artigos	
2011	Matilde Rocha Dias	Matilde Rocha Dias
		Catarina Gomes Sousa
2013	Tânia Laranjo	Janete Frazão
2015	Sónia Dias	Janete Frazão
	Neuza Campina Padrão	
2017	Carolina Neto	Sem artigos

Tabela 1 - Rotatividade de jornalistas mulheres no Correio da Manhã

Os números do Diário de Notícias mostraram mais paridade entre sexo feminino e masculino. Entre 2003 e 2011 a diferença entre os artigos assinados por jornalistas homens e jornalistas mulheres não foi muito significativa se tido em consideração o universo analisado. Foram as duas semanas analisadas referentes aos anos de 2015 e 2017 as que registaram uma maior diferença de artigos assinados por homens e mulheres, 10 para 81 e 9 para 67, respectivamente, estando os homens em maioria durante todo o período de análise. Há ainda que considerar as variações que ocorrem nas redacções. A questão da longevidade das jornalistas também foi tida em conta na presente análise. O Diário de Notícias foi o jornal

que apresentou os mesmos nomes das mesmas jornalistas durante um maior período de tempo, querendo isto dizer que as jornalistas mulheres mantivera-se mais tempo a trabalhar na redações de desporto, em relação aos outros dois jornais. Em acréscimo, os artigos assinados por mulheres que mereceram destaque de capa foram também superiores no Diário de Notícias. Neste jornal, e durante o espaço temporal analisado, as mulheres assinaram artigos de uma vasta variedade de assuntos, desde futebol a modalidade menos conhecidas. Num total de 825 artigos contabilizados, 194 tinham assinatura feminina e 631 tinham assinatura masculina. Entre o período de tempo analisado, a tendência de paridade foi negativa com cada vez menos mulheres a assinar artigos das de desporto.

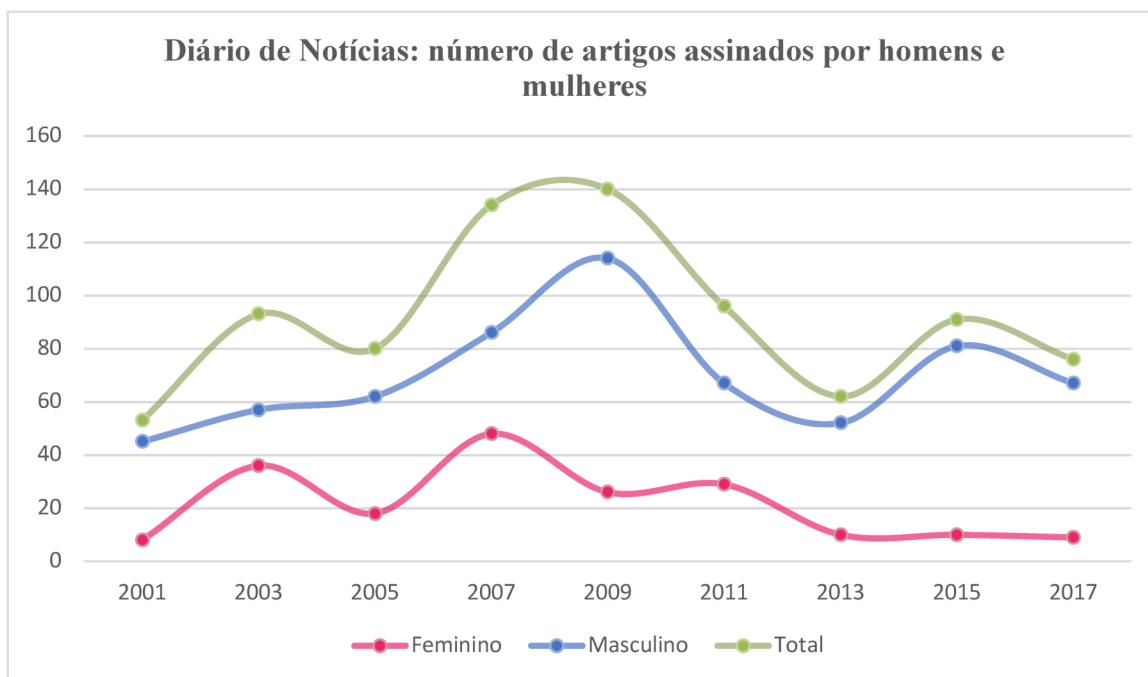


Gráfico 3 - Artigos assinados por mulheres e homens no Diário de Notícias

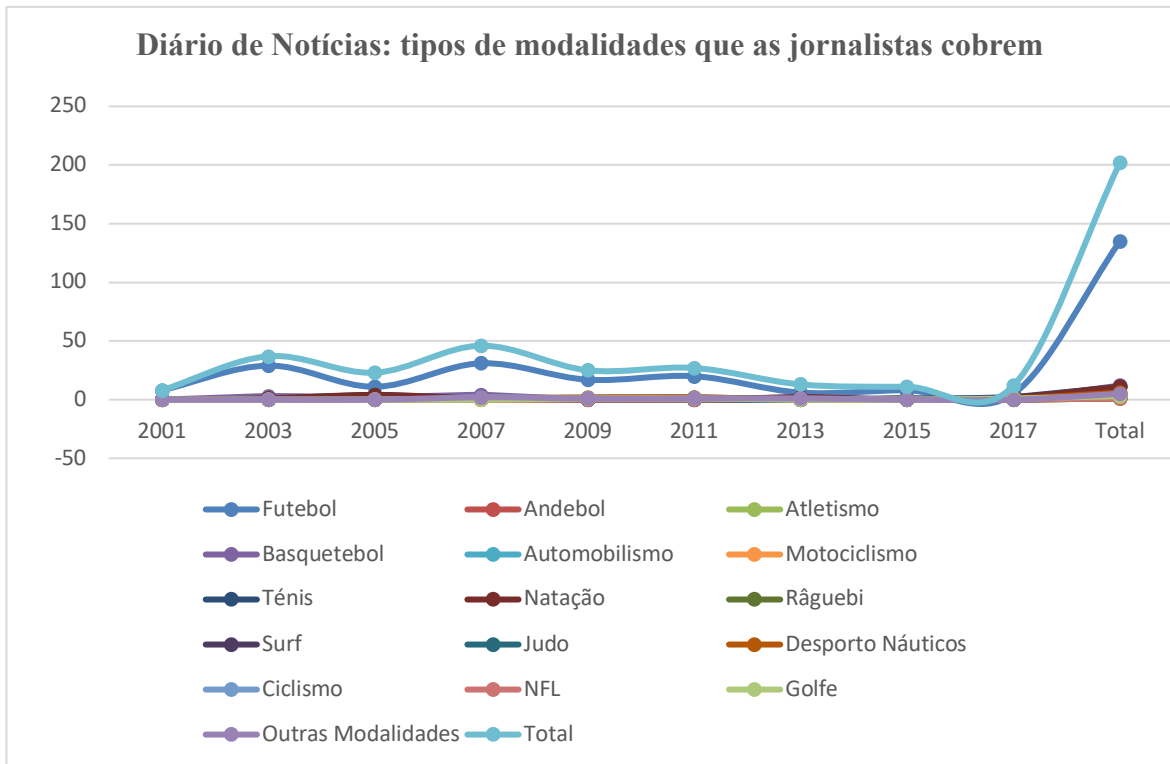


Gráfico 4 - Tema dos artigos assinados por jornalistas mulheres no Diário de Notícias

Diário de Notícias	Abril	Novembro
2001	Sílvia Freches	Sílvia Freches
	Manuela Paixão	
	Paula Carmo	
2003	Elisabete Silva	Isaura Almeida
	Rita Bravo	Susana Leitão
	Sílvia Freches	Sílvia Freches
	Isaura Almeida	Sandra Martins Pereira
	Susana Leitão	Rita Bravo
2005	Elisabete Silva	Rita Bravo
	Raquel Freitas	Elisabete Silva
		Sílvia Freches
		Elsa Costa e Silva
		Isaura Almeida
2007		Raquel Freitas
	Elisabete Silva	Karen Matzenbacher
	Isaura Almeida	Elisabete Silva
	Madalena Esteves	Alexandra Tavares Teles
	Filomena Martins	Isaura Almeida
		Lília Fernandes
		Sílvia Freches
	Nysse Almeida	

<b>2009</b>	Elisabete Silva	Isaura Almeida
	Isaura Almeida	Nysse Arruda
	Alexandra Tavares Teles	Sílvia Freches
	Sara Barroca	Lília Fernandes
	Madalena Esteves	Alexandra Tavares Teles
	Paula Carmo	
	Nysse Arruda	
<b>2011</b>	Madalena Esteves	Sílvia Freches
	Isaura Almeida	Isaura Almeida
	Séfora C. Silva	Madalena Esteves
	Nysse Arruda	
	Isaura Almeida	
<b>2013</b>	Isaura Almeida	Isaura Almeida
		Madalena Esteves
<b>2015</b>	Isaura Almeida	Isaura Almeida
		Sara Franz Pinto
<b>2017</b>	Isaura Almeida	Isaura Almeida

Tabela 2 - Rotatividade de jornalistas mulheres no Diário de Notícias

No caso do jornal Público, os números mostraram uma maior discrepância entre os artigos assinados por jornalistas do sexo feminino e jornalistas do sexo masculino, sendo a diferença sempre superior a 50 artigos, quando combinados os resultados das duas semanas analisadas. Tal como analisado no Diário de Notícias, também o jornal Público mostrou uma tendência decrescente no que toca ao indicador analisado. Nas duas semanas em estudo referentes aos anos de 2013, 2015 e 2017 não foi encontrado qualquer artigo assinado por uma jornalista nas secções de desporto, caso único nos três jornais analisados. No entanto, o Público foi o jornal que apresentou uma maior variedade de nomes femininos a assinar artigos de desporto, isto é, ao longo dos anos foi observado um maior número de nomes diferentes a assinar as várias peças jornalísticas de desporto neste jornal, ao invés de todos os artigos de desporto apresentarem a assinatura da(s) mesma(s) jornalista(s). No Público as jornalistas assinaram peças, na sua grande maioria, relacionadas com modalidades menos destacadas do que o futebol, como por exemplo, o basquetebol, ciclismo ou o motociclismo, ao invés dos homens que lidaram mais com o futebol, apesar de também tratarem com outras modalidades. Dos 883 artigos desportivos estudados, 84 eram assinados por jornalistas mulheres e 799 assinados por jornalistas homens.

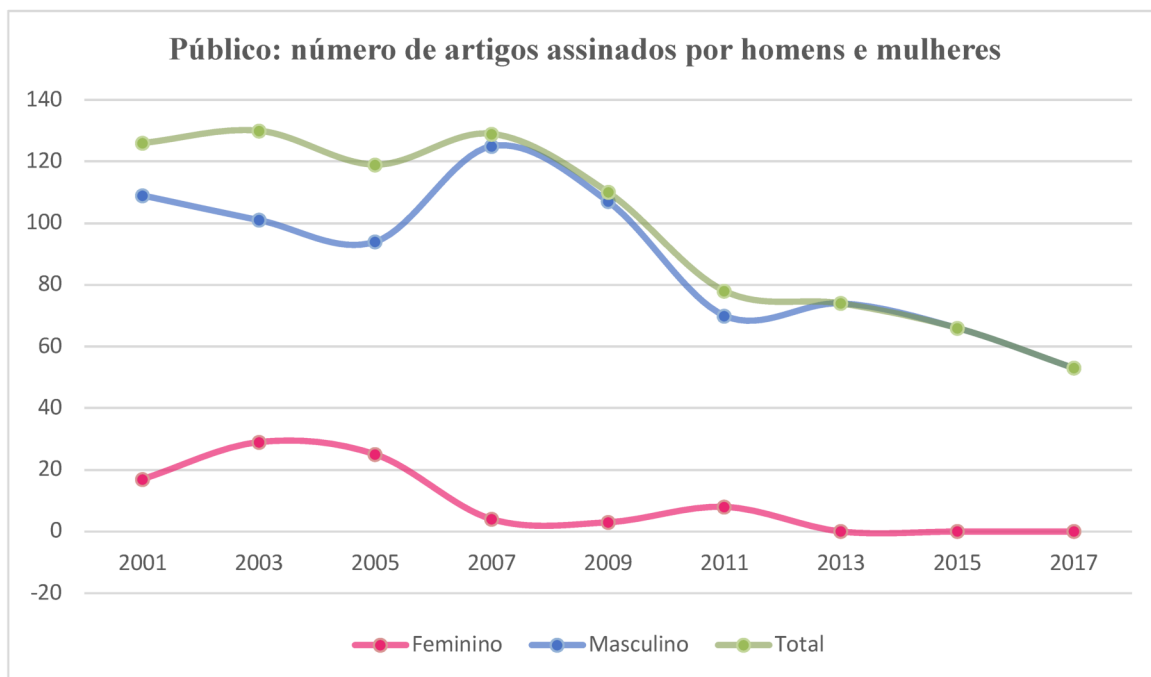


Gráfico 5 - Artigos assinados por mulheres e homens no jornal *Público*

Assim, no que diz respeito à paridade entre homens e mulheres jornalistas nas secções de desporto pode concluir-se que é no Diário de Notícias onde se regista uma maior representatividade das mulheres, com maior número de mulheres jornalistas a assinar artigos e onde uma maior parte desses artigos, em relação aos outros jornais analisados, são destaque de capa. No global da análise verifica-se que a evolução não foi positiva em nenhum dos jornais, até pelo contrário. Nos três diários analisados, pôde concluir-se que o número de mulheres a assinar artigos tem vindo a diminuir até 2017, o que contrasta com o senso comum de que é uma área onde existem cada vez mais mulheres.

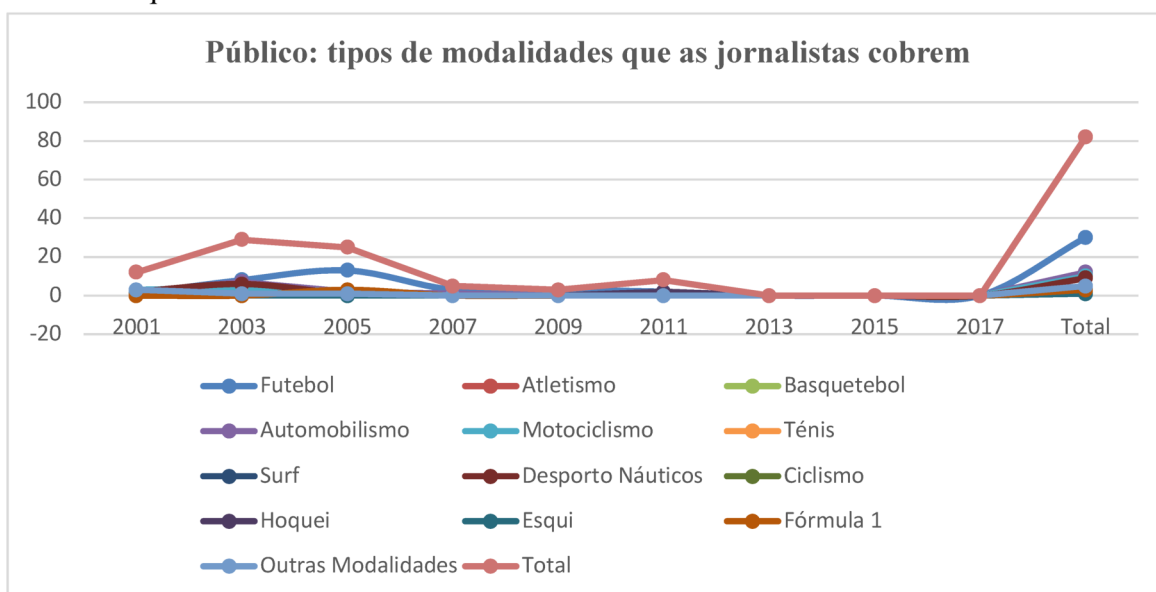


Gráfico 6 - Tema dos artigos assinados por jornalistas mulheres no jornal *Público*

<b>Público</b>	<b>Abril</b>	<b>Novembro</b>
<b>2001</b>	Nysse Almeida	Nysse Almeida
	Ana Paula Gouveia	Ana Paula Gouveia
	Ana Navarro Pedro	
<b>2003</b>	Matilde Rocha Dias	Matilde Rocha Dias
	Ana Paula Gouveia	Ana Paula Gouveia
		Sandra Invêncio
		Nysse Arruda
<b>2005</b>		Nysse Almeida
	Matilde Rocha Dias	Matilde Rocha Dias
	Ana Paula Gouveia	Ana Paula Gouveia
		Denise Ricardo
		Tânia Laranjo
<b>2007</b>		Teresa Peixoto
		Nysse Arruda
<b>2009</b>	Deborah Pena	Matilde Rocha Dias
<b>2011</b>	Matilde Rocha Dias	<del>Sem artigos</del>
<b>2013</b>	Ana Marques Gonçalves	Ana Tulha
	Marisa Soares	Andrea Cruz
		Ana Marques Gonçalves
<b>2015</b>	<del>Sem artigos</del>	<del>Sem artigos</del>
<b>2017</b>	<del>Sem artigos</del>	<del>Sem artigos</del>

Tabela 3 - Rotatividade das jornalistas mulheres no jornal *Público*

É importante analisar as questões de género à luz da experiência contada por quem lá trabalha. A jornalista Cláudia Lopes, ex-editora de desporto da TVI, conta que o decréscimo de mulheres na área do desporto pode dever-se à questão da dificuldade que existe em entrar nos jornais generalistas, ao invés, considera que nos jornais única e exclusivamente desportivos o cenário será diferente.

## 5.2 O jornalismo desportivo Portugal: o que dizem editores e jornalistas de desporto?

Os entrevistados para a presente análise revelaram vários detalhes sobre a área do jornalismo desportivo em Portugal, sobre as suas especificidades, bem como eles próprias tiveram contacto com a área do desporto. Cecília Carmo, uma das primeiras mulheres a exercer

jornalismo desportivo em Portugal, explicou que o gosto pelo desporto surgiu cedo e foi ainda na faculdade que tomou contacto com o jornalismo desportivo.

«Eu estava na faculdade, no segundo ano da faculdade, e tinha um colega que já não é jornalista, mas que trabalhava no Expresso naquela altura e que, sabendo que eu praticava desporto, éramos uma turma de 60 pessoas, a maioria mulheres, mas eu era a única que praticava desporto na turma, a única rapariga que praticava desporto. Sabendo ele disso [...] Fui para a RTP, para o desporto, em 1987 e lá fiquei 30 anos. Acumulei ainda com o Expresso durante algum tempo. Mas foi por praticar desporto e porque na altura o Expresso precisava de uma mulher, a Leonor Pinhão era jornalista na secção de desporto do Expresso, depois foi para A Bola. O Expresso ficou sem uma mulher e queria... Na altura o Carlos Matos queria uma mulher [para a redacção de desporto] e foi assim. Fui ficando fui ficando.» (Carmo, 2018)

Este é, aliás, um dos traços comuns entre alguns dos entrevistados: o gosto pelo desporto desde cedo. Também Cláudia Lopes, ex-editora de desporto da TVI, praticou actividade desportiva desde cedo.

«Foi dessa forma que eu cheguei ao jornalismo desportivo, em 98, sem nenhum tipo de afinidade, sem nenhum tipo de escolha. O desporto não me era pessoalmente uma coisa estranha, tinha praticado desporto desde sempre, modalidades colectivas, tinha feito a opção de desporto na escola, a matemática acabou por me afastar de escolher essa área na faculdade [...] e então acabei por mudar de área, mas não me era nada que fosse estranho. Mas não tive nunca aquele sonho de “tudo o que eu quero fazer é o jornalismo desportivo”. Primeiro porque fui jornalista por acidente, tirei o curso de comunicação empresarial, nunca na vida me tinha passado pela cabeça ser jornalista, jornalista desportivo então, pior ainda. Tudo aconteceu um bocadinho por acidente, não foi uma escolha.» (Lopes, 2018)

O jornalismo desportivo é caracterizado por uma grande componente de trabalho em directo e, conseqüentemente, exige uma grande capacidade de improviso, questão especialmente proeminente nos casos da televisão e rádio. Cláudia Martins, da *Antena 1*, também abordou as questões dos directos, especificamente na área da rádio, ainda que argumente que um jornalista tem de estar preparado, em termos intelectuais, independentemente da área em que trabalhe.

«Não há diferenças em termos de conhecimento. Acho que um jornalista terá de estar preparado sempre em qualquer situação. Há diferenças, sobretudo, porque grande parte do trabalho, ou, uma característica principal do meu trabalho é que é feito em directo. E o que é que isso significa? Significa que o meu grau de preparação tem que ser muito maior no momento. Imagina, faço um jogo hoje à noite. Se eu for escrever para sair no jornal amanhã, enquanto eu estou a escrever posso verificar uma série de coisas. [...] A

rádio não me permite isso. Na maior parte das vezes, grande parte do trabalho é em directo e, portanto, essa preparação no momento.» (Martins, 2018)

Pedro Carreira, subeditor do jornal *Correio da Manhã*, reforça esta opinião e explica que no papel há mais tempo para desenvolver os assuntos e que há uma margem mais alargada para trabalhar uma notícia e as suas fontes. É também latente a questão do uso dos adjetivos. Sendo uma área que lida, frequentemente, com emoções é possível afirmar que os adjetivos são usados com mais frequência. Cláudia Lopes refere que isto se deve, também, ao facto de o jornalismo desportivo implicar menos formalidade.

«A emoção é mais permitida, a adjectivação é mais permitida, o trocadilho, a brincadeira. É uma área menos formal, mas, ao mesmo tempo, do ponto de vista da montagem das peças, existe mais elasticidade porque quando fazemos os resumos, montamos as primeiras imagens e só depois é que pomos a voz, o que é uma coisa que noutras áreas é muito pouco utilizado, porque as imagens é que mandam, as imagens é que contam a história.» (Lopes, 2018)

Além de todas estas características, Cecília Carmo acrescentou ainda a temática da especialização necessária para exercer jornalismo desportivo. Argumenta que, não sendo exclusiva do desporto, a especialização no jornalismo desportivo faz a diferença no momento de explicar ao público determinada modalidade. Cecília Carmo corrobora também a dimensão emocional latente nesta área, ligando-a com a especialização, no sentido em que o público tem mais dificuldade a aceitar um erro do jornalista pois está mais envolvido emocionalmente. Apesar de tudo isto, Cecília Carmo não desvaloriza, acompanhando a opinião de Cláudia Martins, que um jornalista tem de estar preparado e ter uma base de conhecimentos que não depende da área onde trabalha.

«Eu não tenho de saber tudo como uma enciclopédia, mas tenho de saber as bases e isso é muito mais específico [...] É assim, se eu for fazer um congresso de um partido, eu tenho de conhecer a fundo esse partido político e os seus actores, o desporto é diferente. Eu nunca ouvi um jornalista dizer que não percebe nada de política, mas já ouvi muitos jornalistas dizerem que não percebem nada de desporto, ou que não percebem nada de futebol. É por essa especificidade. E também porque no desporto, não só no futebol, se mexe muito com paixões, com sentimentos, com estados de espírito que noutras áreas da sociedade também existem, mas não com esta intensidade.» (Carmo, 2018)

O subeditor de desporto do jornal *Público* acrescenta, à especialização e à emoção no desporto, as diferenças entre fazer jornalismo desportivo num jornal generalista e num jornal desportivo. Jorge Miguel Matias argumenta que num jornal desportivo o acesso às fontes é

mais facilitado e, sendo um meio especializado, o espaço para desenvolver os trabalhos é, naturalmente, mais extenso.

«Desde logo é diferente fazer jornalismo desportivo num jornal desportivo ou num jornal generalista. O acesso às fontes, o espaço que nós temos para fazer esses trabalhos é muito maior num jornal desportivo ou num *site* só dedicado à área desportiva do que a um que não é.» (Matias, 2018)

Pedro Carreira aborda também esta questão das fontes e explica que, por vezes, o jornalismo desportivo é mais dependente das fontes do que as outras áreas do jornalismo. Afirma que, nesta área em particular, é necessário um cuidado redobrado quando é feito o contacto com uma fonte, nomeadamente tentar saber os interesses defendidos pelas várias fontes bem como ter em conta que o acesso a essas mesmas fontes se tem tornado cada vez mais difícil com o evoluir das estruturas dos clubes de futebol de maior dimensão, opinião partilhada por Jorge Miguel Matias.

«O resultado de um jogo é um facto, uma notícia, que nós temos de dar conforme aquilo que aconteceu, mas há outras jogadas de bastidores e conversas de agentes com jogadores, com empresários, com dirigentes. Muitas vezes, é necessário ir além daquilo que está à frente de todos. Temos de ser nós a contactar as fontes. Muitas vezes, no jornalismo desportivo, nós recebemos informações contraditórias por interesses que estão por detrás da notícia que nós temos de dar e que, muitas vezes, temos de ser nós a procurar mais do que uma vez e com mais do que uma pessoa formas diferentes de ir cruzando informação para perceber aquilo que é verdade e aquilo que temos de noticiar. [...] Eu tenho poucos anos de carreira, mas já percebi, por colegas que trabalham no jornalismo há muito tempo, que antes as coisas eram completamente diferentes, ou seja, havia casos de jornalistas que quase que entravam nos balneários das equipas durante, antes e depois dos treinos, diários, praticamente. Actualmente, é completamente impensável. As estruturas dos clubes evoluíram de uma forma muito rápido e isso, hoje em dia, já é completamente impensável.» (Carreira, 2019)

Compilando as principais ideias defendidas pelos entrevistados, é possível concluir que o jornalismo desportivo tem certas especificidades que fazem desta uma área que exige um alto grau de especialização num determinado assunto, não obstante a preparação base de um jornalista, bem como exige que o jornalista, no caso da televisão e da rádio e a par desta especialização e preparação, tenha capacidade de improviso, pois a grande parte do seu trabalho irá ser feito em directo. As fontes são também amplamente discutidas no jornalismo desportivo. Alerta-se para os interesses que possam estar envolvidos aquando do contacto com uma fonte, e também para a especial necessidade de ter um portfólio diversificado de fontes que possam atestar a informação que está a ser trabalhada. Este ponto é

particularmente um desafio posto que o acesso às fontes é descrito como difícil para os jornalistas do desporto. Em traços gerais, este é o panorama das principais características do jornalismo desportivo em Portugal, contadas por aqueles que exercem a profissão.

### 5.3 Menos mulheres no desporto: discriminação ou opção?

Perceber o número reduzido de mulheres nos jornais analisados só pode ser feito à luz de um conjunto de indicadores. Se é verdade que o jornalismo desportivo ainda é uma área de homens onde as mulheres tiveram dificuldades em entrar, também é verdade que, muitas vezes, foram as próprias jornalistas que não demonstraram interesse nesta área em particular. Nem tudo pode ser resumido a casos de discriminação, principalmente quando estão em causa os cargos mais abaixo na hierarquia das organizações. O primeiro factor que pode explicar o fenómeno em estudo reside na diminuição das redacções nos últimos anos, bem como o crescente aumento do número de jornalistas que trabalham mais do que um tema. Para Cecília Carmo é claro que nas redacções existe agora menos especialização.

«Aquilo que havia no meu tempo, em termos de especialização, agora não há. Agora um jornalista faz sociedade, faz política, faz economia, faz desporto, faz cultura, faz saúde, faz educação, faz tudo! Antigamente, as coisas estavam muito mais compartimentadas. Não quer dizer que agora as redacções não tenham essas editorias, mas eu estou farta de ver jornalistas de desporto fazerem coisas de sociedade e jornalistas de sociedade fazerem coisas de economia e jornalistas de economia fazerem coisas desporto. Portanto, como as redacções estão mais pequenas, de facto, é verdade, as pessoas tendem a fazer muito mais de tudo.» (Carmo, 2018)

Cláudia Lopes menciona, a par da redução das redacções, o facto de os jornais recorrerem muito à contratação de estagiários, uma espécie de mão-de-obra mais barata. Este ponto é particularmente importante pois há que ter em conta que os estagiários não assinam peças de jornal, ou seja, as estagiárias que tenham produzido peças durante o espaço temporal da presente análise são impossíveis de contabilizar. Cecília Carmo e Jorge Miguel Matias apontam também o facto de haver, hoje em dia e nos últimos anos, um interesse reduzido no desporto. A jornalista considera mesmo que: “Já não é giro, moda, ir-se para o desporto. Houve uma fase em que era moda”. No caso do Correio da Manhã, Pedro Carreira explica que, desde 2014, a grande explicação para o número reduzido de mulheres reside na redução de jornalistas nas redacções e não noutro indicador. O subeditor de desporto do *Público*, Jorge Miguel Matias, refere a questão dos estagiários que passaram pelo jornal, que são um

número considerável da equipa, e menciona também a temática da falta de interesse no desporto.

«Agora não temos, nem em Lisboa, nem no Porto. Entretanto tivemos estagiários, homens e mulheres. Tivemos algumas, várias, estagiárias mulheres que, entretanto, foram para outros órgãos, conseguiram arranjar trabalhos noutros sítios também, outras não. Mas a explicação para essa redução pode ter a ver com isso, ou seja, há pouca gente interessada, de facto, em trabalhar na área do jornalismo [desportivo], mas a principal razão tem a ver a ver com a redução do número de trabalhadores.» (Matias, 2018)

Cláudia Martins acrescenta, acompanhando a percepção de que muitas redacções têm menos gente, que as mulheres têm de se provar mais e que, por isso acabam, muitas vezes, por sair do jornalismo desportivo. Esta percepção é partilhada por Cláudia Lopes e Cecília Carmo. A ideia de que as mulheres precisam de dar mais provas da sua competência do que os homens é transversal entre as entrevistadas, bem como a disparidade de oportunidades quando em causa está um cargo de chefia ou um trabalho com mais projecção.

«Portanto, imagina, se em 2001, tinhas alguém em início de carreira, com 10 anos, passados estes anos pode nem ter deixado o jornalismo, mas pode ter deixado o desporto e ter ido para uma área não tão exigente em termos de horários, porque a idade passa e as mulheres sentem mais isso também. [...] Eu também acho que as mulheres, em algum momento, se cansam de estarem sempre a ter de provar que sabem. Eu sinto isso muitas vezes. Como é que eu, passado este tempo todo de carreira, de trabalho, de provas dadas, ainda tenho de mostrar que sei, ainda tenho de mostrar que sou capaz. Como é que ainda alguém fica surpreendido por eu ser capaz de fazer? É um desgaste, parece parvo, mas é um desgaste, já chega. Eu não tenho de provar a ninguém que sou capaz. Sou jornalista há mais de 10 anos, trabalho no desporto há mais de 10 anos. Como é possível que ainda tenha que trabalhar a dobrar, ou a triplicar, e mostrar que sei e que faço bem e tenha que batalhar dupla ou triplamente para ter as mesmas oportunidades, e não são as mesmas, de todo, ou para ter as mesmas portas abertas, e não são as mesmas, de todo. [...] São não questões porque as mulheres já podem votar, porque não há nenhuma lei que diga que as mulheres têm de ganhar menos do que os homens, não há nenhuma lei que diga que as oportunidades são menores para as mulheres, portanto, isso é uma não questão, “lá estás tu a batalhar sempre na mesma coisa”, mas depois quem sente esta desigualdade e esta discriminação acaba por muitas vezes não ter eco do outro lado, porque as pessoas não reconhecem.» (Martins, 2018)

Este é um ponto fundamental para explicar os números encontrados. É possível, através dos resultados obtidos quanto à rotatividade das mulheres nos jornais analisados, perceber que muitos dos nomes que se encontravam em 2001 a assinar artigos de desporto desaparecem em algum ponto da análise (Tabelas 1, 2 e 3), ou não são consistentes ao longo do período da investigação. Como Cláudia Martins afirma, este fenómeno pode ser explicado por diversos factores. De entre eles sobressai a questão de que, em 2001, início do período de

análise, algumas destas mulheres poderiam estar em início de carreira e, mais tarde, ter mudado de área, o que pode explicar o facto de alguns nomes estarem presentes no início da análise e desaparecerem com o avançar do espaço temporal analisado. Este ponto leva a outros dois temas da análise: as questões familiares e os cargos de chefia. É consensual entre as entrevistadas que os desafios colocados às mulheres pela vida familiar são ainda um grande obstáculo para as jornalistas que querem trabalhar nesta área e, principalmente, para as que querem ocupar lugares de topo no jornalismo desportivo. Se é mais ou menos aceite pelos entrevistados que as oportunidades estão equilibradas numa fase inicial da carreira, o mesmo já não parece ser verdade para o topo da hierarquia. Cláudia Lopes afirma que esta questão com os cargos de chefia está relacionada com a maternidade e com os horários em que se faz jornalismo desportivo: maioritariamente noites e fins de semana. Ou seja, as questões dos cargos de chefia não parecem estar directamente ligadas a preconceito, mas sim aos horários ditados pelos jogos das várias modalidades em conjunto com o facto de muitas mulheres estarem a braços com os primeiros anos de vida dos filhos.

«Porque é que eu acho que esta questão dos cargos de poder no jornalismo desportivo, e a relação das mulheres, porque é que temos de olhar sem preconceitos para isto? O jornalismo desportivo, por definição, exige mais trabalho à noite e aos fins de semana. O que é que isto significa? Isto significa que não é fácil para as mulheres, a determinada altura da sua vida, ter uma aposta tão forte na carreira. E isso é o quê? É a maternidade. Quando chegas aqui com 20 anos, no teu desempenho, é indiferente seres homem ou seres mulher, mas chegas aos 30 e tens filhos e não podes vir fazer os programas todos os dias à noite, nem sair daqui todos os dias à meia noite, nem trabalhar todos os fins de semana, porque é impossível conciliar isso com a tua vida familiar, tens de esperar. Dou-te o meu caso, para não falar em mais ninguém. Eu só chego a um cargo de chefia quando o meu filho já tem alguma idade, ou seja, depois de passar aqueles primeiros anos. [...] E, portanto, não podemos olhar só: “Porque é que as mulheres não chegam no jornalismo desportivo a chefes?”, há aqui uma razão um bocadinho familiar e de conciliação por trás.» (Lopes, 2018)

Além dos aspectos familiares, parece haver ainda quem conte alguns episódios em que se sentiu incomodada na sua profissão. Cláudia Lopes conta que em reportagem já foi incomodada por parte de elementos exteriores como, por exemplo, adeptos, e que esses episódios continuam a acontecer.

«Em reportagem, pelo menos, [já fui] aborrecida. E continuas a ser. Ainda há pouco tempo tivemos um episódio, até seguimos os trâmites legais, com uma jornalista nossa, num estádio, onde as pessoas não só a aborreceram a trabalhar, como verbalmente foram desagradáveis, tens de apresentar queixa. Não podes deixar passar em branco. As pessoas ainda não perceberam que aquilo é o nosso trabalho. Ninguém vai para um

estádio, num sábado à tarde, aturar fanáticos se não fosse a sua obrigação laboral. Se eu tivesse dado a escolher à pessoa que mandei para lá ir aturar aquelas pessoas ou ir para casa de folga, a pessoa ia escolher ir para casa de folga, não é?» (Lopes, 2018)

Cláudia Martins refere que no início ainda há a sensação de estranheza, de ser o elemento diferenciador numa editoria de desporto. Estando a lidar com um universo que ainda é muito dominado por homens, como é o caso do futebol, a jornalista da *Antena 1* descreve um comentário proferido por um treinador de futebol.

«Desde logo isso, essa sensação de ser um corpo estranho, de ser a ovelha negra no meio do rebanho. Essa estranheza é uma coisa com que eu tive de me habituar a lidar porque, de facto, ela existia sempre. Em todos os serviços que eu faço, que fazia, chegar e ser a única era uma coisa normal, tornou-se normal, e eu tive de a normalizar, tive de a aceitar e desenvolver as ferramentas, dar menos importância às coisas para actualmente não ter de sofrer tanto com isso. Agora, há, de facto, situações em que eu sinto que “foi mesmo por eu ser mulher”. Às vezes, uma piada. Já me aconteceu, por exemplo, numa conferência de imprensa, por acaso não foi para mim, mas eu estava envolvida, porque era uma conferência de imprensa, após um jogo, e foram feitas três perguntas seguidas ao treinador. Foi feita uma primeira, eu fiz a segunda e foi feita uma terceira. Coincidentemente, estas questões seguidas foram feitas por mulheres. Não foi comigo, mas à terceira o treinador disse: “bem, as mulheres estão a dar aqui um baile”, ou seja, houve uma tomada de posição de estranheza como se fosse uma surpresa que as mulheres lhe estivessem a fazer uma questão, ou questões, normais sobre o jogo. Há este tipo de comentários, sim, muitas vezes, há.» (Martins, 2018)

Apesar disto, Cecília Carmo argumenta que, hoje em dia, as oportunidades já estão mais equilibradas e que depende do trabalho e dedicação da mulher chegar a cargos mais altos na hierarquia dos jornais, ou seja, os factores externos como discriminação de género já não têm um peso tão grande na distribuição de oportunidades, ainda que a estranheza por ver uma mulher no desporto tenha existido no início e durante a sua carreira.

«Por ser mulher? Não. Porquê? Porque eu trabalhei muito, estudei muito, quis-me impor com o meu trabalho, e consegui-o. Para isso eu tinha de estar muito dentro dos assuntos, não podia falhar, tinha de ser objectiva, tinha de ser rigorosa e foi o que eu fiz. Ao princípio, de facto, estranhavam. Achavam piada. Depois quando percebiam que a miúda até percebia um bocadinho de desporto até achavam mais piada. Acabaram por reconhecer um bocado que eu estava ali por mérito, não porque era uma miúda e achava piada a desporto. Era uma mulher, mas que percebia e gostava de desporto, que discutia e tratava desporto como outro colega homem.» (Carmo, 2018)

Pedro Carreira e Jorge Miguel Matias defendem que não existe discriminação para com as suas colegas do desporto. O subeditor de desporto do *Público* diz que, a haver algum tipo de discriminação, essa virá por parte do exterior, por parte de quem lê os textos e que, mesmo

assim, nos tempos que correm, já são casos menos frequentes e existe uma predisposição maior para que essas situações aconteçam nos jornais especializados a que os leitores recorrem para uma leitura detalhada e extensa de determinado desporto.

«Exactamente. Os leitores, maioritariamente masculinos, dos jornais desportivos, se calhar não ficariam tão cómodos em ler, por exemplo, uma crónica de um jogo de futebol feita por uma mulher, do que feita por um homem. Não dizendo que isso já desapareceu por completo, acho que está muito atenuado. Acho que é politicamente correcto dizer “não não, para mim é indiferente ter uma crónica de um jogo futebol assinada por uma mulher ou por um homem. Acho que, interiormente, ainda há muita gente que não acha tão credível, Agora, acho também que essa tendência tem vindo a diminuir, claramente. Seja porque o futebol feminino tem cada vez mais relevância... [...]» (Matias, 2018)

Ainda Jorge Miguel Matias relata um episódio interessante em que, durante o exercício da sua profissão, sentiu que as mulheres tiveram um tratamento mais delicado e cuidado em relação aos homens jornalistas que estavam no local, neste caso tratava-se da cobertura da Volta a Portugal em Bicicleta. Ainda que não pareça ser norma estes episódios acontecerem, é relevante mencionar este caso.

«Por exemplo, o ciclismo, e a Volta a Portugal em Bicicleta, é uma modalidade muito dominada pelos homens, num pelotão são 100 homens mais 50 treinadores, mais a equipa que monta e desmonta as infraestruturas da etapa todos os dias, aquilo são quase 200 homens ali juntos, há pouquíssimas mulheres. E o que eu, por exemplo, senti foi que as minhas colegas tinham muito maior facilidade de falar com ciclistas, de conseguir informação, do que eu, por exemplo. [...] Porque eram mulheres. Porque entre 200 homens, os homens que estavam do outro lado eram mais simpáticos, eram mais acolhedores, eram mais prestáveis, falavam com mais à vontade, pelo facto de a minha colega ser mulher, do que comigo. Aconteceu-me, algumas vezes, fazer uma pergunta a um ciclista e ele quase me virar as costas e depois ir lá a minha colega e ele responder-lhe exactamente à mesma pergunta, só porque ia ela. Também há esse lado.» (Matias, 2018)

Pedro Carreira afirma que não conhece casos de discriminação nem de diferenças de oportunidade no seu local de trabalho e refere que as oportunidades estão, relativamente, equilibradas no meio de comunicação onde é subeditor do desporto, particularmente no caso da televisão (CMTV).

«Não. Eu trabalho com várias mulheres, que fazem parte da nossa equipa no Correio da Manhã e da CMTV, e não sinto que elas o sintam e eu próprio também não sinto que exista esse preconceito porque nos últimos anos, até provavelmente por uma questão de imagem, as mulheres foram tendo mais oportunidades no desporto, na televisão, sobretudo, porque foram conquistando esse espaço. Temos exemplos disso no Correio

da Manhã e na CMTV. Temos exemplos de mulheres que dominam o desporto e dominam o futebol, dominam o futsal, como qualquer outra pessoa. Isso já não é uma questão tão forte como, provavelmente, foi noutros tempos.» (Carreira, 2019)

É importante diferenciar, também, este ponto da televisão *vs.* papel. O facto de existirem muitas mulheres a apresentar programas de desporto e menos nos formatos em papel, ou no formato digital, remete para outro estereótipo. Sendo o desporto um tema com um público maioritariamente masculino, existe, ainda, a necessidade de ter uma mulher a moderar os programas de debate nas televisões.

«Há menos mulheres a interessarem-se pelo desporto, ainda hoje, do que homens, apesar da nossa redacção, se eu contar acho que é ela por ela, na redacção da TVI. Na redacção do digital já não, há mais homens do que mulheres no Maisfutebol.» (Lopes, 2018)

O facto de vermos mais mulheres apresentadoras e não comentadores mostra ainda alguma tendência para valorizar a opinião do homem no desporto, particularmente sobre futebol. Se é verdade que o público masculino prefere uma mulher a apresentar um programa desportivo também é verdade que ainda não está habituado a ver mulheres a comentar desporto porque se projecta a si como comentador e prefere um programa onde o(s) protagonista(s) o representa(m). Ainda assim, já é possível ver exemplos de mulheres comentadoras, como é o caso de Helena Costa, na *SPORT TV* e Rita Moreira no *Porto Canal* e Catarina Pereira na TVI24, ou seja, em canais especializados em desporto (o *Porto Canal*, sendo generalista, passou a ter um grande espaço dedicado ao desporto depois de ter sido adquirido pelo Futebol Clube do Porto, em 2011). Cláudia Lopes menciona todos estes aspectos e acrescenta que existiu um ‘estereótipo da boneca’ nas redacções de televisão que levou muitas mulheres a serem escolhidas para apresentar programas de debate desportivo.

«É. Voltas um bocadinho para estereótipo da boneca. Fica bem em qualquer ecrã de televisão, seja em 4 por 3 ou em 16 por 9, portanto, fica ali bem e tem essa função. Porquê? Porque o teu público, não é uma coisa que nós tenhamos inventado, o teu público maioritariamente é masculino, e é-lhes mais agradável ver uma mulher do que um gajo com barba na televisão. Os italianos forçaram isso até ao limite, as televisões italianas, nos anos 90/2000, tinham umas apresentadoras todas com uns decotes enormes, umas microssaias, uns mega saltos, mas tinham essa função decorativa, só. Até que depois se percebeu que se podia conciliar ter mulheres, e mulheres que percebessem da poda. É todo um caminho, embora às vezes a tendência é “esta é miúda é mais bonita e fica melhor na televisão”, mas isso, enfim, é um caminho para fazer. No entanto, continuo a achar que os próprios desportivos fizeram esse caminho de ter nas suas redacções mais mulheres.» (Lopes, 2018)

Há também algum cuidado na altura de escolher uma jornalista para ambientes complicados, como podem ser os ambientes no desporto. Ainda que Cláudia Lopes não considere o género uma questão que decidia se determinada jornalista vai cobrir, por exemplo, o percurso de uma claque de futebol, o factor de segurança é tido em conta.

«Às vezes podes fazer uma discriminação positiva, mas... tu preservares exactamente mais uma mulher, porque pode ser um ambiente muito hostil, muito violento, pode ser uma coisa complicada, mas depois depende também do perfil. Nós temos a Carolina Resende Matos que faz o SOS, ela vai perfeitamente acompanhar as claques nos dias dos clássicos e te garanto que ninguém se vai meter com ela. Tem a ver também com o perfil. Ela é tudo menos o perfil boneca e, portanto, te garanto que o primeiro que puser o pé em ramo verde ela, se for preciso, dá-lhe com o microfone.» (Lopes, 2018)

Em suma, não é possível resumir o número reduzido de mulheres no desporto apenas a um factor, como argumentam Franks e O'Neill (2015). Particularmente no caso do fenómeno em estudo que trata os números reduzidos de mulheres a assinar artigos de desporto nos jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *Público*. Existem vários indicadores que podem ajudar a compreender porque reduziu o número de mulheres no desporto destes jornais, no período analisado (Franks e O'Neill, 2015). Em primeiro lugar, parece estar a redução do número de jornalistas nas redacções que levou a que muitos jornalistas saíssem das editorias em que estavam ou mesmo se ficassem sem emprego. Se as mulheres estavam em minoria é natural que diminuindo o número de trabalhadores tenha, também, diminuído o número de mulheres, redução com mais expressão porque já eram menos no ponto de partida. Esta redução poderá ser transversal a outras editorias.

É importante destacar a questão da vida familiar<sup>1</sup> e dos horários muito particulares da área do desporto. Sendo que, nos tempos que correrem, o papel familiar já não é só da mulher, é importante perceber que as mulheres ainda acarretam algumas funções no seio da família,

---

<sup>1</sup> A autora da presente dissertação presenciou um episódio de extremo desconforto em relação à forma como uma jornalista da redacção de desporto da *TVI* foi abordada quando informou o seu editor de que tinha terminado o seu horário de trabalho. É importante mencioná-lo pois corrobora alguns testemunhos em relação à maternidade nesta área em particular. Ora, a jornalista encontrava-se com um horário de trabalho reduzido por forma a poder amamentar a filha, nascida há pouco tempo, horário esse que está previsto na lei portuguesa. Quando informou, casualmente, o seu superior de que iria sair a resposta foi: «Mas o leite ainda não secou?». O contexto foi de ambiente informal e tentativa de piada, mas a jornalista e outras colegas ficaram, visivelmente, desconfortáveis, sem que, no entanto, tenham sido tecidos mais comentários. Considera-se relevante que este testemunho esteja presente na dissertação pois os episódios de discriminação podem não ter influência na progressão da carreira das jornalistas, mas parecem estar associados à forma com as mesmas se sentem nas redacções.

particularmente nos primeiros anos de vida dos filhos, que as constroem quando se trata de trabalhar várias noites e fins de semana. Este ponto não é irrelevante na forma como são abordadas pelos colegas.

Parece também relevante mencionar o facto de que as mulheres precisam de dar mais provas para conquistarem lugares cimeiros no jornalismo desportivo e igualdade de oportunidades, o que pode levar a algum desgaste. Estes dois aspectos tornam-se particularmente significativos quando analisado o espaço temporal investigado (2001-2017) e a inconsistência de nomes a assinar os artigos de desporto nos jornais já mencionados. Pode conjecturar-se que uma mulher que tenha iniciado a carreira em 2001 possa ter saído do desporto porque a vida familiar ocupou um lugar na sua vida que não era compatível com as exigências de horários do jornalismo desportivo, ainda mais proeminentes nos cargos hierarquicamente superiores. Tais factores ajudam também a explicar porque é mais difícil e mais lento para as mulheres aceder a lugares de chefia nas redacções de desporto.

Ainda sobre o ambiente laboral e a maternidade, importa mencionar que o facto de que as mulheres levam mais tempo a chegar aos cargos de chefia nesta área, implica que muitas se sintam desencorajadas à partida de investir no jornalismo desportivo. Hardin e Schain (2006) apontam o ambiente nas redacções de desporto e o estilo de liderança que lá é imposto como uma forma de entrave a que mais mulheres acedam aos cargos de topo nesta área.

«Not surprisingly, women in journalism management positions often adopt a thick-skinned approach to newsgathering in order to climb through the ranks (Chambers et al., 2004). One strategy of women in newsrooms is that of incorporation - working to be perceived as “one of the boys” and adopting masculine values and practices. » (Hardin e Schain, 2006: 324)

Este paradigma é testemunhado pelas entrevistas de Cláudia Lopes e Cláudia Martins que afirma ser mais lenta a evolução de uma jornalista no jornalismo desportivo, muito motivada pelas exigências da profissão e pelo papel, ainda muito associado às mulheres, de cuidar dos filhos (Webb, 2010).

«E há diferenças, também, nos cargos de chefia, que é uma coisa que está relacionada com o parâmetro anterior: se há menos mulheres, há menos mulheres a chegarem a posição hierarquicamente superiores. Isto é o raciocínio normal. Também há aqui outra questão que pesa muito, que tem a ver a ver com os horários e as alturas em que se

trabalha no desporto. Posso dizer que este fim de semana estive de folga e não me lembro da última vez que tive um fim de semana inteiro de folga. Isto acontece sempre. Grande parte do trabalho na área do desporto é feito à noite e aos fins de semana, que é o tempo de lazer das pessoas normais, as pessoas estão em descanso à noite e estão em descanso ao fim de semana. Isto também pesa.» (Martins, 2018)

Os casos de discriminação parecem não ter grande destaque nas razões pelas quais as jornalistas saem do jornalismo desportivo ou nas razões para que haja menos mulheres nos cargos de chefia nesta área, ainda que possam, como já foi mencionado, ter um papel no bem ou mal-estar das jornalistas no seu ambiente laboral.

Strong (2007) e Franks e O'Neill (2015) já haviam também discorrido sobre um factor importante para justificar o número reduzido de mulheres no jornalismo desportivo: é uma área pela qual as mulheres se interessam menos. Cláudia Lopes, Cecília Carmo e Jorge Miguel Matias corroboram esta ideia pois afirmam que é, de facto, uma área pela qual as jornalistas não sentem tanto apelo ou vocação, sem que isso se deva a qualquer outro factor.

«Neste momento acho que as raparigas, as mulheres, que saem das faculdades para exercerem jornalismo e que têm essa possibilidade já não querem muito futebol porque têm outras áreas de interesse que as cativam mais. Daí que esse aumento muito grande numa determinada altura e depois o decréscimo de pessoas que resolveram enveredar por esse caminho. É como nas outras áreas. Para se ir para uma determinada área de trabalho é preciso gostar e perceber e eu acho que cada vez menos mulheres se interessam pelas coisas do desporto e, neste caso, do futebol.» (Carmo, 2019)

Estas são as razões principais que ajudam a compreender o reduzido número de mulheres encontrado na análise aos artigos de jornais. São vários os factores interligados que explicam o fenómeno em estudo. A grande questão que se impõe e que resulta desta investigação reside nos cargos de chefia. Não parece haver dificuldades para que as jornalistas entrem na área do desporto, mas sim para que progridam na carreira, estejam estes entraves relacionados com factores externos, discriminação e estilo de liderança na redacção, ou com factores internos, a vida familiar.

## Conclusão

O propósito desta dissertação foi construir um desenho da evolução da participação das mulheres nas secções de desporto de três jornais, em Portugal, e responder à questão: “Qual a participação das mulheres nas redacções de desporto da imprensa generalista portuguesa?”. Para tal, foi feita uma análise a três jornais generalistas, o *Correio da Manhã*, o *Diário de Notícias* e o *Público*, para avaliar o número de artigos assinados por mulheres nos anos ímpares entre 2001 a 2017. Partindo destes dados pretendeu-se também perceber que factores poderiam justificar os valores encontrados. Esta investigação foi feita recorrendo à análise documental e estatística dos jornais, bem como através de entrevistas semi-estruturadas que complementaram e ajudaram a perceber os números encontrados na primeira análise.

Ficou claro, ainda na revisão literária, que o papel da mulher sofreu diversas mutações, principalmente a partir do século XIX e XX, aquando da Revolução Industrial, cujos avanços tecnológicos nas fábricas fizeram dissipar as diferenças entre os trabalhos masculinos e femininos (Beauvoir, 1989). Foi a 1ª Guerra Mundial que, por falta de homens para trabalhar, abriu ainda mais as portas para que as mulheres acessem ao mercado laboral de uma forma mais consistente (Webb, 2010), sendo que até hoje continua a existir uma diferença substancial nos que diz respeito a salários e a cargos de chefia.

As mulheres entraram no jornalismo para escrever sobre assuntos considerados de mulheres (Franks, 2015). Isto aconteceu em resultado da necessidade de chegar a novos públicos para fazer aumentar as receitas publicitárias. Foi necessário contratar mulheres que escrevessem sobre assuntos que apelassem ao público feminino (Chambers *et al*, 2004). Passo a passo, as mulheres fizeram o seu caminho para serem levadas a sério no jornalismo, em particular no jornalismo desportivo, que era, e ainda é, uma área dominada por homens (Franks, 2015), principalmente no que diz respeito aos cargos de chefia.

O presente estudo concentrou-se, depois, na realidade portuguesa. A escolha pela análise dos artigos assinados por mulheres, em vez da contabilização do número de mulheres nas redacções de desporto, permitiu ter uma percepção mais próxima da realidade daquela que é, de facto, a evolução da participação feminina nesta área (Strong & Hannis, 2007). A

análise ao Correio da Manhã, Diário de Notícias e Público, revelou números baixos de artigos assinados por mulheres nas secções de desporto destes jornais e, mais importante ainda, permitiu entender que houve, aliás, um decréscimo nos valores encontrados.

Tendo em conta os resultados desta investigação, é possível responder à pergunta de partida e afirmar que a participação das mulheres nas secções de desporto da imprensa generalista portuguesa é reduzida e diminuiu no período analisado, entre 2001 e 2017.

É precisamente sobre este decréscimo que a investigação se concentrou de seguida. Através das entrevistas com subeditores de desporto dos jornais e jornalistas mulheres de desporto, chegou-se à conclusão de que os valores reduzidos se devem a um conjunto de factores que, associados, explicam estes dados.

Em primeiro lugar, é importante destacar que, com a queda das vendas de jornais em formato impresso, o formato analisado, as redacções sofreram cortes de pessoal. Num ambiente em que o número de mulheres já era reduzido, estes cortes vieram reduzir ainda mais o número de mulheres no jornalismo desportivo. Outro factor que contribuiu para que poucas mulheres se mantenham nesta área é a questão da maternidade e dos horários a que o desporto, principalmente o futebol, obrigada: noites e fins de semana.

As jornalistas entrevistadas corroboraram a ideia de que é nos cargos de chefia que se encontram as maiores diferenças entre homens e mulheres no jornalismo desportivo. Tratando-se de cargos de maior responsabilidade e que exigem uma dedicação, em termos horários, elevada para serem alcançados, são posições profissionais que, pelos horários desta área em particular, se tornam de acesso mais difícil para as mulheres. Cláudia Martins, jornalista da *Antena 1*, revelou também que as jornalistas têm de se provar mais do que os homens para singrar no jornalismo desportivo e que isso pode causar algum desgaste e levar a que algumas mulheres acabem por procurar outra área do jornalismo.

Os casos de discriminação não parecem ter grande expressão na evolução de carreira destas jornalistas, mas podem ter alguma relevância no seu bem-estar nas redacções e na forma como são tratadas pelo público e pelos colegas. Esta é uma questão que importaria aprofundar em investigações futuras.

Outra investigação futura que importaria fazer relaciona-se com a imprensa desportiva. Comparar os dados do presente estudo com os artigos assinados por mulheres nos jornais impressos especializados em desporto traria um retrato completo da imprensa escrita.

Compreender o panorama digital seria também importante dada a tendência cada vez maior que existe para o consumo de notícias *online*, além de que, a esta análise, seria possível acrescentar a análise dos comentários às peças assinadas por mulheres e perceber se, por parte da audiência, há algum tipo de preocupação com quem é o autor da notícia de desporto.

## Referências Bibliográficas

- Allan, Stuart (2005). *Journalism: Critical Issues*. Londres: McGraw-Hill Education (UK).
- Alvarez, Teresa (2013), «As primeiras mulheres repórteres: Portugal nos anos 60 e 70», *Ex aequo*, 27, Lisboa: Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, pp. 155-157
- Andrews, Phil (2005). *Sports Journalism: A Practical Introduction*. Londres: SAGE Publications.
- Antunovic, Dunja (2019) « “We wouldn’t say it to their faces”: online harassment, women sports journalists, and feminism» *Feminist Media Studies*, 19:3, Taylor & Francis, pp.428-442
- Associação Portuguesa Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação. Disponível em: <http://www.apct.pt/index.php>. Acedido em Setembro de 2019.
- Beauvoir, Simone de (1989) (1959 1ª ed.). *The Second Sex*. (H. M. Parshley, Ed.). Londres: Vintage Books.
- Boyle, Raymond (2006). *Sports journalism : context and issues* (1ª ed.). Londres: SAGE
- Boyle, Raymond e Hayes, Richard. (2009). *Power Play: Sport, the Media, and Popular Culture, Revised Second Edition* (2ª ed.). Edinburgo: Edinburg University Press.
- Byerly, Carolyn e Ross, Karen (2006). *Women and media: A critical introduction*. Malden, Massachusetts, EUA: Blackwell Pub.
- Campenhoudt, Luc Van e Quivy, Raymond (2011), *Manuel de recherche en sciences sociales* (4ª ed.), Paris: Dunod.

Carter, Meg, Turner, Mimi, e Paton, Maureen (2018). *Real Women – The Hidden Sex*. Disponível em: <https://womeninjournalism.co.uk/real-women-the-hidden-sex/>. Acedido a 29 de Agosto de 2019

Chambers, Deborah, Steiner, Linda, e Fleming, Carole (2004). *Women and Journalism*. Londres: Psychology Press.

Crespo, Miguel, Azevedo, Joana, Sousa, João, Cardoso, Gustavo Cardoso, e Paisana, Miguel (2017) *Jornalistas e Condições Laborais: Retrato de uma Profissão em Transformação*. Disponível em: <https://obercom.pt/jornalistas-e-condicoes-laborais-retrato-de-uma-profissao-em-transformacao/>. Acedido em Fevereiro de 2019.

Creswell, John W. (2014), *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approach*, Califórnia: SAGE.

Franks, Suzanne, e O'Neill, Deirdre (2015). « Women reporting sport: Still a men's game? » *Journalism*, 17(4), SAGE, pp. 474–492.

Grant Thornton International. (2018). *The business of women: Boosting balance in the boardroom*. Disponível em: <https://www.grantthornton.com/library/articles/advisory/2018/business-of-women-boosting-balance-boardroom.aspx>. Acedido a 28 de Agosto de 2019.

Hardin, Marie e Shain, Stacie (2006) « “Feeling Much Smaller than You Know You Are”: The Fragmented Professional Identity of Female Sports Journalists. » *Critical Studies in Media Communication*, 23(4), Taylor & Francis, pp. 322–338.

Herman, Robin (2013) *How far have we become?* Disponível em: <http://www.espn.com/espnw/w-in-action/nine-for-ix/article/9481107/espnw-how-far-female-journalists-really-come> Acedido em Outubro de 2018.

International Labour Organization. (2015) *Women in Business and Management Global Report*. Disponível em: [www.ilo.org/publns](http://www.ilo.org/publns). Acedido em Maio de 2019.

Miller, Phyllis, e Miller, Randy. (1995). « The Invisible Woman: Female Sports Journalists in the Workplace » *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 72(4), SAGE, pp. 883–889.

Mills, Eleanor, Hind, Katir e Quinn, Áine (2017) *The Tycoon and the Escort: the business of portraying women in newspapers*. *Women in Journalism Committee*.

Miranda, João (2017), «Contributos para o estudo sobre a feminização do jornalismo português». *Media & Jornalismo*, 17(30), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 27–42.

Morrison, Ann e von Glinow, Mary Ann (1990). «Women and Minorities in Management», *American Psychologist* American, 45(2), Psychologist Association, pp. 200–208.

Macharia, Sarah (2015), Global Media Monitoring Project. Toronto e Londres: World Association for Christian Communication (WACC).

Rosaldo, Michelle Zimbalist, e Lamphere, Louise (1974). *Woman, Culture, and Society*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press.

Steen, Rob (2015). *Sports Journalism, a Multimedia Primer Second Edition (2ª ed.)*. Nova Iorque: Routledge.

Strong, Catherine (2007). « Female journalists shun sports reporting: lack of opportunity versus lack of attractiveness » *Communication Journal of New Zealand, He Kohinga Korero*, 8(2), pp. 7-18.

Strong, Catherine e Hannis, Grant (2007) «The visibility of female journalists at Australian and New Zealand newspapers: the good news and the bad news. » *Australian Journalism Review*, 29(1) pp. 115-126.

Subtil, Filipa. (1995) *As mulheres jornalistas*. Lisboa: Instituto Politécnico de Lisboa.

UN Women – Beijing+20. (2015). In Focus: Women and the Media. Disponível em: <https://beijing20.unwomen.org/en/in-focus/media>. Acedido a 28 de Agosto de 2019.

Vinnicombe, Susan e Colwill, Nina Lee (1995). *The essence of women in management*. Londres: Prentice Hall.

Webb, Joyce (2010). «The Evolution of Women’s Roles within the University and the Workplace.» *Forum on Public Policy Online*, 2010(5), p. 1.

World Economic Forum. (2018). *The Global Gender Gap Report 2018*. Genebra. Disponível em: [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_GGGR\\_2018.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2018.pdf). Acedido em Setembro de 2019.

## Anexos

### Anexo A – Transcrição das entrevistas

**Entrevistado:** Cecília Carmo

**Profissão:** Jornalista no Canal 11

**Data da entrevista:** 11 de Dezembro de 2018

**Duração:** 19m34s

#### 1. Ingresso no jornalismo desportivo

##### a. Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo? Em que meio?

Eu estava na faculdade, no segundo ano da faculdade, e tinha um colega que já não é jornalista, mas que trabalhava no Expresso naquela altura e que, sabendo que eu praticava desporto, éramos uma turma de 60 pessoas, a maioria mulheres, mas eu era a única que praticava desporto na turma, a única rapariga que praticava desporto. Sabendo ele disso [...] Fui para a RTP, para o desporto, em 1987 e lá fiquei 30 anos. Acumulei ainda com o Expresso durante algum tempo. Mas foi por praticar desporto e porque na altura o Expresso precisava de uma mulher, a Leonor Pinhão era jornalista na secção de desporto do Expresso, depois foi para A Bola. O Expresso ficou sem uma mulher e queria... Na altura o Carlos Matos queria uma mulher [para a redacção de desporto] e foi assim. Fui ficando fui ficando.

##### b. Quais as diferenças entre os vários meios?

Em termos de trabalho de trabalho, só mesmo o trabalho para a imprensa escrita e para televisão, de resto igualzinho. É igual ser mulher e trabalhar numa redacção de desporto de televisão e ser mulher e trabalhar numa redacção de desporto de um jornal. A diferença maior é a exposição que a televisão dá, mas isso não é por ser mulher, é por se trabalhar em televisão. Uma pessoa aparece e quando não aparece ouve-se a voz dela e, portanto, a exposição é maior. O que na altura aconteceu foi que houve uma grande surpresa por haver uma mulher, uma miúda porque eu era muito novinha, no meio que era basicamente um meio de homens, ponto final parágrafo, não estejamos agora aqui... E mesmo agora ainda é um bocadinho, mas na altura era mais. Primeiro as pessoas estranharam, acharam: “que

estranho, o que é que ela está aqui a fazer. Mas depois acabaram por se habituar e não houve problemas nenhuns. Nem num lado nem no outro.

## **2. Jornalismo Desportivo vs. outras áreas do jornalismo**

### **a. Que diferenças nas práticas de trabalho?**

É preciso uma especialização muito maior para fazer, verdadeiramente, jornalismo desportivo. Não estou a falar de tricas ou do diz que disse. Não estou a dizer que em política ou economia ou cultura não se tem de estudar: sim tem de se estudar. Eu posso fazer política, obviamente tenho de conhecer as tendências dos partidos com representação parlamentar, tenho de saber o que cada um defende, tenho de saber o que é que cada um tem feito, o que faz o Governo, o que faz a oposição, por aí fora. No desporto, se eu quiser acompanhar uma modalidade a sério e quiser explicar às pessoas que um livre de sete metros foi mal marcado porque a falta não existiu tenho de conhecer as regras para explicar porque é que a falta não existiu e portanto não devia ter sido assinalado um livre de sete metros que por acaso deu a vitória àquela equipa. No judo, por exemplo, porque é um atleta ao fim de 15 segundos perdeu um combate porque perdeu por *ippon*. Eu tenho de perceber o que é aquela técnica que provocou a falta e que o fez ser eliminada, ou que a fez ser eliminada, e explicar às pessoas porque é que é assim no judo, é isso que eu tenho de fazer. Para fazer isso eu tenho de conhecer as regras das modalidades. Eu tenho de saber como é que se joga hóquei em patins, como é que se joga voleibol, como basquetebol, futebol, andebol, como é que se pratica atletismo, natação, judo, ginástica, e depois cada modalidade tem  $n$  variáveis. Eu não tenho de saber tudo como uma enciclopédia, mas tenho de saber as bases e isso é muito mais específico [...] É assim, se eu for fazer um congresso de um partido, eu tenho de conhecer a fundo esse partido político e os seus actores, o desporto é diferente. Eu nunca ouvi um jornalista dizer que não percebe nada de política, mas já ouvi muitos jornalistas dizerem que não percebem nada de desporto, ou que não percebem nada de futebol. É por essa especificidade. E também porque no desporto, não só no futebol, se mexe muito paixões, com sentimentos, com estados de espírito que noutras áreas da sociedade também existem, mas não com esta intensidade. E, portanto, também aí é preciso saber explicar bem para não se cair em falhas. Agora, eu sempre defendi isto, eu fui jornalista no desporto durante muitos anos e fui jornalista na informação geral durante muitos anos também. Eu exerci a actividade de jornalismo, eu não fui jornalista desportiva, eu fui jornalista que estava no

desporto e porque estava no desporto tinha de trabalhar e estudar muito para desporto. Quando fui para a informação geral continuei a ser jornalista, não deixei de ser jornalista. E tudo aquilo que aprendi de princípios e regras de informar e trabalhar em televisão eu mantive-as nas outras áreas de informação onde trabalhei. Não mudei o *chip* porque saí do desporto e fui para outra área, a matriz está lá. O que eu fiz foi adaptar o meu trabalho às áreas de intervenção onde estava.

**b. Diferenças nos cargos de poder? Se sim, quais?**

Eu acho, com toda a franqueza, que as oportunidades estão equilibradas e que se as mulheres não o fazem é porque não querem. Eu tive oportunidades para chegar e trabalhei para isso. Trabalhei, dei o litro, cumpri, fui proactiva e, portanto, isso fez com que eu chegasse ao sítio onde cheguei, aos cargos de chefia onde cheguei. Mesmo depois de ter deixado o desporto e ter continuado na RTP, mas noutras áreas de informação, eu cheguei onde cheguei por causa do meu trabalho, por que me impus com o meu trabalho. Aí o ser mulher, neste momento, já não é tão determinante quanto era antigamente. Claro que me vai dizer assim: “Mas só agora é que a RTP tem a primeira mulher directora de informação?”, até agora tinham tido sempre homens directores de informação, é verdade. Mas também houve muitas mulheres que foram directoras adjuntas e subdirectoras que trabalharam e que deram tudo de si para crescer na organização. A nossa sociedade, no geral, ainda é muito masculina, entre aspas, machista nesse sentido de valorizar mais o trabalho dos homens. Apesar de agora estar diferente, ainda há muito aquela questão da mulher que tem filhos e depois fica em casa, o que já não acontece porque os casais actualmente já repartem muito as tarefas e já não é a mulher que ocupa uma posição de chefia que vai ter de faltar porque tem de tratar do filho, o pai também falta para tratar do filho. Eu acho que aí as coisas já estão um bocadinho mais equilibradas.

**3. Legitimidade/Credibilidade no Jornalismo Desportivo**

**a. Alguma vez sentiu algum tipo de dificuldade no meio do jornalismo desportivo?**

Por ser mulher? Não. Porquê? Porque eu trabalhei muito, estudei muito, quis-me impor com o meu trabalho, e consegui-o. Para isso eu tinha de estar muito dentro dos assuntos, não podia falhar, tinha de ser objectiva, tinha de ser rigorosa e foi o que eu fiz. Ao princípio, de facto, estranhavam. Achavam piada. Depois quando percebiam que a miúda até percebia um

bocadinho de desporto até achavam mais piada. Acabaram por reconhecer um bocado que eu estava ali por mérito, não porque era uma miúda e achava piada a desporto. Era uma mulher, mas que percebia e gostava de desporto, que discutia e tratava desporto como outro colega homem.

**b. As mulheres têm de se provar mais?**

Na altura tive de me provar mais. [...] Naquela altura, na minha altura, ainda se tratavam muito as modalidades, as notícias de modalidades, acompanhava tudo isso. Agora é só futebol, futebol, futebol. Eu tive de trabalhar mais que os meus colegas para chegar onde cheguei. E isso não tem só a ver com o ser desporto tem a ver com os cargos de chefia que tive nos sítios por onde passei, nas redacções por onde passei. Para chegar lá eu tive que provar mais, que trabalhar mais. Tive de mostrar que era capaz de uma forma mais “dura”, do que os meus colegas homens. Eles estavam no meio deles, eu não estava, estava num meio que era de homens, portanto tinha de mostrar que estava ali e que, entre muitas aspás, sabia trabalhar como os homens, o que é uma coisa um bocadinho estranha.

**c. As mulheres com interesse nesta área já a veem como um campo onde podem participar?**

Sim, claro. Claramente que sim, assim elas queiram. Há dois anos, já não estou lá, assumi o cargo de Directora de Comunicação do Comité Olímpico de Portugal e ninguém teve dúvidas em achar que ia eu para aquele cargo porque cumpria eu as funções e os requisitos. Ninguém perguntou: “é mulher ou homem?”. Não acredito que alguém tenha posto sequer essa hipótese em cima da mesa. Nós vemos noutras organizações, seja no jornalismo ou noutras actividades profissionais, que há cada vez mais mulheres a ocuparem cargos de responsabilidade, de chefia, liderança, porque têm competência para isso e podem fazê-lo.

**d. No Mundial da Rússia foram conhecidos vários casos de jornalistas assediadas em directo. É sinal de retrocesso ou estagnação no que diz respeito à credibilidade das mulheres na área?**

Eu sempre trabalhei em desporto e nunca fui assediada, porque não me permiti. Isto também tem um bocadinho a ver, não quer dizer que as mulheres são culpadas disto, atenção, mas também pode haver um bocadinho o pôr-se a jeito para determinadas situações. Ou seja: eu estou a fazer um determinado trabalho, se eu me impuser pelo trabalho e não andar ali a fazer

olhinhos e a achar que “ai, que giros que são os jogadores” [...]. Também corro o risco estar muito séria a fazer o meu trabalho e ser assediada na mesma, nunca aconteceu comigo, mas podia ter acontecido, como é óbvio. Não conheço outros casos em que tenha acontecido, sinceramente, mas podia ter acontecido. Eu acho que é tudo, é um bocadinho da cultura dos países onde estamos, é os movimentos, é um bocadinho das tendências também, um bocadinho da forma como nós nos colocamos perante as situações e perante a nossa actividade profissional e, portanto, não se pode dizer que a culpa é deste factor apenas. É tudo junto.

#### **4. Dados encontrados na pesquisa**

##### **a. Porquê a tendência decrescente no número de mulheres na imprensa portuguesa?**

É assim, para se ir para jornalismo desportivo é preciso gostar muito e perceber de desporto, especificamente de futebol. Porquê? Porque cada vez mais o jornalismo desportivo se faz trabalhando o futebol. Se não é o futebol é o futebolês, as tricas do futebol, mais do que propriamente o jogo jogado. Independentemente de se ter isso por esse caminho e por essas opções, acho que as mulheres começam a ver futebol porque é giro, não gostam de ver futebol porque gostam de jogar futebol, porque gostam de conhecer as regras, porque querem perceber determinados contextos em que as situações acontecem, por aí fora. Por outro lado, aquilo que acontecia, no meu tempo, acho que está a voltar a acontecer. Já não é giro, moda, ir-se para o desporto. Houve uma fase em que era moda, era giro: “há mulheres a fazerem desporto, portanto vamos fazer desporto também.” Neste momento acho que as raparigas, as mulheres, que saem das faculdades para exercerem jornalismo e que têm essa possibilidade já não querem muito futebol porque têm outras áreas de interesse que as cativam mais. Daí que esse aumento muito grande numa determinada altura e depois o decréscimo de pessoas que resolveram enveredar por esse caminho. É como nas outras áreas. Para se ir para uma determinada área de trabalho é preciso gostar e perceber e eu acho que cada vez menos mulheres se interessam pelas coisas do desporto e, neste caso, do futebol.

##### **As redações também diminuíram.**

Sim. E, por outro lado, toda a gente faz tudo. Aquilo que havia no meu tempo, em termos de especialização, agora não há. Agora um jornalista faz sociedade, faz política, faz economia, faz desporto, faz cultura, faz saúde, faz educação, faz tudo! Antigamente, as coisas estavam muito mais compartimentadas. Não quer dizer que agora as redações não tenham essas

editorias, mas eu estou farta de ver jornalistas de desporto fazerem coisas de sociedade e jornalistas de sociedade fazerem coisas de economia e jornalistas de economia fazerem coisas de desporto. Portanto, como as redacções estão mais pequenas, de facto, é verdade, as pessoas tendem a fazer muito mais de tudo. Também é por aí. Uma pessoa está numa redacção, é chefe de redacção, editor executivo, o que quer que lhe chamemos. Acontece, por exemplo, um acidente de automóvel gravíssimo. Olha para o lado e se a pessoa só vir uma pessoa do desporto não tem problemas nenhuns em pegar nessa pessoa do desporto e dizer-lhe: “olha vais tu fazer a cobertura”. Um jornalista tem de estar capacitado para fazer tudo, ponto final parágrafo. Aí é que está a arte de ser bom jornalista. Como ao contrário. Se houver qualquer coisa relacionada com desporto que implique terem que outros se mobilizar. E já nem vou pelas questões da justiça e das detenções que eu acho que isso aí, apesar de serem agentes do desporto tem a ver com justiça. Se acontecer qualquer coisa, num grande evento, o Euro2004, por exemplo. As pessoas todas da redacção da RTP tiveram que se mobilizar para o Campeonato da Europa de futebol, fosse mais desporto, fosse mais sociedade, fosse mais cultura, fosse o que fosse. Mas tínhamos de fazer porque era um grande evento e como grande evento que era tínhamos que estar ‘chipadas’ para isso.

**Entrevistado:** Cláudia Lopes

**Profissão:** Departamento de Comunicação do Sporting Clube de Portugal

**Data da entrevista:** 19 de Outubro de 2018

**Duração:** 21m32s

## **1. Ingresso no jornalismo desportivo**

### **a. Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo?**

Eu já era jornalista na *RTP* desde 95 e apenas só por uma questão de percurso interno para regularizar a questão laboral de uma série de colaboradores, havia gente com recibos verdes, havia gente com avença, havia gente com contrato, havia gente de todas as maneiras, e então eles quiseram regularizar isso tudo e fizeram uma espécie de um curso de formação interno. No âmbito desse curso, porque nos era pedida rotatividade entre sítios que não fossem os nossos de origem, ou seja, para que os nossos chefes do dia de ontem não fossem os nossos avaliadores do estágio, fui parar ao desporto. Como era o meu último mês de estágio, chamemos-lhe assim, acabei por ficar. O Miguel Prates, que hoje está na *SportTV*, convidou-

me na altura, já a *RTP* tinha alguma tradição de mulheres, já tinha existido uma jornalista com muito peso no desporto, que era a Pilar de Carvalho, mas faleceu prematuramente com cancro. [...] Existia a Cecília [Carmo] como *pivot*, portanto já não era assim uma coisa estranha, mas também comparativamente com o resto da redação era tudo homens, acabava por ser ali uma ilha. A ideia já nessa altura, isto em 98, era tipo “precisamos de mais mulheres, mais gente que pense fora da caixa, que vá fazer reportagens com outro espírito”, isto foi sempre visto pelos homens. Foi dessa forma que eu cheguei ao jornalismo desportivo, em 98, sem nenhum tipo de afinidade, sem nenhum tipo de escolha. O desporto não me era pessoalmente uma coisa estranha, tinha praticado desporto desde sempre, modalidades colectivas, tinha feito a opção de desporto na escola, a matemática acabou por me afastar de escolher essa área na faculdade [...] e então acabei por mudar de área, mas não me era nada que fosse estranho. Mas não tive nunca aquele sonho de “tudo o que eu quero fazer é o jornalismo desportivo”. Primeiro porque fui jornalista por acidente, tirei o curso de comunicação empresarial, nunca na vida me tinha passado pela cabeça ser jornalista, jornalista desportivo então, pior ainda. Tudo aconteceu um bocadinho por acidente, não foi uma escolha.

#### **b. Quais as diferenças entre os vários meios?**

Eu só trabalhei em dois sítios como jornalista, na *RTP* e aqui, nunca trabalhei em mais lado nenhum. Na *RTP* estive 10 anos e aqui já vou a caminho dos 10 anos. Não tenho esse ponto de comparação. Agora, tenho um ponto de comparação da evolução desde 98 até chegar aqui. Há muitos anos atrás, no final da década de 90, inícios dos anos 2000, há um dia em é notícia nos jornais desportivos, por causa de uma brincadeira. Num treino do Sporting, na Academia do Sporting, estávamos mais mulheres do que homens. De repente, eu estava pela *RTP*, estava uma rapariga, a Carla Pereira de Ascensão, pela *TVI*, estava a Irene pel’ *O Jogo*, estava a Vanda pelo *Record*, eramos uma série delas. Portanto, naquele dia, pela primeira vez, eram mais mulheres a fazer as peças e as reportagens sobre o treino do que homens, e até inclusive isso deu uma breve nos jornais. Juntámo-nos assim todas muito perfiladas e aquilo foi uma breve porque pela primeira tinha acontecido. Há, de facto, uma viragem. Porquê? Porque nos cursos de comunicação social começam a existir mais raparigas do que rapazes. Os rapazes começam a deixar de estudar até cada vez mais tarde e isso reflete-se depois no mercado de trabalho. Começou também a não ser um estigma, as raparigas irem

para as redacções de desporto já não era uma coisa do outro mundo mas foi um trabalho lento.

## **2. Jornalismo Desportivo vs. outras áreas do jornalismo**

### **a. Que diferenças nas práticas de trabalho?**

Fazemos mais directos, trabalhamos mais horas aos fins de semana, trabalhamos mais em cima do improvisado, é menos formal. Num resumo pode ser feita muita coisa. [Por exemplo] ontem no jogo do Benfica, podes dizer resumo: “golo absolutamente extraordinário de Gedson”. Não é possível dizer: “foi uma medida extraordinária de António Costa”. A emoção é mais permitida, a adjectivação é mais permitida, o trocadilho, a brincadeira. É uma área menos formal, mas, ao mesmo tempo, do ponto de vista da montagem das peças, existe mais elasticidade porque quando fazemos os resumos, montamos as primeiras imagens e só depois é que pomos a voz, o que é uma coisa que noutras áreas é muito pouco utilizado, porque as imagens é que mandam, as imagens é que contam a história. Há uma lógica diferente de métodos de trabalho e há uma lógica muito de pressão porque hoje em dia o fenómeno desportivo tornou-se o fenómeno mais valorizado nas televisões. Hoje em dia, é na compra dos direitos desportivos de transmissão televisiva onde há mais dinheiro envolvido. Porquê? Porque é a verdadeira coisa que as pessoas ainda valorizam em directo na televisão, porque se vê cada vez menos televisão de um ponto de vista formal à espera daquilo que vai dar num determinado canal. Puxa-se a gravação para trás, existem plataformas com o *Netflix*, o que for. E, portanto, o que é que as pessoas continuam a ver em directo? Os eventos desportivos. Daí a lógica diferente, aqui há uma pressão muito grande mal os jogos acabem para teres os resumos prontos. É, de facto, um conteúdo que tem muito valor para a audiência, acrescenta muito valor aos jornais.

### **b. Diferenças nos cargos de poder? Se sim, quais?**

Sim. Leva-se muito mais tempo, no jornalismo desportivo... Não podemos inquirir a discussão também, ou seja, continua-se, em 2018, a falar de igualdade e a falar de o mesmo trabalho o mesmo salário e, portanto, se se continua a ter de falar nisso é porque a sociedade neste momento percebeu que o trabalho das mulheres não é igualmente valorizado ao dos homens. Porque é que eu acho que esta questão dos cargos de poder no jornalismo desportivo, e a relação das mulheres, porque é que temos de olhar sem preconceitos para

isto? O jornalismo desportivo, por definição, exige mais trabalho à noite e aos fins de semana. O que é que isto significa? Isto significa que não é fácil para as mulheres, a determinada altura da sua vida, ter uma aposta tão forte na carreira. E isso é o quê? É a maternidade. Quando chegas aqui com 20 anos, no teu desempenho, é indiferente seres homem ou seres mulher, mas chegas aos 30 e tens filhos e não podes vir fazer os programas todos os dias à noite, nem sair daqui todos os dias à meia noite, nem trabalhar todos os fins de semana, porque é impossível conciliar isso com a tua vida familiar, tens de esperar. Dou-te o meu caso, para não falar em mais ninguém. Eu só chego a um cargo de chefia quando o meu filho já tem alguma idade, ou seja, depois de passar aqueles primeiros anos, porque quando ele tinha dois, três, anos eu não conseguia, de facto, vir trabalhar todos os dias à noite ou trabalhar todos os fins de semana porque é-te muito complicado conjugar porque o desporto é diferente, porque os jogos são sempre à noite e sempre ao fim de semana. Tu ao fim de semana não tens creches e ou dependes de um bom apoio familiar ou de um bom desdobramento com o pai para conseguires conciliar e isso não é fácil. E, portanto, eu assisti a muitas mulheres da minha geração a começarem no jornalismo desportivo e que depois abandonaram o jornalismo desportivo quando foram mães, exactamente por causa dos horários, porque não é possível conciliar. Mesmo aqui, nós temos *pivots*... A Andreia Palmeirim foi mãe há pouco tempo, ok agora está a fazer os horários da manhã. Quando se acabar o período da amamentação e aquelas coisas todas, quando ela perder todos os benefícios que tem da maternidade vai ter que ser uma gestão com algumas pinças de integrá-la num horário e combinar com ela para quando é que pode fazer noites, porque ela não pode deixar a miúda em casa. E, portanto, não podemos olhar só: “Porque é que as mulheres não chegam no jornalismo desportivo a chefes?”, há aqui uma razão um bocadinho familiar e de conciliação por trás. Voltando ao meu caso, depois de passar essa fase inicial, e por outras questões de reorganização, eu, neste momento, sou editora do desporto da TVI e sou directora do Maisfutebol, do site. E, portanto, há esta conjugação, ou seja, acho que cada vez mais, nomeadamente no caso do Sérgio Figueiredo, que é nosso director e que é directo de informação das duas plataformas, quer da televisão quer dos conteúdos *online*, o Sérgio é a pessoa que menos liga a esse tipo de coisas e que mais oportunidades promove em função daquilo que são as capacidades da pessoa e menos das questões de género.

**Pois, porque, na verdade, nem tudo é preconceito, as mulheres podem simplesmente não se interessar pelo desporto.**

Há menos mulheres a interessarem-se pelo desporto, ainda hoje, do que homens, apesar da nossa redacção, se eu contar acho que é ela por ela, na redacção da TVI. Na redacção do digital já não, há mais homens do que mulheres no Maisfutebol. Mas acho que tem um bocadinho a ver com isso, ou seja, as mulheres chegam muitas vezes mais tardes a cargos de chefia, porque, se calhar, quando os homens chegam ali aos 30 e tais, inícios dos 40 e podem ser chefes, nessa altura nós ainda andamos muito com fraldas e *biberons* e, se calhar vamos ter de chegar um bocadinho mais tarde.

### **3. Legitimidade/Credibilidade no Jornalismo Desportivo**

#### **a. Alguma vez sentiu algum tipo de dificuldade no meio do jornalismo desportivo?**

Em reportagem, pelo menos, [já fui] aborrecida. E continuas a ser. Ainda há pouco tempo tivemos um episódio, até seguimos os trâmites legais, com uma jornalista nossa, num estádio, onde as pessoas não só a aborreceram a trabalhar, como verbalmente foram desagradáveis, tens de apresentar queixa. Não podes deixar passar em branco. As pessoas ainda não perceberam que aquilo é o nosso trabalho. Ninguém vai para um estádio, num sábado à tarde, aturar fanáticos se não fosse a sua obrigação laboral. Se eu tivesse dado a escolher à pessoa que mandei para lá ir aturar aquelas pessoas ou ir para casa de folga, a pessoa ia escolher ir para casa de folga, não é?

#### **Pergunto isto porque ainda se sente muito, até como adepta de futebol.**

Eu não discuto futebol com ninguém, por defeito profissional. Uma coisa é numa roda de amigos, e têm que ser amigos muito chegados ou muito provados, estarmos ali na brincadeira a discutir se o jogador A, B ou C foi uma boa compra ou tipo: “Ah já sabes se ele afinal vai para o Benfica ou não vai?”, pronto, aquela coisa de que eu tenho acesso privilegiado e que posso saber de alguma coisa e dar-lhes uma novidade antes de eles saberem pelos jornais. Isso é uma coisa. Agora, para lá daquele número muito restrito das pessoas que me são mesmo muito próximas, eu não discuto futebol com ninguém. Já cheguei a ser algo desagradável com as pessoas porque me viram um jantar, lembro-me perfeitamente desse episódio, tentarem isso e eu respondi do alto do meu nariz e respondi: “Só falo de bola com quem sabe”, e arrumas a questão. Porque as pessoas têm imenso preconceito e têm, não só esse preconceito, no meu caso já não existe esse preconceito porque há 20 anos que trato temas de futebol, se há alguém hoje em dia me perguntar “O que é que tu percebes de bola?”

era só mandar para um sítio qualquer. Não é tanto por aí, mas é porque não tenho paciência para a clubite, é uma questão que não tenho mesmo paciência para gente parva, não tenho já, e para o “Ah vocês jornalistas”, como se nós tivéssemos uma agenda secreta para prejudicar ou para beneficiar. Tenho vinte e tal anos disto e nunca vi um jornalista marcar um golo. Não quero saber dessas opiniões do “Ah tu trabalhas não sei onde e tens lá o comentador não sei quê”, não perco nem o meu o tempo, nem um segundo da minha vida a argumentar com essas pessoas, porque tenho mais do que fazer, tenho roupa para estender, com às vezes se diz.

**Às vezes a ideia que fica nas redes sociais é que os comentadores desportivos são escolhidos com um propósito.**

Redes sociais, outro epifenómeno: não ligar. Tenho 78 mil seguidores no *Twitter*. Também faço uma coisa que é: não dou muitas opiniões daquelas que já sei que me vão trazer problemas. Às vezes uma de vez em quando, naqueles dias em que uma pessoa está maldisposta e diz “Hoje vou fazer selecção natural da espécie, vou bloquear aqui 50 gajos”, às vezes há dias assim, mas normalmente tento não ser nada assim muito acintoso, porque a malta vem por ali abaixo.

**As redes sociais são outro fenómeno à parte, certo?**

Mas não podes nunca valorizar. Eu apresento o programa, o que é que me interessa a opinião de alguém atrás de um *alias*, de um nome, de uma *avatar* qualquer e diz “Ah vocês são uma cambada de atrasados”. Pode ter só 13 anos, ok? Não vale a pena valorizar.

**b. No Mundial da Rússia foram conhecidos vários casos de jornalistas assediadas em directo. É sinal de retrocesso ou estagnação no que diz respeito à credibilidade das mulheres na área?**

É uma questão cultural. O Mundial foi na Rússia. Estás a falar num país onde a violência doméstica não é crime, ou seja, um homem bater numa mulher é uma coisa perfeitamente normal e cultural e, portanto, incomodar quem quer que seja na rua para eles é normal, nem é valorizado.

#### **4. Dados encontrados na pesquisa**

**a. Face aos números reduzidos de mulheres na área, no caso dos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias e Público, podemos especular que se atribuem a discriminação/falta de oportunidades/desinteresse pela área ou outra razão?**

Há uma coisa aí que falta, que é: se cresceu ou não nos meios especializados. Acho que pode haver aí uma série de razões que podíamos apontar para esse decréscimo ao longo destes anos. Porque também acho que os jornais em papel perderam muito peso e acabaram por perder pessoas nas suas redacções e hoje em dia estão muito virados para a mão de obra barata e para o estagiário e esse não assina peças, portanto não tem género e existe cada vez mais mão de obra barata nas redacções. O papel caiu olímpicamente nas vendas nos anos que analisaste e, portanto, onde é que eu acho que tínhamos de analisar? Se cresceram, ou não, o número de peças assinadas por mulheres n'O Jogo, no Record e n'A Bola, porque eu acho que os especialistas eram muito fechados, a Bola, o Record e O Jogo ter mulheres nas redacções era difícil. Hoje em dia tens mais mulheres, até porque, por exemplo, no caso do Record tens uma ligação ao CMTV e tens a Hora Record, tens ali alguns programas. E tendência continua a ser para apresentar gosta-se das caras femininas.

**Há essa questão, não existem mulheres comentadoras, existem comentadores com uma mulher que apresenta.**

É. Voltas um bocadinho para estereótipo da boneca. Fica bem em qualquer ecrã de televisão, seja em 4 por 3 ou em 16 por 9, portanto, fica ali bem e tem essa função. Porquê? Porque o teu público, não é uma coisa que nós tenhamos inventado, o teu público maioritariamente é masculino, e é-lhes mais agradável ver uma mulher do que um gajo com barba na televisão. Os italianos forçaram isso até ao limite, as televisões italianas, nos anos 90/2000, tinham umas apresentadoras todas com uns decotes enormes, umas microssaias, uns mega saltos, mas tinham essa função decorativa, só. Até que depois se percebeu que se podia conciliar ter mulheres, e mulheres que percebessem da poda. É todo um caminho, embora às vezes a tendência é “esta é miúda é mais bonita e fica melhor na televisão”, mas isso, enfim, é um caminho para fazer. No entanto, continuo a achar que os próprios desportivos fizeram esse caminho de ter nas suas redacções mais mulheres. Embora continue também a achar... Nós, aqui, acho que não, muito sinceramente, acho que a nível de oportunidades, quem é que tu mandas para um jogo grande, quem é que tu mandas para o estrangeiro, continuamos a olhar muito em função do perfil da pessoa para a reportagem que vai fazer do que propriamente se é homem, se é mulher. É-me indiferente. Agora a questão é assim, não me é indiferente

quem é que eu vou mandar para Manchester fazer o Manchester com a Juventus, porque de todas as pessoas eu tenho uma pessoa na redacção que tem uma relação privilegiada com o José Mourinho, eu vou enviar essa pessoa. E, portanto, a escolha é feita por aquilo que as pessoas acrescentam e o valor que aportam às reportagens que fazem, não é feito pelo género. Acho que a função da escolha pelo género pode existir, mas ao contrário, ou seja, se calhar para a noite das eleições do Sporting, das últimas, ou para a Assembleia Geral, quando tu percebes que o ambiente vai estar muito complicado, se calhar evitas mandar uma mulher. Ou, no caso da Assembleia Geral Destitutiva [do ex-presidente do Sporting Clube de Portugal, Bruno de Carvalho], por exemplo, mandámos, mas todas as pessoas que foram trabalhar do nosso lado foram com seguranças privados, porque nós avaliámos em função do risco para o jornalista e, portanto, independentemente do género, para qualquer jornalista, todos eles levaram segurança privado. Às vezes podes fazer uma discriminação positiva, mas... tu preservares exactamente mais uma mulher, porque pode ser um ambiente muito hostil, muito violento, pode ser uma coisa complicada, mas depois depende também do perfil. Nós temos a Carolina Resende Matos que faz o SOS, ela vai perfeitamente acompanhar as claques nos dias dos clássicos e te garanto que ninguém se vai meter com ela. Tem a ver também com o perfil. Ela é tudo menos o perfil boneca e, portanto, te garanto que o primeiro que puser o pé em ramo verde ela, se for preciso, dá-lhe com o microfone. Portanto, o género não é aqui uma definição importante na escolha que tu fazes na atribuição dos trabalhos.

### **E, portanto, em termos de oportunidades não há diferença entre géneros?**

Não, não. Por exemplo, escolhi agora as pessoas que vão para a Liga dos Campeões, para a semana. Não vai nenhuma mulher, por acaso na última saída tinha ido a Rita. Não posso voltar a escolher a escolher a Rita no espaço de 15 dias porque, lá está, ela tem uma miúda muito pequena e, portanto, estar 3 dias fora é ali uma preocupação. A Andreia Palmeirim, perguntei-lhe se ela já estava preparada para ir e ela disse que não, ela ainda amamenta e claro que não queria estar 3 dias fora de casa. Mas eu não deixaria de escolher nenhuma delas, se alguma delas mostrasse interesse em ir, ou seja, não é por aí. Marcas as pessoas em função do horário, se as pessoas estão de folga, se estão a trabalhar, mas o horário também não é feito nunca em função do género. O que acontecer, por exemplo, esta semana na Liga dos Campeões é que maioritariamente os resumos vão ser feitos por mulheres. Como os

“homens” foram para fora, vai todo o mulherio fazer os resumos da Liga dos Campeões, portanto, não há nenhuma discriminação de género.

**Entrevistado:** Cláudia Martins

**Profissão:** Jornalista na *Antena 1*

**Data da entrevista:** 8 de Dezembro de 2018

**Duração:** 25m51s

## **1. Ingresso no jornalismo desportivo**

### **a. Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo?**

Comecei por coincidência, não foi uma escolha. Eu estudei em Coimbra, queria fazer rádio e pedi o meu estágio curricular para a *Antena 1*, no Porto. Pedi para a informação geral porque eu achava que o estágio deveria dar o máximo de áreas temáticas. Portanto, em vez de eu estar a fazer estágio especificamente numa área temática eu queria passar por todas elas e, portanto, a informação geral permitia-me isso. A redacção do Porto da *Antena 1* só tinha a divisão para o desporto, todas as outras áreas eram da redacção inteira. Eu tive uma boa nota, tive um bom *feedback* das pessoas na rádio e passado mais ou menos um ano de eu ter feito lá o estágio surgiu um convite do colega do desporto. Havia a intenção do desporto aumentar os colaboradores para poder estar presente nos campos, por exemplo, da Segunda Liga, precisavam de mais pessoas num regime de colaboração. Como eu tinham feito um estágio com qualidade e tinha deixado boas marcas, eu gostava de desporto e, portanto, conversava com os colegas de desporto, ainda que não estivesse na redacção deles a estagiar. Surgiu esse convite. Havia, também, a vontade, por parte do Fernando Eurico, que era o coordenador do desporto cá no Porto, na altura, e ainda é, de colocar uma mulher no desporto. Ele tinha essa vontade e sugeriu o meu nome. Por isso, o desporto surge desta forma, surge como uma casualidade, foi uma oportunidade. Era uma porta que eu queria, obviamente, porque era a *Antena 1*. Foi, claramente, uma oportunidade. Depois, em função disso, surgiram outros projectos também na área do desporto. Estive mais de cinco anos a liderar o *Zerozero*, que é só sobre futebol. Mas isto á surge depois de eu estar na *Antena 1*, depois de já estar a fazer desporto há alguns anos.

**Foi sempre na rádio? E depois no digital?**

Não. Eu também trabalhei n' *O Primeiro de Janeiro*, que agora, entretanto, já não está entre nós. n' *O Primeiro de Janeiro* eu fiz um bocadinho de tudo. Foi o meu primeiro trabalho e eu estava, aliás, numa secção, eu na altura não sabia, mas era uma secção de publirreportagem. Fui apanhada ali um bocado de surpresa, mas deu para aprender algumas coisas. Se tivermos essa forma de estar conseguimos colher de todas as experiências pelas quais passamos, e foi a minha primeira, fiz um bocadinho de tudo. Passei por alguns órgãos de comunicação social regionais e locais, muitas vezes até como colaboradora e não como trabalhadora. Sobretudo na minha terra natal, sou de Amarante. Na *Antena 1* estou desde 2007, pelo meio, entre 2010 e 2015, estive no *Zerozero*. Portanto, no fundo, sim, rádio tem sido a maior experiência e esse projecto *online* do *Zerozero* e um bocadinho a parte escrita, sobretudo n' *O Primeiro de Janeiro*.

#### **b. Quais as diferenças entre os vários meios?**

Não há diferenças em termos de conhecimento. Acho que um jornalista terá de estar preparado sempre em qualquer situação. Há diferenças, sobretudo, porque grande parte do trabalho, ou, uma característica principal do meu trabalho é que é feito em directo. E o que é que isso significa? Significa que o meu grau de preparação tem que ser muito maior no momento. Imagina, faço um jogo hoje à noite. Se eu for escrever para sair no jornal amanhã, enquanto eu estou a escrever posso verificar uma série de coisas. “Tenho dúvida se aquele fulano tem 20 anos ou 21, se tem 30 golos ou 32”, posso ir verificar porque estou a escrever ao mesmo tempo e tenho esse tempo de procura e de confirmação de informação. A rádio não me permite isso. Na maior parte das vezes, grande parte do trabalho é em directo e, portanto, essa preparação no momento. Eu preciso da informação e tenho de ter a certeza dessa mesma informação. Essa, diria, é a principal característica, principal diferença. Depois, é evidente que durante a semana, numa semana em que não há jogos, nós temos noticiários de desporto e aí já é um bocadinho diferente, já temos algum tempo, ainda que seja uma rotina diferente, temos noticiários de x em x horas, também é em directo, mas há algum tempo de preparação do noticiário. Aí, sim, já temos algum tempo de preparação, de pensar nos assuntos, de reflectir o que é notícia e o que não é, o que é que está na ordem do dia, o que vamos falar. No que diz respeito ao acompanhamento da informação, o facto dele ser feito sempre em directo tem essa característica.

## **2. Jornalismo Desportivo vs. outras áreas do jornalismo**

### **a. Que diferenças nas práticas de trabalho?**

Nenhumas, confesso. As ferramentas que temos para trabalhar, para escrever uma notícia ou dar uma notícia, cobrir um jogo. Eu não acho que use ferramentas jornalísticas diferentes ao fazer a cobertura de um jogo, de um evento desportivo, ou de um congresso político ou de debate na Assembleia. As ferramentas jornalísticas que eu uso são exactamente as mesmas. A única coisa que muda aqui é a temática em que estamos a trabalhar. Quanto mais informada eu estiver, quanto mais memória eu tiver, quanto mais especializada eu estiver no tema, melhor serei, com certeza. Imagina, ontem eu fiz o jogo do Porto, à noite, o Porto x Portimonense. Jackson Martínez fez o regresso ao Estádio do Dragão a jogar pelo Portimonense. O Jackson Martínez é um avançado colombiano que jogou três épocas no Futebol Clube do Porto, era um grande goleador. Eu já trabalhava e já cobria o Porto quando o Jackson lá era jogador, ou seja, eu tenho a certeza que ontem ao ver o Jackson em campo e ao falar sobre ele em campo fui, eventualmente, mais minuciosa, mais informativa, porque há uma parte em mim que está de memória, porque eu já cobri há muitos anos, há alguns anos, quando ele jogava no Porto. Portanto, esta memória, este conhecimento mais profundo, que não é do saber de hoje. Eu sei da actualidade, mas sei há um ano, sei há dois ou sei há dez, mas sei porque estudo porque ninguém consegue saber tudo. Eu acho que esta importância da especialização e do conhecimento é igual em todas as áreas temáticas porque imagino que se eu fosse fazer um congresso do PSD, da CDU ou do PS, independentemente do partido, se eu tiver noção que há um ano foi assim, que há sete anos foi assado, e o outro líder falava disto, eu farei um trabalho melhor. Na verdade, eu acho que esta questão da especialização temática é tão importante no desporto como na política, como na saúde. Faz-nos sempre melhores profissionais. Eu não acho que haja diferenças porque nós somos jornalistas e é aliás um rótulo que me custa muito, que as pensem que são jornalistas desportivos. Há uma espécie de estigma de que o desporto não é tão importante como a política, não interfere tanto na vida das pessoas como a saúde ou economia, que os jornalistas são menos capazes, são intelectualmente menos desenvolvidos e eu acho que isso não faz sentido nenhum. Eu acho que nós somos jornalistas de facto, especializamo-nos num tema e amanhã se tivermos de mudar para política ou para economia vamos especializarmo-nos noutra área e vamos levar o nosso tempo de preparação, de leitura, pedir ajuda a outros colegas que têm mais tempo, mais memória, mais conhecimento e que nos podem transmitir isso também. E pedir essa ajuda para nos tornarmos melhores e mais por dentro dos assuntos.

### **b. Diferenças nos cargos de poder? Se sim, quais?**

Eu estou a estudar isso no meu doutoramento e há diferenças, de facto, no número: eles são mais do que elas, ponto. E há diferenças, também, nos cargos de chefia, que é uma coisa que está relacionada com o parâmetro anterior: se há menos mulheres, há menos mulheres a chegarem a posição hierarquicamente superiores. Isto é o raciocínio normal. Também há aqui outra questão que pesa muito, que tem a ver a ver com os horários e as alturas em que se trabalha no desporto. Posso dizer que este fim de semana estive de folga e não me lembro da última vez que tive um fim de semana inteiro de folga. Isto acontece sempre. Grande parte do trabalho na área do desporto é feito à noite e aos fins de semana, que é o tempo de lazer das pessoas normais, as pessoas estão em descanso à noite e estão em descanso ao fim de semana. Isto também pesa. A partir de determinada idade, nas mulheres, as questões da família, as questões de terem um relacionamento estável, nem todas as pessoas têm uma compreensão tremenda para que todos os sábados elas não estejam em casa e o marido, o companheiro, ou a minha companheira, enfim, que trabalha de segunda a sexta de repente não está com a pessoa todos os sábados e todos os domingos. Depois, há os aniversários, os jantares de família. Esta exigência familiar, a partir de determinada idade, pesa um bocadinho. Portanto, eu acho também que isso pode explicar, de alguma forma, o facto de haver menos mulheres no jornalismo desportivo, nas posições de chefia, porque a exigência ainda seria maior em termos de disponibilidade.

### **c. No Mundial da Rússia foram conhecidos vários casos de jornalistas assediadas em directo. É sinal de retrocesso ou estagnação no que diz respeito à credibilidade das mulheres na área?**

Por acaso eu acho que isso é uma questão generalizada. Isto falando de fora, porque eu nunca estive num Mundial, e estas são aquelas diferenças entre mulheres e homens, não tenho dúvidas, o Brasil tem casos tremendos de assédio em relação a mulheres jornalistas, tremendos, de abusos de insultos, mas muito a parte sexual. Por isso, não tenho dúvidas de que no Mundial de 2014, que foi no Brasil, de certeza que também existiram casos. Não me parece que seja uma questão civilizacional. Não me parece, também, não sei, não tenho essa percepção, de que haja, eventualmente, um retrocesso, que as mulheres sejam menos respeitadas, acho que não. Acho que até pode ser o contrário, ou seja, à medida que vamos trabalhando determinados temas, falando neles, torna-se um bocadinho mais confortável

torná-los públicos. Pode ser que saibamos mais deste tipo de casos no Mundial da Rússia, porque, felizmente, estes temas vão sendo cada vez mais abordados e houve um conforto maior para os tornar públicos, para os divulgar e para os denunciar. Não acho que que 2018 seja diferente de 2014, pelo que eu sei do Brasil, há um movimento das mulheres que trabalham no jornalismo de desporto no Brasil, que tem a *hashtag* #deixaelatrabalhar e tem muito a ver com esta questão do assédio sexual, que no Brasil é tremendo. Eu, que estou no desporto, cá em Portugal, há anos não tenho exemplos como os que eu li e vi, nos vídeos dessa campanha de sensibilização, dessas colegas brasileiras, é incomparável. Acho que pode ter a ver com o conforto de se tornarem públicas estas situações, porque, enfim, à medida que vai aumentando esta consciencialização e que se vai tornando mais normal falar destes temas pode, eventualmente, ser mais confortável, para quem passa estas situações, falar sobre elas.

### **3. Legitimidade/Credibilidade no Jornalismo Desportivo**

#### **a. Alguma vez sentiu algum tipo de dificuldade no meio do jornalismo desportivo?**

Agora assim pensando de repente não me estou a lembrar de nenhuma mas, sim, essas diferenças e essas dificuldades sentem-se todos os dias. Desde logo, hoje é um bocadinho diferente. Eu começo a fazer desporto em 2007, há 11 anos, e as coisas mudaram um bocadinho, já há mais mulheres, já não é aquela coisa de ter quinze homens jornalistas e eu ser a única. Já não de ser treze homens jornalistas e duas mulheres, a proporção não mudou assim tanto, ou dez, cinco, não sei, depende, não é? Nas modalidades há bocadinho de mais espaço, há mais mulheres, mas pronto. Há, desde logo, aquela dificuldade que é nós entrarmos num sítio, num espaço, onde vamos trabalhar e sermos o factor diferenciador. Desde logo isso, essa sensação de ser um corpo estranho, de ser a ovelha negra no meio do rebanho. Essa estranheza é uma coisa com que eu tive de me habituar a lidar porque, de facto, ela existia sempre. Em todos os serviços que eu faço, que fazia, chegar e ser a única era uma coisa normal, tornou-se normal, e eu tive de a normalizar, tive de a aceitar e desenvolver as ferramentas, dar menos importância às coisas para actualmente não ter de sofrer tanto com isso. Agora, há, de facto, situações em que eu sinto que “foi mesmo por eu ser mulher”. Às vezes uma piada. Já me aconteceu, por exemplo, numa conferência de imprensa, por acaso não foi para mim, mas eu estava envolvida, porque era uma conferência de imprensa, após um jogo, e foram feitas três perguntas seguidas ao treinador. Foi feita uma

primeira, eu fiz a segunda e foi feita uma terceira. Coincidentemente, estas questões seguidas foram feitas por mulheres. Não foi comigo, mas à terceira o treinador disse: “bem, as mulheres estão a dar aqui um baile”, ou seja, houve uma tomada de posição de estranheza como se fosse uma surpresa que as mulheres lhe estivessem a fazer uma questão, ou questões, normais sobre o jogo. Há este tipo de comentários, sim, muitas vezes há. Se me pedes um caso concreto, acho que não me lembro, mas há este tipo de estranhezas, existe.

**b. As mulheres com interesse nesta área já a vêem como um campo onde podem participar?**

Sim, as mulheres participam e têm lugar, mas vêm, acho eu, pelo menos é a minha visão, não posso falar delas no geral, é uma área onde eu tenho lugar, sim, mas para eu ter lugar tenho de trabalhar muito mais. Não me é reconhecido conhecimento ou capacidade intelectual para trabalhar nesta área tão facilmente como seria se eu fosse um homem. Há uma tendência generalizada para achar que os homens geneticamente sabem de desporto, que nasce com eles, e as mulheres não. As mulheres não sabem nada de desporto e, portanto, esse trabalho, no fundo, por mais que eu ande aqui há 10 anos, há 11 anos, há 12 anos, continuo a ter de mostrar que sei e um homem nunca tem de passar por isso. Ele é considerado naturalmente como sabedor do tema. Portanto, participam, sim, inseridas, sim, não estão de forma equitativa, de todo e eu acho sempre que, e sinto de facto, as oportunidades são diferentes e que há, de facto, um trabalho, uma exigência maior para as mulheres mostrarem que sabem e provarem que sabem.

**4. Dados encontrados na pesquisa**

**a. Face aos números reduzidos de mulheres na área, no caso dos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias e Público, podemos especular que se atribuem a discriminação/falta de oportunidades/desinteresse pela área ou outra razão?**

Ora bem, isto é, uma conjectura. A minha percepção é de que alguma redacções fecharam, de facto, outras desinvestiram nos recursos ou o tamanho das redacções em 2001, comparado com o tamanho de hoje, é maior. Ou seja, fazendo este raciocínio, se as redacções emagreceram e já havia poucas mulheres, elas emagreceram também, é um raciocínio lógico. Há esta questão da exigência familiar porque se as mulheres, eventualmente, começarem a pensar em ser mães, em dedicar-se mais à família, a partir dos 30 isso pesa um bocadinho,

há essa percepção de olhar para o tempo e de olhar para os horários. Portanto, imagina, se em 2001, tinhas alguém em início de carreira, com 10 anos, passados estes anos pode nem ter deixado o jornalismo, mas pode ter deixado o desporto e ter ido para uma área não tão exigente em termos de horários, porque a idade passa e as mulheres sentem mais isso também. Eu acho que a partir dos 30 as mulheres pensam nas coisas de outra maneira, eu tenho 34 e acho que, de facto, as mulheres pensam que o tempo vai diminuindo e a idade pesa e este tipo de equações também surgem na nossa cabeça. Depois, pode haver uma outra explicação, ou pode ser uma súpula de todas elas. Eu também acho que as mulheres, em algum momento, se cansam de estarem sempre a ter de provar que sabem. Eu sinto isso muitas vezes. Como é que eu, passado este tempo todo de carreira, de trabalho, de provas dadas, ainda tenho de mostrar que sei, ainda tenho de mostrar que sou capaz. Como é que ainda alguém fica surpreendido por eu ser capaz de fazer? É um desgaste, parece parvo, mas é um desgaste, já chega. Eu não tenho de provar a ninguém que sou capaz. Sou jornalista há mais de 10 anos, trabalho no desporto há mais de 10 anos. Como é possível que ainda tenha que trabalhar a dobrar, ou a triplicar, e mostrar que sei e que faço bem e tenha que batalhar dupla ou triplamente para ter as mesmas oportunidades, e não são as mesmas, de todo, ou para ter as mesmas portas abertas, e não são as mesmas, de todo. Eu também imagino que isto desgaste e que as pessoas se cansem um bocadinho de remar contra a corrente, que é remar contra a corrente muitas vezes. É, muitas vezes, uma batalha solitária, porque esta questões das mulheres e destas desigualdades, que não são assumidas, mas existem, ou não são visíveis, mas existem, quem as vive, sente e identifica-as facilmente, são muitas vezes tratadas como não questões. São não questões porque as mulheres já podem votar, porque não há nenhuma lei que diga que as mulheres têm de ganhar menos do que os homens, não há nenhuma lei que diga que as oportunidades são menores para as mulheres, portanto, isso é uma não questão, “lá estás tu a batalhar sempre na mesma coisa”, mas depois quem sente esta desigualdade e esta discriminação acaba por muitas vezes não ter eco do outro lado, porque as pessoas não reconhecem. É um trilha solitário, o de ter de estar sempre a não desarmar, sobretudo quando se tem esta consciência, porque eu acredito que há muita gente que não tem essa percepção da discriminação. De repente, as mulheres deram conta, aliás, que têm de ser super mulheres, que têm de ser bem sucedidas na carreira, que têm de tomar conta dos filhos e da casa e ter três filhos e serem umas excelente mães e ir ao supermercado todos os dias e fazer sopa e... As mulheres, de repente, são super mulheres e não dão conta

disso. É um processo normal, é tudo normal, as mulheres acumulam, fazem-se valer, têm de se fazer valer, muitas vezes, e não têm essa percepção, é uma coisa normal.

**Entrevistado:** Jorge Miguel Matias

**Profissão:** Subeditor de desporto do jornal *Público*

**Data da entrevista:** 25 de Outubro de 2018

**Duração:** 15m23s

## **1. Ingresso no jornalismo desportivo**

### **a. Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo?**

Eu entrei para a Universidade, para o curso de Ciências da Comunicação na altura, na Universidade Nova de Lisboa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, e durante o curso sempre tive a vontade e o desejo de começar a ter uma experiência prática da área antes de terminar a licenciatura, portanto, fui a três ou quatro jornais que existiam na altura perguntar se estavam interessados em ter estagiários sem receber dinheiro, até por ainda estava no curso, foi mais ou menos no 3º ano de faculdade. Foi assim que comecei, comecei por fazer uns estágios não remunerados, depois, entretanto, como as pessoas foram gostando do trabalho, fui passando a fazer... a trabalhar à peça, depois a recibo ver e, por fim entrando para os quadros. E, entretanto, terminei a licenciatura, comecei a trabalhar no jornalismo.

### **Em que meio?**

O primeiro local onde fui propor... ou melhor, o primeiro local onde fui aceite para estagiar foi no jornal do Sporting, na altura ainda existia, e depois daí passei para a Gazeta dos Desportos, que era um jornal desportivo diária que existia na altura, e daí passei para o Público, onde estou até hoje.

### **Foi sempre imprensa escrita?**

Foi sempre imprensa escrita, sim. tive algumas colaborações com outras publicações, com a *National Geographic*, com revistas profissionais, mas, *grosso modo*, foi este o caminho.

## **2. Jornalismo Desportivo vs. outras áreas do jornalismo**

### **a. Que diferenças nas práticas de trabalho?**

Isso tem muitas nuances. Desde logo é diferente fazer jornalismo desportivo num jornal desportivo ou num jornal generalista. O acesso às fontes, o espaço que nós temos para fazer esses trabalhos é muito maior num jornal desportivo ou num *site* só dedicado à área desportiva do que a um que não é. Em relação aos outros tipos de jornalismo, digamos que é uma área em que qualquer texto suscita muitos comentários, muitas opiniões, porque toda a gente tem uma opinião sobre o desporto. Sendo uma coisa muito específica e que é preciso saber regras do jogo, ou regras de competição, etc. Tendo essa especificidade, nem toda a gente consegue escrever sobre desporto, mas, por outro lado, há muito mais gente a opinar sobre desporto do que, por exemplo, sobre matérias de economia ou sobre matérias de política. Portanto, tem essa ambivalência, ou seja, há muita gente a considerar que tem uma opinião válida sobre a área, comparativamente com, por exemplo, a economia, política, ciências cultura...

### **Por ser mais subjectiva?**

Por estar mais disseminada. O desporto... Quase toda a gente, directa ou indirectamente, tem contacto com o desporto, seja porque pratica desporto, seja porque gosta de assistir a desporto. É uma conversa em Portugal, especialmente em Portugal, quase toda a gente tem uma opinião, lá está, enquanto que nos outros assuntos, são assuntos mais específicos, mais de nicho, ou são mais técnicos, exigem um conhecimento ainda mais aprofundado. Por exemplo, na área de economia é preciso saber de determinada terminologia a política, muitas vezes, tem a ver com os interesses pessoais de cada um. O desporto, por outro lado, é uma actividade que desperta muitas paixões. A área da cultura, todos nós temos as nossas preferências culturais, uns gostam mais de música outros de teatro, mas não é algo que desperte tantas paixões nas pessoas e o desporto tem essa particularidade. Basicamente é isso, comparando o jornalismo desportivo com outro tipo de jornalismo. Relativamente a jornais desportivos e jornais generalistas, acima de tudo é isso, é essa facilidade com que nós temos acesso, trabalhando no desportivo, às fontes mas, por outro lado, como há muita facilidade em... é muito fácil ter espaço para publicar os assuntos não há tanto critério, muitas vezes, na escolha dos temas a tratar e na forma de os tratar. Por exemplo, nós aqui no Público a média de páginas diárias que temos para tratar o desporto são três ou quatro páginas. Somos

obrigados a deixar muita coisa de fora e a focar em dois três assuntos, no máximo. Um jornal desportivo tem 40 páginas para preencher, portanto é diferente.

**b. Diferenças nos cargos de poder? Se sim, quais?**

O acesso aos cargos de poder nos jornais?

**Os cargos de chefia nos jornais, sim.**

Eu aí a maior experiência que tenho é aqui no jornal Público porque passei aqui muitos anos e, portanto, não tenho assim muita experiência no que diz respeito a outros órgãos de comunicação social, apenas do que oiço falar. Nós aqui no jornal não há essa questão. Já tivemos, inclusive... provavelmente fomos o primeiro jornal a ter uma directora do jornal, era uma mulher. Há muitos anos que temos na direcção mulheres, agora temos uma mulher. Na anterior direcção também tínhamos mulheres a dirigir. A direcção de arte é feita por uma mulher, muitas editoras de secção. No caso específico do desporto, aqui no Público, já houve redactoras na área do desporto, nunca houve editora. Normalmente o que acontece é que as pessoas que vêm para cá para trabalhar, até hoje, não têm muita propensão para o desporto. Não é fácil encontrar pessoas que queiram vir trabalhar para o desporto. Por um conjunto de razões que, provavelmente, falaremos mais tarde. Mas, nos outros jornais e nos outros *sites* não acho que haja nenhum preconceito em relação às mulheres, acho que é mais essa questão de não haver muitas mulheres que gostem e que se dediquem exclusivamente ou de corpo e alma, digamos assim, ao desporto. Porque quando as há normalmente elas têm sucesso e têm reconhecimento público, é mais a ausência de pessoas com esse perfil. Acho que há uns anos, eventualmente, poderia haver algum preconceito, não com quem trabalhava com as mulheres mas, por exemplo, [da parte de] quem lia textos.

**Portanto, da parte do público?**

Exactamente. Os leitores, maioritariamente masculinos, dos jornais desportivos, se calhar não ficariam tão cómodos em ler, por exemplo, uma crónica de um jogo de futebol feita por uma mulher, do que feita por um homem. Não dizendo que isso já desapareceu por completo, acho que está muito atenuado. Acho que é politicamente correcto dizer “não não, para mim é indiferente ter uma crónica de um jogo futebol assinada por uma mulher ou por um homem. Acho que, interiormente, ainda há muita gente que não acha tão credível, Agora, acho

também que essa tendência tem vindo a diminuir, claramente. Seja porque o futebol feminino tem cada vez mais relevância... Acho que sim.

### **3. Legitimidade/Credibilidade no Jornalismo Desportivo**

#### **a. Alguma vez sentiu que as colegas tinham algum tipo de dificuldade no meio do jornalismo desportivo?**

Pessoalmente, não, nem aqui nem outro sítio. Aliás, já agora, deixe-me acrescentar, pelo contrário. Depois também há a questão inversa. Eu, por exemplo, quando ainda era redactor, fiz algumas Voltas a Portugal em Bicicleta, acompanhei para o jornal, e fui fazer a competição com uma colega minha, fui sempre com colegas mulheres e acontece precisamente o contrário. Por exemplo, o ciclismo, e a Volta a Portugal em Bicicleta, é uma modalidade muito dominada pelos homens, num pelotão são 100 homens mais 50 treinadores, mais a equipa que monta e desmonta as infraestruturas da etapa todos os dias, aquilo são quase 200 homens ali juntos, há pouquíssimas mulheres. E o que eu, por exemplo, senti foi que as minhas colegas tinham muito maior facilidade de falar com ciclistas, de conseguir informação, do que eu, por exemplo.

#### **Porquê?**

Porque eram mulheres. Porque entre 200 homens, os homens que estavam do outro lado eram mais simpáticos, eram mais acolhedores, eram mais prestáveis, falavam com mais à vontade, pelo facto de a minha colega ser mulher, do que comigo. Aconteceu-me, algumas vezes, fazer uma pergunta a um ciclista e ele quase me virar as costas e depois ir lá a minha colega e ele responder-lhe exactamente à mesma pergunta, só porque ia ela. Também há esse lado.

#### **b. As mulheres com interesse nesta área já a veem como um campo onde podem participar?**

Sim, eu diria que sim. Lá está, mais uma vez, acho que pela experiência que eu tenho, não há muitas mulheres com interesse na área do desporto, mas nas outras áreas sim, sem qualquer problema.

**c. No Mundial da Rússia foram conhecidos vários casos de jornalistas assediadas em directo. É sinal de retrocesso ou estagnação no que diz respeito à credibilidade das mulheres na área?**

Não, isso já aconteceu cá também. Isso tem a ver com falta de educação, com falta de civismo.

**Pergunto isto porque não me recordo de tantos casos nos dois Mundiais de Futebol anteriores, em 2010 e 2014.**

Não digo nos Mundiais, mas, por exemplo, sempre que há grandes ajuntamentos, sempre que há muito álcool à mistura, como acontece. Por exemplo, cá nas celebrações dos campeonatos nacionais, às vezes as repórteres têm esse tipo de problemas, isso acontece. Estou a lembrar-me, por exemplo, não tem a ver com o desporto, mas aquela jornalista norte-americana que supostamente foi violada no Egipto. Sempre que há grandes ajuntamentos, há esse risco. Provavelmente as mulheres são agredidas dessa forma, os homens provavelmente seriam agredidos de outra forma. Tem mais a ver com as circunstâncias, o que se está a passar naquele momento, naquele sítio, do que propriamente em ser homem ou mulher. As mulheres são vítimas de um determinado tipo de abuso e os homens de outro tipo de abuso.

#### **4. Dados encontrados na pesquisa**

**a. Face aos números reduzidos de mulheres na área, no caso dos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias e Público, podemos especular que se atribuem a discriminação/falta de oportunidades/desinteresse pela área ou outra razão?**

Aí, se calhar, temos de jogar com duas coisas. Sendo o período de análise desde 2001 até agora, o que é que sucede? Sucedem que, em 2001, as redacções dos jornais eram maiores, todos eles. Depois apareceu um período de crise e as redacções reduziram. E o que é isso significa? Significa que, nas redacções de desporto, estou-me a lembrar do caso que conheço mais que é o do Diário de Notícias e do Público, em que havia mulheres que estavam a trabalhar na secção de desporto, no quadro, jornalistas da casa, digamos assim, e em ambos os casos acabaram por sair furto da redução do número de trabalhadores. Acabaram elas por sair, como acabaram por sair também homens. Como havia menos mulheres nas secções, as secções praticamente deixaram de ter mulheres ou ficaram reduzidas quase à inexistência.

O caso do Público, por exemplo, quando eu comecei nós tínhamos duas, três jornalistas, mulheres na secção de desporto, que se mantiveram mais ou menos assim, três, duas, e, pronto, como, entretanto, a secção se reduziu brutalmente acabaram por sair.

**Agora não têm jornalistas na secção de desporto?**

Agora não temos, nem em Lisboa, nem no Porto. Entretanto tivemos estagiários, homens e mulheres. Tivemos algumas, várias, estagiárias mulheres que, entretanto, foram para outros órgãos, conseguiram arranjar trabalhos noutros sítios também, outras não. Mas a explicação para essa redução pode ter a ver com isso, ou seja, há pouca gente interessada, de facto, em trabalhar na área do jornalismo [desportivo], mas a principal razão tem a ver a ver com a redução do número de trabalhadores.

**Entrevistado:** Pedro Carreira

**Profissão:** Subeditor de desporto do jornal *Correio da Manhã*

**Data da entrevista:** 31 de Janeiro de 2019

**Duração:** 11m47s

**1. Ingresso no jornalismo desportivo**

**a. Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo? Em que meio?**

A minha carreira no jornalismo começou em 2014. Eu comecei por fazer um estágio curricular de três meses, no Correio da Manhã, edição em papel. Na altura houve a questão de integrar os quadros, que não era possível. Depois, houve o estágio profissional, que também não era possível por uma série de questões burocráticas. Acabei por entrar para o quadro da empresa alguns meses depois. Mantive-me no jornal, mas comecei a fazer televisão. Depois, passei mais para a televisão, sempre como repórter, sempre como jornalista. Provavelmente em 2015, a meio de 2015, comecei também a exercer funções de colaboração na televisão, a fazer régie durante os programas e etc. Depois comecei também a fazer relatos e narrações de jogos de futebol competições de ciclismo, jogos de futebol de praia e de futsal e há dois, três, meses voltei a fazer também jornal, além daquilo que fazia já na televisão e sou actualmente subeditor de desporto da CMTV e do Correio da Manhã.

**b. Quais as maiores diferenças que encontrou nos diferentes formatos, papel vs. televisão?**

Em termos da forma como a informação é tratada, a principal diferença que eu encontro está no facto da televisão ser uma coisa muito mais imediata. As coisas acontecem no minuto e, idealmente, tendo nós essa convicção, tendo as bases suficientes para avançar com uma determinada notícia, as coisas acontecem num minuto e no minuto seguinte estão no ar, excluindo quaisquer impedimentos de ser uma notícia exclusiva da edição em papel, por exemplo. No papel as coisas são um pouco mais lentas na forma como a informação se processa porque se há uma notícia que surge, imaginemos, às 4 da tarde, nós temos uma margem grande para a ir trabalhando porque o jornal só sai na manhã seguinte. Claro que o jornal tem de se fechar ao início da noite, final da noite, mas temos uma margem diferente para ir trabalhando não só a notícia, mas a forma como ela é apresentada no dia seguinte no jornal. É a principal diferença.

## **2. Jornalismo desportivo vs outras áreas do jornalismo**

### **a. Que diferenças nas práticas de trabalho em relação às outras áreas do jornalismo?**

As coisas, às vezes, no jornalismo desportivo são mais dependentes de fontes do que são noutras áreas. Um exemplo muito concreto: se há um acidente numa autoestrada que provoca dois feridos, isso é notícia e é um facto, mas no desporto as coisas nem sempre são só baseadas em factos que são públicos. O resultado de um jogo é um facto, uma notícia, que nós temos de dar conforme aquilo que aconteceu, mas há outras jogadas de bastidores e conversas de agentes com jogadores, com empresários, com dirigentes. Muitas vezes, é necessário ir além daquilo que está à frente de todos. Temos de ser nós a contactar as fontes. Muitas vezes, no jornalismo desportivo, nós recebemos informações contraditórias por interesses que estão por detrás da notícia que nós temos de dar e que, muitas vezes, temos de ser nós a procurar mais do que uma vez e com mais do que uma pessoa formas diferentes de ir cruzando informação para perceber aquilo que é verdade e aquilo que temos de noticiar. Se estamos a falar de um acidente, o primeiro exemplo que eu dei, as coisas são mais ou menos claras porque ou há dois ou há três feridos e as coisas vão-se esclarecendo baseadas em factos. Os principais clubes portugueses são a nossa principal ferramenta de trabalho, é sobretudo com eles que nós trabalhamos. Raramente há abertura por parte dos clubes para que esta notícias que nós e os nossos concorrentes têm de dar sejam públicas, ou seja, muitas vezes, são os próprios clubes que divulgam as declarações de um novo jogador ou aquilo que determinado jogador fez num determinado treino e isso é uma informação que nos é

dada pelos clubes mas grande parte da informação que nós temos de noticiar está completamente escondida pelos clubes e depende, lá está, de fontes: jogadores, empresários, dirigentes e árbitros, por exemplo. Toda essa parte que passa ao lado daquilo que é a comunicação oficial dos clubes.

**Esse acesso a essas fontes é mais difícil do que nas outras áreas?**

Acaba por ser mais difícil, sobretudo pela forma como os clubes se vão fechando ao longo dos tempos. Eu tenho poucos anos de carreira, mas já percebi, por colegas que trabalham no jornalismo há muito tempo, que antes as coisas eram completamente diferentes, ou seja, havia casos de jornalistas que quase que entravam nos balneários das equipas durante, antes e depois dos treinos, diários, praticamente. Actualmente, é completamente impensável. As estruturas dos clubes evoluíram de uma forma muito rápido e isso, hoje em dia, já é completamente impensável. Se é mais difícil ou não do que nas outras áreas: provavelmente será. Mas eu também, porque nunca fiz trabalho noutras áreas do jornalismo de forma consistente, posso ter feito um ou outra reportagem, por necessidade ou por força daquilo que era a redacção do momento, mas não tenho bem consciência de quais são as diferenças entre o desporto e as outras áreas.

**3. Legitimidade/Credibilidade das mulheres no Jornalismo Desportivo**

**a. Alguma vez sentiu que as colegas tinham algum tipo de dificuldade no meio do jornalismo desportivo?**

Não. Eu trabalho com várias mulheres, que fazem parte da nossa equipa no Correio da Manhã e da CMTV, e não sinto que elas o sintam e eu próprio também não sinto que exista esse preconceito porque nos últimos anos, até provavelmente por uma questão de imagem, as mulheres foram tendo mais oportunidades no desporto, na televisão, sobretudo, porque foram conquistando esse espaço. Temos exemplos disso no Correio da Manhã e na CMTV. Temos exemplos de mulheres que dominam o desporto e dominam o futebol, dominam o futsal, como qualquer outra pessoa. Isso já não é uma questão tão forte como, provavelmente, foi noutros tempos.

**b. As mulheres com interesse nesta área já a vêem como um campo onde podem participar?**

Sim, ou seja, existe ainda uma maioria de homens no meio, mas as mulheres sendo menos dominam o tema, o assunto, da mesma forma que os homens dominam. Não só porque fazem esse esforço para dominar mas porque elas próprias se interessaram desde cedo pelo fenómeno do desporto e aquilo para elas já é uma coisa normal como é para os homens ou como é para qualquer pessoa que se interesse pelo tema. Já não existe tanto essa diferenciação. O que existe ainda, provavelmente, é um número maior de homens que se interessam pelo desporto do que as mulheres que se interessam pelo desporto. Isso, provavelmente, continua a existir, mas em termos de pessoas que estão já dentro da área não há tanto essa diferença. Diria que não há diferença nenhuma.

#### **4. Dados encontrados na pesquisa**

##### **a. Face aos números reduzidos de mulheres na área, no caso dos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias e Público, podemos especular que se atribuem a discriminação/falta de oportunidades/desinteresse pela área ou outra razão?**

Eu, sinceramente, não encontro uma explicação factual para isso. O que posso dizer, com base na experiência do Correio da Manhã, posso falar a partir de 2014. Quando eu entrei em 2014 a secção de desporto era maior do que é actualmente de forma clara. Portanto, fazendo contas de cabeça, trabalhariam na secção de desporto mais 4 pessoas do que trabalham hoje em dia. Nessas pessoas que trabalhavam na altura existia uma mulher, que chegou a ser subeditora de secção e que, entretanto, saiu da secção. Depois tivemos um período em que não havia nenhuma mulher e agora voltámos a ter uma mulher que foi contratada há poucos meses. Não consigo, exactamente, dar uma explicação para isso [números analisados], tendo em conta que tivemos sempre mulheres, estou a falar só do jornal que é o que estamos a analisar, sendo que na CMTV até se mantém um número de mulheres que fazem actualmente os nossos programas e que participam na elaboração de reportagens e tudo mais. No jornal também, apesar de termos tido um interregno em que não havia, de facto, nenhuma mulher. Não há nenhuma explicação para que isso seja um fenómeno, além do facto de que somos menos e tem de haver um dia em que uma pessoa que fazia uma página tem de fazer duas páginas. Provavelmente isso também têm influência na forma como esses resultados acabaram por surgir.

## **Anexo B – Guiões das entrevistas**

- **Guião – Jornalistas (Mulheres)**

### **Ingresso no jornalismo desportivo**

Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo?

Em que meio? (Imprensa/Rádio/TV)

Quais as diferenças entre os vários meios?

### **Jornalismo Desportivo vs Outras áreas do jornalismo**

Que diferenças nas práticas de trabalho?

Diferenças nos cargos de poder? Se sim, quais?

### **Legitimidade/Credibilidade no Jornalismo Desportivo**

Alguma vez sentiu algum tipo de dificuldade no meio do jornalismo desportivo?

As mulheres com interesse nesta área já a veem como um campo onde podem participar?

No Mundial da Rússia foram conhecidos vários casos de jornalistas assediadas em directo.

É sinal de retrocesso ou estagnação no que diz respeito à credibilidade das mulheres na área?

### **Dados encontrados na pesquisa**

Face aos números reduzidos de mulheres na área, no caso dos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias e Público, podemos especular que se atribuem a discriminação/falta de oportunidades/desinteresse pela área ou outra razão?

- **Guião – Jornalistas (Homens)**

### **Ingresso no jornalismo desportivo**

Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo?

Em que meio? (Imprensa/Rádio/TV)

Quais as diferenças entre os vários meios?

### **Jornalismo Desportivo vs Outras áreas do jornalismo**

Que diferenças nas práticas de trabalho?

Diferenças nos cargos de poder? Se sim, quais?

### **Legitimidade/Credibilidade no Jornalismo Desportivo**

Alguma vez sentiu que as colegas tinham algum tipo de dificuldade no meio do jornalismo desportivo?

As mulheres com interesse nesta área já a veem como um campo onde podem participar?

No Mundial da Rússia foram conhecidos vários casos de jornalistas assediadas em directo.

É sinal de retrocesso ou estagnação no que diz respeito à credibilidade das mulheres na área?

### **Dados encontrados na pesquisa**

Face aos números reduzidos de mulheres na área, no caso dos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias e Público, podemos especular que se atribuem a discriminação/falta de oportunidades/desinteresse pela área ou outra razão?

## Anexo C - Tabelas de análise dos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias e Público

Correio da Manhã	F	M	Total
<b>2001</b>			
1 – 7 Abril	6	48	54
1 – 7 Novembro	0	69	69
	6	117	123
<b>2003</b>			
1 – 7 Abril	5	64	69
1 – 7 Novembro	1	55	56
	6	119	125
<b>2005</b>			
1 – 7 Abril	4	57	61
1 – 7 Novembro	1	69	70
	5	126	131
<b>2007</b>			
1 – 7 Abril	0	64	64
1 – 7 Novembro	1	89	90
	1	153	154
<b>2009</b>			
1 – 7 Abril	0	62	62
1 – 7 Novembro	1	42	43
	1	104	105
<b>2011</b>			
1 – 7 Abril	4	29	33
1 – 7 Novembro	11	28	39
	15	57	72
<b>2013</b>			
1 – 7 Abril	3	29	32
1 – 7 Novembro	0	33	33
	3	62	65
<b>2015</b>			
1 – 7 Abril	2	28	30
1 – 7 Novembro	2	33	35
	4	61	65
<b>2017</b>			
1 – 7 Abril	2	26	28
1 – 7 Novembro	0	24	24
	2	50	52
	43	849	892

Tabela 4 - Total de peças de analisadas no *Correio da Manhã*

Correio da Manhã	Abril	Novembro
<b>2001</b>		
Futebol	6	0
<b>2003</b>		
Futebol	5	1
<b>2005</b>		
Futebol	5	1
<b>2007</b>		
Futebol	0	2
<b>2009</b>		

	Futebol	0	1
<b>2011</b>			
	Futebol	4	10
	Atletismo	0	1
<b>2013</b>			
	Futebol	3	1
<b>2015</b>			
	Futebol	2	2
<b>2017</b>			
	Futebol	2	0

Tabela 5 - Temas das peças assinadas por mulheres no *Correio da Manhã*

Diário de Notícias	F	M	Total
<b>2001</b>			
1 – 7 Abril	6	23	29
1 – 7 Novembro	2	22	24
	8	45	53
<b>2003</b>			
1 – 7 Abril	15	24	39
1 – 7 Novembro	21	33	54
	36	57	93
<b>2005</b>			
1 – 7 Abril	2	31	33
1 – 7 Novembro	16	31	47
	18	62	80
<b>2007</b>			
1 – 7 Abril	23	29	52
1 – 7 Novembro	25	57	82
	48	86	134
<b>2009</b>			
1 – 7 Abril	13	55	68
1 – 7 Novembro	13	59	72
	26	114	140
<b>2011</b>			
1 – 7 Abril	12	34	46
1 – 7 Novembro	17	33	50
	29	67	96
<b>2013</b>			
1 – 7 Abril	1	25	26
1 – 7 Novembro	9	27	36
	10	52	62
<b>2015</b>			
1 – 7 Abril	3	38	41
1 – 7 Novembro	7	43	50
	10	81	91
<b>2017</b>			
1 – 7 Abril	7	28	35
1 – 7 Novembro	2	39	41
	9	67	76
	194	631	825

Tabela 6 - Total de peças de analisadas no *Diário de Notícias*

Diário de Notícias	Abril		Novembro
<b>2001</b>		<b>2001</b>	
Futebol	6	Futebol	2
<b>2003</b>		<b>2003</b>	
Futebol	10	Futebol	19
NBA	3	Andebol	1
Automobilismo	1	Motociclismo	1
Ténis	1	<b>2005</b>	
<b>2005</b>		Ténis	4
Futebol	2	NBA	2
<b>2007</b>		Futebol	9
Futebol	17	Automobilismo	1
Natação	1	<b>2007</b>	
Râguebi	1	Futebol	14
Ténis	1	NBA	4
Surf	1	Automobilismo	2
Judo	1	Modalidades	2
Náuticos	1	Surf	1
<b>2009</b>		<b>2009</b>	
Futebol	8	Futebol	9
Automobilismo	2	Náuticos	1
Outros	1	Ténis	1
Náuticos	1	<b>2011</b>	
Ciclismo	1	Futebol	12
<b>2011</b>		Náuticos	1
Futebol	8	NBA	1
Modalidades	1	<b>2013</b>	
Basquetebol	1	Futebol	5
Golfe	1	NFL	1
Náuticos	1	Ténis	2
<b>2013</b>		Atletismo	1
Futebol	1	<b>2015</b>	
<b>2015</b>		Futebol	5
Futebol	3	Surf	1
<b>2017</b>		NBA	1
Ténis	2	<b>2017</b>	
Futebol	4	Futebol	1
Golfe	1	Judo	1

Tabela 7 - Temas das peças assinadas por mulheres no *Diário de Notícias*

Público	F	M	Total
<b>2001</b>			
1 – 7 Abril	10	59	69
1 – 7 Novembro	7	50	57
	17	109	126
<b>2003</b>			
1 – 7 Abril	12	46	58
1 – 7 Novembro	17	55	72
	29	101	130
<b>2005</b>			
1 – 7 Abril	8	56	64
1 – 7 Novembro	17	38	55
	25	94	119
<b>2007</b>			
1 – 7 Abril	2	59	61

	1 – 7 Novembro	2	66	68
		4	125	129
<b>2009</b>				
	1 – 7 Abril	3	53	56
	1 – 7 Novembro	0	54	54
		3	107	110
<b>2011</b>				
	1 – 7 Abril	3	35	38
	1 – 7 Novembro	5	35	40
		8	70	78
<b>2013</b>				
	1 – 7 Abril	0	35	35
	1 – 7 Novembro	0	39	39
		0	74	74
<b>2015</b>				
	1 – 7 Abril	0	34	34
	1 – 7 Novembro	0	32	32
		0	66	66
<b>2017</b>				
	1 – 7 Abril	0	24	24
	1 – 7 Novembro	0	29	29
		0	53	53
		84	799	883

Tabela 8 - Total de peças de analisadas no Público

<b>Público</b>	<b>Abril</b>		<b>Novembro</b>
<b>2001</b>		<b>2001</b>	
Futebol	1	Náuticos	1
Automobilismo	5	Modalidades	3
Náuticos	2	Automobilismo	1
Motociclismo	1	Motociclismo	2
Esqui	1	<b>2003</b>	
<b>2003</b>		Futebol	5
NBA	1	Motociclismo	3
Automobilismo	6	Modalidades	1
Hóquei	1	Náuticos	6
Futebol	3	NBA	1
Motociclismo	1	Automobilismo	1
<b>2005</b>		<b>2005</b>	
Futebol	6	Futebol	7
Automobilismo	2	NBA	3
<b>2007</b>		Fórmula 1	3
Futebol	1	Motociclismo	2
Atletismo	1	Náuticos	1
<b>2009</b>		Modalidades	1
Futebol	3	<b>2007</b>	
<b>2011</b>		Futebol	2
Motociclismo	1	<b>2009</b>	0
Ciclismo	1	<b>2011</b>	
Futebol	1	Surf	1

<b>2013</b>	0	Hóquei	2
<b>2015</b>	0	Ténis	1
<b>2017</b>	0	Futebol	1
		<b>2013</b>	0
		<b>2015</b>	0
		<b>2017</b>	0

Tabela 9 - Temas das peças assinadas por mulheres no *Diário de Notícias*

## Anexo D – Tabelas completas da análise feita ao *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *Público*<sup>2</sup>

2001: 1-7 de Abril	Peças de desporto assinadas por mulheres		Peças de desporto assinadas por homens		Total
	<b>Correio da Manhã</b>				
1 de Abril		0	Artigo - Futebol Benfica - 'Águia' sem melhoras, pág. 1D, por <b>Carlos Neves</b> Artigo - Futebol - Farense ataca 'manutenção', pág. D3, por <b>Teixeira Marques</b> Artigo - Futebol - Rafael ausente no P. Ferreira, pág. D3, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Futebol FC Porto - Pena e Esquerdinha regressam, pág. 4D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Desporto - Vitória Suada, pág. D5, por <b>Baía Reis</b> Artigo - Meia-Maratona de Lisboa - Avós e netos... Aos milhares, pág. D5, por <b>Mário Figueiredo</b> (destaque de capa) Artigo - Meia-Maratona de Lisboa - Da festa à corrida, pág. D7, por <b>Mário Figueiredo</b> Artigo - Fórmula 1 - Irmãos Schumacher na primeira linha, pág. D9, por <b>José Miguel Barros</b> Artigo - Ciclismo Volta ao País Basco - Contra-relógio mais suave na Volta ao País Basco, pág. 10D, por <b>Guita Júnior</b> Artigo - Andebol europeu - História repete-se: 'Barça' bate Kiel e joga final da Liga dos Campeões, pág. 10D, por <b>João Tavares</b> Artigo - Hóquei de sala - Holandeses do Cascais dão 'show' em Mirandela, pág. 10D, por <b>José Ribeiro</b> Artigo - Ténis - Gambill à espera de Agassi ou Rafter, por D11, por <b>Manuel Perez</b>	12	12
2 de Abril	Artigo - Desporto - Juniores A: Leixões 'corre' para 2ª fase, pág. D3, por <b>Maria João Cotrim</b> Artigo - Desporto - Figo manda prenda para festa dos 'Pastilhas', pág. D5, por <b>Maria João Cotrim</b>	2	Artigo - Futebol - Brindes em dia de festa: Jogo pobre 'dá' manutenção algarbia, pág. 2D, por <b>Teixeira Marques</b> Artigo - Futebol - Aveienses sem Ricardo Sousa, por <b>Carlos Alegria</b> Artigo - Meia-Maratona de Lisboa - Discípula de Tegla arrebatada 24 mil contos, pág. 6D, por <b>Mário Figueiredo</b> Artigo - Meia-Maratona de Lisboa - Presidente de 25 mil campeões, pág. 8D, por <b>Mário Figueiredo</b> (destaque de capa) Artigo - Ténis - A reviravolta de Venus Williams, pág. D9, por <b>Manuel Perez</b> Artigo - GP - Bodo aos pobres: Coulthard ganha GP do Brasil marcado pela chuva, pág. D11, por <b>José Miguel Barros</b> (destaque de capa)	6	8
3 de Abril	Artigo - Futebol Distritais - Golos de rajada: Visitantes atrapalham esquema do Loures, pág. D5, por <b>Maria João Cotrim</b> Artigo - Futebol Distritais - Fomos empurrados para a área', pág. D5, por <b>Maria João Cotrim</b>	2	Artigo - Futebol FC Porto - Alofio quer ser 'dragão' por mais um ano, pág. 2D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Desporto Futsal - A emoção de um campeão do mundo, pág. 6D, por <b>André Pereira</b> Artigo - Futsal - Selecção nacional treina com quatro estreados, pág. 6D, por <b>André Pereira</b> Artigo - GP do Brasil - A revolução Montoya! Colombiano foi 'estrela' no GP do Brasil, pág. D7, por <b>José Miguel Barros</b> Artigo - Volta a Portugal - A 'volta' já está traçada, pág. D11, por <b>Guita Júnior</b> (destaque de capa) Artigo - Ciclismo - Análise anti-EPO bem recebida, pág. D11, por <b>Guita Júnior</b> Artigo - Ténis - Domínio cristalino e... 100 mil no bolso, pág. 12D, por <b>Manuel Perez</b>	7	9
4 de Abril		0	Artigo - Futebol Benfica - Capuch, Esquerdinha e Pena poupados, pág. 2D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Futebol - Boavisteiros Litos 'descarta' Benfica, pág. 2D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Automobilismo - Açores acolhe Passeio Carocha Internacional, pág. 6D, por <b>André Pereira</b> Artigo - Automobilismo - Nova pista em Braga: Projecto de remodelação do Circuito Vasco Sameiro, pág. 6D, por <b>José Pedro</b> Artigo - Golfe - 'Millenium' recebe Oscar, pág. D9, por <b>João dos Reis</b>	5	5
5 de Abril	Artigo - Futebol - Sanjoanense não conhece a derrota, pág. D9, por <b>Maria João Cotrim</b> Artigo - Futebol - Clube promove animação desportiva, pág. D9, por <b>Maria João Cotrim</b>	2	Artigo - Futebol Boavista - Boavista: Jaime Pacheco 'mexe' na equipa, pág. 2D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Futebol Porto - Pena foi ao parque: Paredes poupado no treino do FC Porto, pág. 2D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Futebol Distritais - Rogério fez a diferença: Vitória difícil frente a equipa abnegada, pág. D5, por <b>Tuna Caranguejeiro</b> Artigo - Automobilismo - Acabam subidas na Rampa da Falperra, pág. D7, por <b>José Pedro</b> Artigo - Corrida Terry Fox - Terry Fox' sensibiliza Vips: Celebidades em jogo de futebol contra o cancro, pág. D7, por <b>Mário Figueiredo</b> Artigo - Corrida Terry Fox - Orgulho de camisola, pág. D7, por <b>Mário Figueiredo</b> Artigo - Ciclismo - Primavera dourada para o holandês Michael Boogerd, pág. 10D, por <b>Guita Júnior</b> Artigo - Ténis - 'Estrelas' na quinta do Lago: No melhor Open de Portugal de sempre, por D11, por V. Afonso (destaque de capa)	7	9

<sup>2</sup> As tabelas aqui expostas referem-se apenas ao início e fim do período de análise, para que possa ser possível analisar a evolução e perceber como foi feito o estudo. Não foi possível, por uma questão de espaço no documento *Word* inserir as tabelas referentes ao período de análise completo.

6 de Abril		0	Artigo - Futebol FC Porto - FC Porto: Clayton prega susto, pág. 2D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Futebol - Boavisteiro Ricardo quer defender baliza de selecção, pág. 2D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Futebol Distritais - Teixosense já está na terceira, pág. 4D, por <b>Luís Oliveira</b> Artigo - Automobilismo - Troféus Saxo e Punto em estreita, pág. 5D, por <b>Pedro Rorlz</b> Artigo - Ténis - 'Miniténis é no Alentejo', pág. D11, por <b>Carlos Neves</b>	5	5
7 de Abril		0	Artigo - Futebol Benfica - Luís Nazaré à Beira da demissão, pág. 2D, por <b>Tiago Silva</b> Artigo - Futebol Benfica - Van Hooijdonk suspenso por dois jogos, pág. 2D, por <b>Tiago Silva</b> Artigo - Futebol - U. Leiria 'entrega' pressão aos 'leões', pág. D3, por <b>Tuna Carangejeiro</b> Artigo - Futebol FC Porto - FC Porto não abre o jogo, pág. 4D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Futebol - Jaime Pacheco completa duzentos jogos na 1ª Liga, pág. 4D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Ciclismo - Corrida garantida até 2005 - Matosinhos-Régua preenche este fim-de-semana, pág. D9, por <b>Guita Júnior</b>	6	6
			6	48	54
<b>Diário de Notícias</b>					
1 de Abril		0	Artigo - XI Meia-Maratona de Lisboa - Africanos à caça de milhões, pág. 28-29 por <b>Cipriano Lucas</b> Artigo - Futebol I Liga - Bakero trava "axadrezados", pág. 30 por <b>Adriano de Sousa</b> Artigo - Futebol I Liga - Campo Maior ganhou nova vida, pág. 31 por <b>Roberto Dores</b> Artigo - Basquetebol - Telecom e os Benfiquistas num despique intermédio, pág. 32, por <b>António Lopes</b> Artigo - Atletismo (Meia Maratona de Lisboa) - Festa corrida, pág. 32, por <b>Cipriano Lucas</b> Artigo - Atletismo (Meia Maratona de Lisboa) - Sampaio revelou fôlego para correr com milhares, pág. 33, <b>Bertolino de Carvalho</b> Citações de participantes da Meia-Maratona de Lisboa - Declarações, pág. 33, por <b>Hugo Bordeira</b> Artigo - Futebol I Liga - Azuis quase partem a mobília, pág. 36, por <b>Rui Frias</b> Artigo - Futebol I Liga - Autogolo confirmou a prenda algarvia, pág. 36, por <b>Viegas Gomes</b>	4	4
2 de Abril	Futebol I Liga - "Dragões" regressam às vitórias fora, pág. 35 por <b>Sílvia Freches</b>	1	Artigo - Autogolo de Paulão deixa minhotos aflitos, pág. 38, por <b>Hélder Robalo</b>	6	7
3 de Abril		0	Artigo - Futebol I Liga - Tudo em Oito, pág. 31, por <b>Tiago Guilherme</b> Artigo - Futebol I Liga - Os votos pios, pág. 31, por <b>José Manuel Barroso</b> Artigo - Futebol I Liga (Parlamento) - G-18 "exige" mais dinheiro do Estado para clubes, pág. 32, por <b>Martim Silva</b> Artigo - Ténis - Arantxa Sanchez joga hoje no Porto, pág. 32, por <b>Rui Frias</b>	4	4
4 de Abril	Artigo - Liga italiana começou a julgar falsificadores, pág. 31, por <b>Manuela Paixão</b>	1	Artigo - Futebol Crise no Brasileiro, Caça bruxas, pág. 31, por <b>Sérgio Barreto Mota</b> (destaque de capa) Artigo - Ténis - Ana Nogueira não resiste no Porto Open, pág. 33, por <b>Rui Frias</b>	2	3
5 de Abril	Artigo - Futebol - Intruso Rico, pág. 28, por <b>Sílvia Freches</b> (destaque de capa) Futebol - Clubes da II Liga em Coimbra tiveram reunião quente, pág. 29, por <b>Paula Carmo</b>	2	Polidesportivo Ténis Porto Open - Jornada foi diferente com ténis a brincar, pág. 32, por <b>Rui Frias</b> Basquetebol - Oito à procura do título, pág. 32, por <b>António Lopes</b>	2	4
6 de Abril	Futebol "Doping" - "É mentira", pág. 34, por <b>Manuela Paixão</b>	1	Futebol Crise no Brasileiro, Deputados quebram sigilo a contas de empresa de Pelé, pág. 31, por <b>Sérgio Barreto Motta</b> Ténis - Vencedora de 2000 caiu à segunda ronda, pág. 37, por <b>Hélder Robalo</b>	2	3
7 de Abril	Artigo - Futebol Benfica SAD - Boas Acções, pág. 28, por <b>Sílvia Freches</b>	1	Artigo - Futebol Iª Jornada - Quatro golos mal pagos para um bom espectáculo, pág. 28, por <b>Helder Robalo</b> Artigo - Sporting - Barbosa renova por três anos, pág. 29, por ? Artigo - Ténis - Chuva atrapalha Porto Open, pág. 30, por <b>Hélder Robalo</b> Artigo - Motociclismo Mundial 2001 - Conflito de talentos a abrir, pág. 31, por <b>Jorge Alves Barata</b>	3	5
			6	23	29
<b>Público</b>					
1 de Abril	Artigo - Regata The Race "Grand finale" em Marselha, pág. 39, por <b>Nyssa Almeida</b> Artigo - Fórmula I - Irmãos Schumacher fazem história no Brasil, pág. 38, por <b>Ana Paula Gouveia</b> Artigo - Rali da Tunísia - Schlessler vence prólogo do Rali da Tunísia, pág. 38, por <b>Ana Paula Gouveia</b>	3	Artigo - Futebol - Boavista desperdiça dois pontos na Madeira, pág. 34, por <b>Ricardo Gomes</b> Artigo - Futebol - Pena e esquerdina prováveis titulares, pág. 36, por <b>Manuel Assunção</b> Artigo - Euro 2004 - José Lello visitou infra-estruturas em Guimarães, pág. 36, por <b>Nuno Melro</b> Artigo - Ténis - Ana Nogueira sozinha em casa, pág. 39, por <b>Pedro Keul</b> Artigo - Portugal mal em Hong Kong, pág. 39, por <b>Marcelino Nunes</b> Artigo - Basquetebol - Oliveirense e CAB fecham "play-off", pág. 40, por <b>Manuel Assunção</b> Artigo - Andebol - Sporting termina na frente, pág. 40, por <b>Manuel Assunção</b> Artigo - Hóquei em patins - FC Porto assume o comando, pág. 40, por <b>Manuel Assunção</b> Artigo - Atletismo - Resultados de grande qualidade em Stellenbosch, pág. 41, por <b>Luís Lopes</b>	9	11
2 de Abril	Artigo - Fórmula I - Coulthard quebra hegemonia da Ferrari no GP do Brasil em Formula 1, pág. 30, por <b>Ana Paula Gouveia</b> (destaque de capa) Artigo - Rali - Carlos Sousa vence RaliTT Terras del Rei, pág. 30, por <b>Ana Paula Gouveia</b>	2	Artigo - Futebol FC Porto - FC Porto regressa às vitórias fora de casa, pág. 22, por <b>Paulo Curado</b> Artigo - Futebol - Guimarães dá tiro no seu próprio pé, pág. 23, por <b>José Augusto Moreira</b> Artigo - Futebol - Gil vence e já sonha outra vez, pág. 23, por <b>Francisco Fonseca</b>	10	12



2001: 1-7 de Novembro			Peças de desporto assinadas por homens	Tota	l
			<b>Correio da Manhã</b>		
1 de Novembro		0	Artigo - Futebol Taça UEFA - 'Nada está perdido': Bölöni apela à concentração frente ao Halmstads, pág. 2D, por <b>João Tavares</b> Artigo - Futebol Nacional - Negócio de 'afritos': Clubes portugueses acumulam prejuízos de milhões, pág. D3, por <b>Pedro Rita</b> Artigo - Futebol Sporting - Sporting pediu informações sobre Yannick, pág. D3, por <b>Pedro Rita</b> Artigo - Selecção Nacional - Sub-18 no feminino, pág. 4D, por <b>Cláudio Garcia</b> Artigo - Futebol Distritais - Nazarenos a subir, pág. D5, por <b>Tuna Caranguejeiro</b> Artigo - Futebol Distritais - Marrazenses vencem fora, pág. D5, por <b>Tuna Caranguejeiro</b> Artigo - Automobilismo - Volta Galp no Algarve: 'Clássicos' em acção, pág. D7, por <b>Tiago Silva</b> Artigo - Automobilismo Volta Galp no Algarve - Uma presença de... Peso, pág. D7, por <b>Tiago Silva</b> Artigo - Ténis - Quem de nove tira sete: Francés Boutter e Kafelnikov brilham na cidade luz, pág. 8D, por <b>Rui Oliveira</b> Artigo - Ténis - 'Gorilas' protegem costas aos novos 'craques', pág. 8D, por <b>Rui Oliveira</b> Artigo - Futebol Distritais - Gouveia 'grande', pág. 4D, por <b>A.H.</b>	10	10
2 de Novembro		0	Artigo - Futebol Distritais - Árbitro foi a figura do jogo, pág. 4D, por <b>Paulo Prata</b> Artigo - Futebol Distritais - Caparica empata na Arrentela, pág. D5, por <b>Ricardo Pereira</b> Artigo - Futebol - Márcio Santos destemido, pág. 6D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Golfe - Taça Glenfiddich - D. Pedro em Vilamoura, pág. 10D, por <b>João dos Reis</b> Artigo - Automobilismo - Cada vez mais difícil, pág. 10D, por <b>Tiago Silva</b> Artigo - Ténis - Albufeira aposta no ténis, pág. D11, por <b>Teixeira Marques</b> Artigo - Ténis - Montechoro 'papa' títulos, pág. D11, por <b>Teixeira Marques</b> Artigo - Ténis - Kuerten 'cai' em Paris, pág. 12D, por <b>Rui Oliveira</b>	8	8
3 de Novembro		0	Artigo - Futebol FC Porto - Jaime Pacheco até se benzeu, pág. 2D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Futebol - Pazos irritado: 'Demagogia não é o futuro do Farense', pág. D3, por <b>Teixeira Marques</b> Artigo - Futsal - Casas do Benfica dominam no futsal, pág. 4D, por <b>Carlos Neves</b> Artigo - Futebol Distritais - Monte Trigo 'vira' resultado, pág. 4D, por <b>Carlos Neves</b> Artigo - Automobilismo - 'Volta' chega aos Jerónimos: 3ª etapa encerrou em beleza périplo algarvio, pág. D7, por <b>Tiago Silva</b> Artigo - Ciclismo - Angel Edu (Maia) vence Oscar Freire, pág. D7, por <b>Guita Júnior</b> Artigo - Ténis - 'Kafel' soma e segue, pág. 8D, por <b>Rui Oliveira</b> Artigo - Ténis - Perdidos e Achados, pág. 8D, por <b>Rui Oliveira</b>	8	8
4 de Novembro		0	Artigo - Futebol FC Porto - Portistas moralizados: Secretário a titular frente a leirienses, pág. D3, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Futebol I Liga - União de Leiria quer pontuar no Estádio das Antas, pág. D3, por <b>Tuna Caranguejeiro</b> Artigo - Futebol - Aveienses confiantes: 'Beira Mar quer cantar de galo', pág. 4D, por <b>Carlos Alegria</b> Artigo - Futebol - Serginho preocupa boavisterias, pág. 6D, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Futebol - 'Esta equipa tem raça': Chaves quer regressar à 1ª Liga, pág. D7, por <b>José Ribeiro</b> Artigo - Futebol - Técnico António Borges pretende incutir mentalidade ganhadora, pág. D7, por <b>José Ribeiro</b> Artigo - Ciclismo - Popovych: Merckx da Ucrânia, pág. D9, por <b>Guita Júnior</b> Artigo - Motociclismo - Poggiali conquistou título de 125cc., pág. D9, por <b>Alexandre Pedro Silva</b> Artigo - Automobilismo - Um final 'em grande': Volta Galp terminou com um Slalom nos Jerónimos, pág. 10D, por <b>Tiago Silva</b> Artigo - Automobilismo - Classificação sai hoje, pág. 10D, por <b>Tiago Silva</b> Artigo - Automobilismo - Beirão da Veiga confiante em conquistar posições no Estoril, pág. 10D, por <b>André Pereira</b> Artigo - Andebol - Aumento de clubes na elite não é problema, pág. D11, por <b>Fernando Pais</b> Artigo - Andebol - Resende é o jogador mais valioso, pág. D11, por <b>Fernando Pais</b> Artigo - Ténis - Grosjean joga final de Paris, pág. 12D, por <b>Rui Oliveira</b> Artigo - Ténis - Bolas e raquetas, pág. 12D, por <b>Rui Oliveira</b>	15	15
5 de Novembro		0	Artigo - Futebol - Empate ao cair do pano: Golo de Demétrios salva aveienses, pág. D5, por <b>Carlos Alegria</b> Artigo - Futebol - Boaviteiro Serginho recuperado, pág. D5, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - 'Leão' Pedro Barbosa titular em Paranhos, pág. D5, por <b>Joaquim Xavier</b> Artigo - Golfe - VII Taça Glenfiddich: António e Luís Sobral vencem e convencem, pág. 8D/D9, por <b>João dos Reis</b> Artigo - Ciclismo - Cândido Barbosa (ex-Banesto) é o novo 'sprinter' da LA-Pecol, pág. 10D, por <b>Guita Júnior</b> Artigo - Automobilismo - Mitsubishi sem oposição, pág. D11, por <b>Carlos Neves</b> Artigo - Automobilismo - João Fontainhas venceu troféu Ralis do Sul: 'Quero acelerar no nacional', pág. D11, por <b>Teixeira Marques</b> Artigo - Automobilismo - Regional do Sul foi um êxito, pág. D11, por <b>Teixeira Marques</b> Artigo - Automobilismo - Campanião vice-campeão de Itália, pág. D13, por <b>André Pereira</b> Artigo - Motociclismo - Um ano de recordes: Época em grande no 'Mundial' de velocidade, pág. 14D, por <b>Alexandre Pedro Silva</b> Artigo - Motociclismo - Roberts e a defesa do título, pág. 14D, por <b>Alexandre Pedro Silva</b>	13	13

			Artigo - Basquetebol - Portugal B perde com Suíça na Nazaré, pág. 14D, por <b>Fernando Pais</b>		
			Artigo - Open de Paris - Festa gaulesa em Paris, pág. 16D, por <b>Rui Oliveira</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - Boavista recebe U. Leiria, pág. 2D, por <b>André Pereira</b>		
			Artigo - Futebol Boavista - Extremos defrontam-se: Boavista quer consolidar liderança, pág. D3, por <b>Joaquim Xavier</b>		
			Artigo - Futebol - P. Ferreira quer inverter a tendência, pág. <b>Joaquim Xavier</b>		
			Artigo - Distritais - Bernardo garante triunfo: Damaiense: Baqueia frente ao Unidos, pág. D5, por <b>Ricardo Pereira</b>		
			Artigo - Distritais - U. Santiago comanda isolado, pág. D5, por <b>Ricardo Pereira</b>		
			Artigo - Andebol - Divisão de Elite regressa hoje, pág. D7, por <b>Fernando Pais</b>		
			Artigo - Ciclismo - Paredes com 14 corredores em 2002, pág. D7, por <b>Guita Júnior</b>		
			Artigo - Ténis - Mestres alinhados para Sydney, pág. 8D, por <b>Pedro Carvalho</b>		
6 de Novembro		0	Artigo - Futebol Sub-19 - Sub-19 preparam 'assalto' ao Campeonato da Europa na Noruega, pág. 2D, por <b>Tiago Silva</b>	8	8
			Artigo - Futebol Sporting - Poderoso e letal: Sporting goleador já é o melhor ataque da 1ª Liga, pág. D3, por <b>Pedro Rita</b>		
			Artigo - Futebol Sporting - Quaresma integra quinteto, pág. D3, por <b>Pedro Rita</b>		
			Artigo - Futsal - 'CM' vence e convence, pág. D5, por <b>Ricardo Pereira</b>		
			Artigo - Andebol - Alvalade e Restelo em aperitivo europeu, pág. D7, por <b>Fernando Pais</b>		
			Artigo - Atletismo - Alemães favoritos: Medalhado Olímpico na Maratona de Lisboa, pág. 8D, por <b>Mário Figueiredo</b>		
			Artigo - Ciclismo - Rui Sousa e Gilberto Martins reforçam o grupo da Maia, pág. 8D, por <b>Guita Júnior</b>		
		0		69	69
<b>Diário de Notícias</b>					
1 de Novembro	Europeu 2004 - Câmara "joga" nos estádios, pág. 33, por <b>Sílvia Freches</b>	1	Artigo - Futebol Liga dos Campeões - Dragão masoquista, pág. 31, por <b>Rui Frias</b>	2	3
			Artigo - Basquetebol - Jogos grande no pequeno ecrã em tempo de definições na tabela, pág. 33, por <b>António Lopes</b>		
2 de Novembro	Futebol Taça UEFA - "Leões" repetem chapa seis, pág. 28 por <b>Sílvia Freches</b> (destaque de capa)	1	Artigo - Futebol I Liga - Luz com mais "argumentos", pág. 31, por <b>André Sá Rodrigues</b>	1	2
3 de Novembro		0	Artigo - Futebol Liga dos Campeões - Desafios da elite europeia, pág. 29, por <b>Sérgio Perreira</b>	3	3
			Artigo - Futebol I Liga - Zahovic de regresso e Enke em dúvida, pág. 30, por <b>André Sá Rodrigues</b>		
			Artigo - Basquetebol - Portugal Telecom enfrenta instinto felino, pág. 32, por <b>António Lopes</b>		
			Artigo - Futebol Provas da UEFA - Clubes à conquista da Europa, pág. 32, por <b>António Castro</b>		
4 de Novembro		0	Artigo - Futebol I Liga - Palatsi deixa ataque da Luz às escuras, pág. 34, por <b>Hugo Bordeira</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - Dragão tenta ultrapassar "fantasmas", pág. 36, por <b>Rui Frias</b>	6	6
			Artigo - Atletismo - Barcelos recebe elite, pág. 37, por <b>Cipriano Lucas</b>		
			Basquetebol - Illiabum bate em casa poderosa Portugal Telecom, pág. 39, por <b>António Lopes</b>		
			Artigo - Basquetebol - Illiabum bate em casa poderosa Portugal Telecom, pág. 39, por <b>António Lopes</b>		
5 de Novembro		0	Artigo - Futebol - A fortuna do dragão, pág. 36, por <b>Rui Frias</b>		
			Artigo - Râguebi - CDUP memorável baralha campeonato, pág. 39, por <b>António José Henriques</b>	3	3
			Artigo - Basquetebol - Oliveirense flutua até à vitória, pág. 42, por <b>António Lopes</b>		
			Artigo - Futebol - Leão com mais alma, pág. 30, por <b>Sérgio Perreira</b>		
6 de Novembro		0	Artigo - Caça submarina - Corvina gigante em Sesimbra, pág. 33, por <b>José de Sousa</b>	4	4
			Artigo - Futebol Taça de Portugal - Sorteio favoreceu os grandes, pág. 34, por <b>Cipriano Lucas</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - "Têm equipa para não estar em último", pág. 34, por <b>André Sá Rodrigues</b>		
7 de Novembro		0	Artigo - Futebol I Liga - A sorte dos campeões, pág. 32, por <b>Rui Frias</b>		
			Artigo - Futebol - A era Carlos Manuel, pág. 33, por <b>André Sá Rodrigues</b>	3	3
			Artigo - Atletismo Maratona de Lisboa - Allen e Bryant eleitos, pág. 35, por <b>Cipriano Lucas</b>		
		2		22	24
<b>Público</b>					
1 de Novembro	Artigo - Volvo Ocean Race - Comemorações e protesto, pág. 45, por <b>Nyssa Almeida</b>	2	Artigo - Futebol Liga dos Campeões - Apuramento à custa do mal-amado, pág. 42, por <b>Manuel Assunção</b> (destaque de capa)	6	8
	Artigo - Desporto - Orientação: SAL organiza actividade de orientação, pág. 46, por <b>Ana Paula Gouveia</b>		Artigo - Futebol Liga dos Campeões - Celtic enervou público das Antas, pág. 43, por <b>Marcelino Nunes</b>		
			Artigo - Futebol Taça UEFA - Laszlo Bölöni admite que nada está decidido, pág. 44, por <b>Marco Vaza</b>		
			Artigo - Futebol - Tarefa difícil para o Chelsea, pág. 44, por <b>Marco Vaza</b>		
			Artigo - Kafelnikov ganha passaporte para Sydney, pág. 45, por <b>Pedro Keil</b>		
			Artigo - WTA Tour - Lindsay Davenport ganha e Anke Huber despede-se, pág. 45, por <b>Pedro Keil</b>		
			Artigo - NBA - Regresso pouco feliz de Michael Jordan, pág. 46, por <b>Marco Vaza</b>		
2 de Novembro	Artigo - Taça do Mundo de TT - Schlessler a um passo do título, pág. 37, por <b>Ana Paula Gouveia</b>	1	Artigo - Futebol Taça UEFA - Goleada histórica do Sporting na UEFA, pág. 34, por <b>Filipe Escobar de Lima</b>	4	4
			Artigo - Futebol Liga dos Campeões - Defesa de betão e boa estreia em Trondheim, pág. 35, por <b>Manuel Assunção</b>		
			Artigo - Rali da Austrália - Auriol com vantagens no Rali da Austrália, pág. 36, por <b>Manuel Abreu</b>		
			Artigo - Basquetebol - Benfica e Ovarense triunfam, pág. 38, por <b>Manuel Abreu/Manuel Assunção</b> (assinado com M.A.)		
3 de Novembro	Artigo - Automobilismo - Terceiro troféu para Schlessler, pág. 46, por <b>Ana Paula Gouveia</b>	2	Artigo - Futebol Liga dos Campeões - Campeões europeus no caminho dos portugueses, pág. 42, por <b>Marco Vaza</b>	6	8
	Artigo - GP do Brasil - Ukawa quebra supremacia italiana, pág. 46, por <b>Ana Paula Gouveia</b>		Artigo - Futebol Taça UEFA - AC Milan defronta Sporting na UEFA, pág. 42, por <b>Filipe Escobar de Lima</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - O regresso à normalidade, pág. 44, por <b>Manuel Abreu</b>		
			Entrevista - Futebol - Yannick: "O meu empresário está a fazer um bom trabalho", pág. 46, por <b>Marco Vaza</b>		

			Artigo - Ténis - Capriati em risco de perder liderança, pág. 46, por <b>Pedro Keil</b>		
			Artigo - Desporto - Bernhard Langer lidera nos EUA, pág. 46, por <b>Rodrigo Cordeiro</b>		
4 de Novembro	Artigo - Motociclismo - Poggiali campeão mundial de 125cc, pág. 43, por <b>Ana Paula Gouveia</b>	1	Artigo - Futebol I Liga - Guimarães arranca empate justo na Luz, pág. 40, por <b>Manuel Abreu</b>	10	11
			Artigo - Futebol Sporting - Bólóni: "Sporting ainda não está estável", pág. 41, por <b>Marco Vaza</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - Setúbal foge ao fundo da tabela, pág. 41, por <b>Jorge Miguel Matias</b>		
			Artigo - Futebol La Liga - Raúl e Kluivert recuperados para o clássico de Madrid, pág. 41, por <b>Filipe Escobar de Lima</b>		
			Artigo - Rali da Austrália - Gronholm e Peugeot à frente na Austrália, pág. 43, por <b>Manuel Abreu</b>		
			Artigo - 23º Grande Prémio da Silva - Maratona favorito na estrada, pág. 44, por <b>Luís Lopes</b>		
			Artigo - Ténis - Davenport é a número 1, pág. 44, por <b>Pedro Keil</b>		
			Artigo - Râguebi - A Académica vence à tangente, pág. 44, por <b>Marcelino Nunes</b>		
			Artigo - Hóquei em patins - Barcelona ganhou em Barcelos, pág. 45, por <b>Manuel Assunção</b>		
			Artigo - Basquetebol - Iliabum derrotou o campeão, pág. 45, por <b>Manuel Assunção/Manuel Abreu</b>		
5 de Novembro		0	Artigo - Futebol I Liga - Mais em força do que em jeito, pág. 31, por <b>José Augusto Moreira</b>	13	13
			Artigo - Futebol I Liga - Empate amargo: Aveirenses estiveram duas vezes a perder frente ao Gil, pág. 33, por <b>Rui Batista</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - Divisão justa: Belenenses atacou mais, mas não conseguiu derrotar o Alverca, pág. 33, por <b>Marco Vaza</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - Dominar, marcar e sofrer: Marítimo bate Santa Clara, pág. 33, por <b>Ricardo Gomes</b>		
			Artigo - Futebol La Liga - "Cumpleaños feliz" para Figo, pág. 36, por <b>Mário Almeida</b>		
			Artigo - Rali da Austrália - Mundial até à última etapa, pág. 37, por <b>Manuel Abreu</b>		
			Artigo - Golfe - Verplank liderano golfe, pág. 38, por <b>Rodrigo Cordeiro</b>		
			Artigo - Maratona de Nova Iorque - Africanos dominam em Nova Iorque, pág. 38, por <b>Luís Lopes</b>		
			Artigo - Desporto - Maratona bicampeão nacional, pág. 38, por <b>Luís Lopes</b>		
			Artigo - Ténis - Sébastien Grosjean é o oitavo passageiro, pág. 39, por <b>Pedro Keil</b>		
			Artigo - Basquetebol - Oliveirense venceu o Seixal, pág. 39, por <b>Manuel Abreu/Manuel Assunção (assinado com M.A.)</b>		
			Artigo - Voleibol - Espinho sem soluções para travar o Castelo, pág. 39, por <b>Manuel Abreu/Manuel Assunção (assinado com M.A.)</b>		
			6 de Novembro		
Artigo - Futebol I Liga - Jardel e golos bonitos, pág. 41, por <b>José Augusto Moreira</b>					
Artigo - Futebol I Liga - Um só jogo entre clubes da I Liga na Taça de Portugal, pág. 41, por <b>Jorge Miguel Matias</b>					
Artigo - Futebol Internacional - Nova lesão de Ronaldo não é grave, pág. 42, por <b>Manuel Abreu/Manuel Assunção (assinado com M.A.)</b>					
Artigo - Râguebi - Portugal no Dubai e na África do Sul, pág. 43, por <b>Marcelino Nunes</b>					
7 de Novembro	Artigo - Transat Jacques Vabre - Frota da Transat pode escalar em Lisboa, pág. 45, por <b>Nysse Arruda</b>	1	Artigo - Semana do Ténis - Rios fecha época com triunfo em casa, pág. 36, por <b>Pedro Keil</b>	5	6
			Artigo - NBA - Lakers vencem, pág. 36, por <b>Manuel Abreu/Manuel Assunção (assinado com M.A.)</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - As asneiras, segundo Pedro, pág. 41, por <b>Manuel Mendes</b>		
			Artigo - Futebol Sporting - Jardel a caminho do "penta", pág. 42, por <b>António Pedro Pereira</b>		
			Artigo - Futebol Benfica - Vilarinho muito confiante, pág. 42, por <b>José J. Mateus</b>		
			Artigo - Desporto - Carlos Manuel no Salgueiros, pág. 43, por <b>B.P.</b>		
Artigo - Mundial 2002 - Brasil enfrenta a Bolívia e a altitude, pág. 44, por <b>Jorge Miguel Matias</b>					
		7	Artigo - Desporto Sporting Clube de Braga - Presidência do Braga vai ter que esperar, pág. 45, por <b>Alexandre Praça</b>	50	57

Tabela 11 - Grelha completa da segunda semana de análise de 2001 dos artigos assinados por mulheres e homens nos três jornais estudados.

2017: 1-7 de Abril	Peças de desporto assinadas por mulheres		Peças de desporto assinadas por homens		Tota l
Correio da Manhã					
1 de Abril		0	Artigo - Futebol Sporting - Octávio ao ataque com indirectas a Filipe Vieira, pág. 33, por <b>Mário Figueiredo</b>	2	2
2 de Abril	Artigo - Futebol Sporting - "Não queria estar nesta posição", pág. 33, por <b>Carolina Neto</b>	1	Artigo - Futebol I Liga - Derrota complica contas do Nacional, pág. 34, por <b>Mário Figueiredo</b>	4	4
			Artigo - Futebol I Liga - Kléber afunda aflito Tondela, pág. 34, por <b>Tiago Virgílio Pereira</b>		
3 de Abril	Artigo - Futebol II Liga - Póquer de Dala, pág. 34, por <b>Carolina Neto</b>	1	Artigo - Futebol Sp. Braga - "O lugar em risco", pág. 35, por <b>Mário Morgado Ribeiro</b>	4	5
			Artigo - Futebol Taça da Liga - PSG esmaga Jardim em Lyon, pág. 36, por <b>Filipe António Ferreira</b>		
			Artigo - Futebol Benfica - Vieira elogia atitude de campeão, pág. 30, por <b>Mário Figueiredo</b> (destaque de capa)		
			Artigo - Futebol FC Porto - Adeptos recebem equipa em euforia, pág. 31, por <b>Mário Morgado Ribeiro</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - Vitória ao cair do pano, pág. 31, por <b>R.Q.</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - Vitória ao trio, pág. 33, por <b>Ricardo Lopes Pereira</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - Da goleada ao empate, pág. 36, por <b>Abel Sousa</b>		

4 de Abril		0	Artigo - Futebol Benfica - Guedes rende 26 milhões ao Benfica, pág. 34, por <b>Hugo Leal</b> Artigo - Futebol Sporting - Sporting quer Jonas castigado, pág. 35, por <b>Mário Figueiredo</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol FC Porto - Novo ataque a Bakkali, pág. 36, por <b>João Pedro Óca</b> (destaque de capa)	3	3
5 de Abril		0	Artigo - Futebol Nacional - Benfica ignora Sporting e ataca FC Porto, pág. 30, por <b>Mário Figueiredo</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol Sporting - "Amigo de Rui Vitória", pág. 31, por <b>Mário Figueiredo</b> Artigo - Futebol Taça de Portugal - Defesa para o Jamor, pág. 33, por <b>Paulo Silva Reis</b> Artigo - Futebol FC Porto - Depoite sai no fim da época, pág. <b>Marco Pereira</b>	4	4
6 de Abril		0	Artigo - Futebol Taça de Portugal - Luz amarela para chegar ao Jamor, pág. 30, por <b>Mário Figueiredo</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol Benfica - Zivkovic trouxe talento e... Golos, pág. 31, por <b>Mário Figueiredo</b> Artigo - Futebol Sporting - Adrien acelera rumo ao dérbi, pág. 32, por <b>Mário Figueiredo</b> Artigo - Futebol Benfica - "Casillas quer ficar", pág. 33, por <b>Sérgio Pereira Cardoso</b> Artigo - Futebol Nacional - Super Dragão fora da Caixa, pág. 34, por <b>João Pedro Óca</b>	5	5
7 de Abril		0	Artigo - Futebol Benfica - Nuno empurrou Jonas para a Luz, pág. 33, por <b>Filipe António Ferreira</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol FC Porto - 100% de triunfos para ser campeão, pág. 34, por <b>Sérgio Pereira Cardoso</b> Artigo - Futebol Nacional - Processo a vitória, pág. 35, por <b>João Pedro Óca</b> Artigo - Futebol Sp. Braga - Simão recusa falar de Abel, pág. 36, por <b>Filipe António Ferreira</b>	4	4
			2	26	28
<b>Diário de Notícias</b>					
1 de Abril	Artigo - Ténis - A superação da rebelde de causas dinamarquesa, pág. 51, por <b>Isaura Almeida</b>	1	Artigo - Futebol I Liga - O jogo que não resolve o título mas que pode dar uma grande ajuda, pág. 46, por <b>Nuno Fernandes</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol Benfica - Rui Vitória garante que os seus jogadores estão com "enorme vontade de ganhar", pág. 47, por <b>Carlos Nogueira</b> Entrevista - Futebol - João Fonseca: "O mais natural será manter o 11 que tem somado boas exibições, pág. 49, por <b>Rui Marques Simões</b> Artigo - Futebol Taça da Liga - Jardim tem esta noite a primeira das "quatro finais" da temporada, pág. 50, por <b>Gonçalo Lopes</b> Artigo - NBA - Phil Jackson vê o cerco apertar-se em Nova Iorque, pág. 52, por <b>Rui Frias</b> Artigo - Vela - Tensão na Volvo Ocean Race. Mastro parte-se antes da regata começar, pág. 52, por <b>João Pedro Henriques</b>	6	7
2 de Abril	Artigo - Futebol Benfica - Nuno: "Estamos tristes. Ambição era os 3 pontos", pág. 23, por <b>Isaura Almeida</b> Artigo - Futebol Segurança - Pedras, bolasde golfe, detenções e a agressão de um polícia que passou na TV, pág. 25, por <b>Isaura Almeida</b> Artigo - Futebol I Liga - Jesus teria equipa de Champions... Se não perdesse jogadores, pág. 26, por <b>Isaura Almeida</b>	3	Artigo - Futebol I Liga - Na casa do Benfica houve muito Casillas a segurar o empate, pág. 22, por <b>Nuno Coelho</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol I Liga - Tudo (quase) igual: a luta continua e o <i>suspense</i> pode chegar à diferença de golos, pág. 24, por <b>Rui Marques Simões</b> Artigo - Futebol Internacional - Chelsea e Manchester marcam passo em Inglaterra, pág. 31, por <b>Nuno Fernandes</b> Artigo - Surf - O caminho para a ribalta mundial passa pela Caparica, pág. 32, por <b>Rui Marques Simões</b> Artigo - Baseball - MLB. A liga que serve de palco ao "melhor líder do mundo", pág. 34, por <b>Rui Frias</b> Artigo - Atletismo - O Rei da Lama venceu as doenças e agora é treinador de marcha e corrida, pág. 35, por <b>Carlos Nogueira</b>	6	9
3 de Abril	Artigo - Ténis - Um, dois, três... E Roger Federer ganhou a Nadal outra vez, pág. 36, por <b>Isaura Almeida</b>	1	Artigo - Futebol I Liga - Sporting virou o resultado mas depois até se perdeu, pág. 32, por <b>Manuel Queiroz</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol I Liga - Leões têm queda para roubar títulos ao Benfica perto do fim, pág. 33, por <b>André Cruz Martins</b> Artigo - Futebol Internacional - Ronaldo não marca, mas assiste na vitória ao Real, pág. 35, por <b>Nuno Fernandes</b>	3	4
4 de Abril	Artigo - Golfe - Mundo do golfe em tumulto por telecastigo que roubou troféu a Lexi, pág. 35, por <b>Isaura Almeida</b>	1	Artigo - Futebol Segurança - Agressor impedido de entrar em recintos desportivos, pág. 33, por <b>Carlos Nogueira</b> Artigo - Futebol Benfica - Rui Vitória quer dar ritmo a Fejsa e Grimaldo na Taça de Portugal, pág. 34, por <b>Gonçalo Lopes</b>	2	3
5 de Abril	Artigo - Futebol Espanha - Metamorfose de Ronaldo leva-o a abdicar cada vez mais da finta, pág. 36, por <b>Isaura Almeida</b>	1	Artigo - Futebol Benfica - Vitória quer inverter ciclo de apenas duas Taças neste século, pág. 33, por <b>Gonçalo Lopes</b> Artigo - Futebol I Liga - Sp. Braga já escolheu treinador para a próxima época: Abel, pág. 34, por <b>Carlos Nogueira</b> Artigo - Futebol Atletismo - Brianna, a menina Bolt: com 12 anos, desponta a nova estrela da Jamaica, pág. 37, por <b>Rui Marques Simões</b>	3	4
6 de Abril		0	Artigo - Futebol Taça de Portugal - Água insegua quase deixava fugir bilhete para o Jamor, pág. 35, por <b>Gonçalo Lopes</b> Artigo - Futebol Inglaterra - Old Trafford está a tornar-se um pesadelo para Mourinho, pág. 36, por <b>Nuno Fernandes</b> Artigo - Futebol PPF - Fernando Gomes chega à vice-presidência da UEFA: "Um tributo a Portugal", pág. 36, por <b>Nuno Fernandes</b> Artigo - Golfe - Jon Rahm, o novato que procura desafiar a lógica do Masters, pág. 37, por <b>Rui Frias</b>	4	4
7 de Abril		0	Artigo - Futebol FC Porto - FC Porto quer comprar o restante passe de Brahimi à Doyen, pág. 42, por <b>Gonçalo Lopes</b> Artigo - Futebol I Liga - Os jogos especiais onde o sentimento fica à porta, pág. 43, por <b>Carlos Nogueira</b> Artigo - Futebol Inglaterra - Shakespeare, o homem da casa, reacende a epopeia de Leicester, pág. 44, por <b>Rui Marques Simões</b> Artigo - Bilhar - Reanne Evans faz cair mais uma barreira de género no <i>snooker</i> , pág. 45, por <b>Rui Frias</b>	4	4
			7	28	35
<b>Público</b>					
1 de Abril		3	Artigo - Futebol Liga - Mudanças nas competições da UEFA preocupam a Liga de Clubes, pág. 48, por <b>Jorge Miguel Matias</b> Artigo - Futebol Internacional - Os braços de Rory Delap eram decisivos e ele nem era guarda-redes, pág. <b>Marco Vaza</b> Artigo - Ténis - Rafael Nadal vai ter uma quinta oportunidade em Miami, pág. 49, por <b>Pedro Keul</b>	3	3
2 de Abril		0	Artigo - Futebol FC Porto - Maxi não deixou Benfica acelerar, pág. 22, por <b>Marco Vaza</b> (destaque de capa)	4	4

			Artigo - Futebol I Liga - Sporting em Arouca para manter o registo perfeito, pág. 25, por <b>Marco Vaza</b>		
			Artigo - Triatlo - Vanessa foi 13ª no regresso à competição, pág. 26, por <b>Tiago Pimentel</b>		
			Artigo - Ténis - Konta está no momento mais alto da carreira, pág. 27, por <b>Pedro Keul</b>		
			Artigo - Futebol Internacional - Di María e Cavani principescos subjagam Móna na Taça da Liga, pág. 25, por <b>Augusto Bernardino</b>		
<b>3 de Abril</b>		<b>0</b>	Artigo - Futebol I Liga - Sporting chega-se um pouco mais à frente, pág. 30, por <b>Marco Vaza</b> (destaque de capa)	<b>5</b>	<b>5</b>
			Artigo - Futebol I Liga - Erdem Sem lidera "revolta" e anula ameaça de goleada, pág. 31, por <b>Augusto Bernardino</b>		
			Artigo - Futebol Internacional - Real Madrid e Barcelona seguem taca a taca mesmo sem brilhar, pág. 32, por <b>Tiago Pimentel</b>		
			Artigo - Futebol - Formar jogadores para sobreviverem ao fim da carreira, pág. 33, por <b>Nuno Sousa</b>		
			Artigo - Ténis - Confiança de Federer rende-lhe título em Miami, pág. 33, por <b>Pedro Keul</b>		
<b>4 de Abril</b>		<b>0</b>	Artigo - Futebol - A história de uma derrota que acabou com um clube, pág. 40, por <b>Jorge Miguel Matias</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
			Artigo - Futebol Taça de Portugal - A primeira vaga na final do Jamor fica hoje entregue, pág. 41, por <b>Tiago Pimentel</b>		
			Artigo - Futebol - A difícil ressaca de alguns dos campeões europeus depois do Euro 2016, pág. 38, por <b>Tiago Pimentel</b> (destaque de capa)		
			Artigo - Futebol I Liga - Triunfo para o Desp. Chaves, final para o V. uimarães, pág. 39, por <b>Jorge Miguel Matias</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
			Artigo - Futebol Benfica - Rui Vitória confirma a ausência de Ederson e Mitroglou frente ao Estoril, pág. 39, por <b>David Andrade</b>		
			Artigo - Futebol Internacional - Mourinho evitou derrota no período de compensação, pág. 41, por <b>Tiago Pimentel</b>		
<b>5 de Abril</b>		<b>0</b>	Artigo - Futebol Taça de Portugal - Rui Vitória fez aposta de risco e o Benfica quase hipotecou a Taça, pág. 38, por <b>David Andrade</b> (destaque de capa)	<b>4</b>	<b>4</b>
			Artigo - Futebol Internacional - O Chelsea voltou à normalidade e o Hull City já fugiu à zona de perigo, pág. 39, por <b>Marco Vaza</b>		
			Artigo - Ténis - Portugal cauteloso na eliminatória da Taça Davis, pág. 39, por <b>Pedro Keul</b>		
			Reportagem - Futebol - La Bombonera no tiembla, late, pág. 40-41, por <b>Hugo Tavares da Silva</b>		
<b>6 de Abril</b>		<b>0</b>	Artigo - Futebol Internacional - A vida voltou a ser bela em Leicester, pág. 42, por <b>Marco Vaza</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
			Artigo - Ténis - Gastão Elias a abrir a grande oportunidade de Portugal, pág. 43, por <b>Pedro Keul</b>		
<b>7 de Abril</b>		<b>0</b>		<b>2</b>	<b>2</b>
				<b>24</b>	<b>24</b>

Tabela 12 - Grelha completa da primeira semana de análise de 2017 dos artigos assinados por mulheres e homens nos três jornais estudados.

2017: 1-7 de Novembro	Peças de desporto assinadas por mulheres		Peças de desporto assinadas por homens		Tota l
<b>Correio da Manhã</b>					
<b>1 de Novembro</b>		<b>0</b>	Artigo - Futebol Benfica - "Adensadas suspeitas de corrupção", pág. 33, por <b>Mário Figueiredo</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
			Artigo - Futebol Sp. Braga - De olhos na liderança, pág. 34, por <b>Secundinho Cunha</b>		
<b>2 de Novembro</b>		<b>0</b>	Artigo - Futebol Sporting - Coentrão avança frente ao Braga, pág. 33, por <b>Mário Figueiredo</b>	<b>3</b>	<b>3</b>
			Artigo - Futebol Liga dos Campeões - Real humilhação, pág. 34, por <b>Mário Pereira</b>		
			Artigo - Futebol Sp. Braga - "Perder para depois ganhar", pág. 35, por <b>Secundinho Cunha</b>		
<b>3 de Novembro</b>		<b>0</b>	Artigo - Futebol Benfica - 44 milhões voam nas vendas, pág. 31, por <b>Mário Morgado Ribeiro</b> (destaque de capa)	<b>5</b>	<b>5</b>
			Artigo - Futebol Sporting - Jesus hesita entre Doumbia e podence, pág. 32, por <b>Filipe António Ferreira</b> (destaque de capa)		
			Artigo - Futebol FC Porto - Marega de fora em fase crítica, pág. 33, por <b>Sérgio Ferreira Cardoso</b>		
			Artigo - Futebol Sp. Braga - Sp. Braga soube nunca desisti, pág. 34, por <b>Secundinho Cunha</b>		
			Artigo - Futebol Internacional - Evra ao pontapé no berço, pág. 35, por <b>Abel Sousa</b>		
<b>4 de Novembro</b>		<b>0</b>	Artigo - Futebol FC Porto - Sérgio sente-se prejudicado, pág. 31, por <b>Sérgio Pereira Cardoso</b> (destaque de capa)	<b>2</b>	<b>2</b>
			Artigo - Futebol Sporting - Jesus não arrisca regresso de Alan, pág. 33, por <b>Mário Figueiredo</b>		
			Artigo - Futebol I Liga - Falcão põe aves a voar no Bonfim, pág. 34, por <b>Ricardo L. Pereira</b>		
<b>5 de Novembro</b>		<b>0</b>	Artigo - Futebol Internacional - Ronaldo pediu para descansar, pág. 34, por <b>Mário Figueiredo</b>	<b>3</b>	<b>3</b>
			Artigo - Futebol V. Setúbal - Bravos Beirões, pág. 35, por <b>Tiago Virgílio Pereira</b>		
			Artigo - Futebol Internacional - Guedes brilha no Valência, pág. 36, por <b>Mário Pereira</b>		
			Artigo - Futebol FC Porto - Águias e leões atacam Felipe, pág. 30, por <b>João Pedro Óca</b>		
<b>6 de Novembro</b>		<b>0</b>	Artigo - Futebol I Liga - Valente pontapé em fraco jogo, pág. 31, por <b>Paulo Jorge Duarte</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
			Artigo - Futebol II Liga - Caiu para o Penafiel, pág. 33, por <b>João Pedro Óca</b>		
			Artigo - Futebol Internacional - Ronaldo tenta mas não marca, pág. 35, por <b>Filipe António Ferreira</b>		
<b>7 de Novembro</b>		<b>0</b>	Artigo - Futebol Benfica - Júlio César recusa ser suplente de Sviatar, pág. 32, por <b>António Martins Ferreira</b>	<b>5</b>	<b>5</b>
			Artigo - Futebol Sporting - Fadiga e lesões arrasam equipa, pág. 33, por <b>João Pedro Óca</b>		
			Artigo - Futebol FC Porto - Óliver no banco a desvalorizar, pág. 34, por <b>Sérgio Pereira Cardoso</b>		
			Artigo - Futebol V. Setúbal - Couceiro continua no Bonfim, pág. 34, por <b>Ricardo L. Pereira</b>		
			Artigo - Futebol Selecção - Paciência em vez de Eder, pág. 35, por <b>Filipe António Ferreira</b>		

		0		24	24
<b>Diário de Notícias</b>					
1 de Novembro		0	Artigo - Futebol Sporting - Código de Jesus mais forte do que um lão que fez tudo o que podia, pág. 31, por <b>Bruno Pires</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol Liga dos Campeões - Águias vergadas em Manchester ainda sonham com passagem, pág. 32, por <b>Gonçalo Lopes</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol Liga dos Campeões - O FC Porto do campeonato para vencer os alemães no Dragão, pág. 34, por <b>Nuno Fernandes</b> Artigo - Fórmula 1 - Como a alimentação e o sono ajudaram Hamilton a entrar para a elite, pág. 35, por <b>Bruno Pires</b>	4	4
2 de Novembro		0	Artigo - Futebol Liga dos Campeões - Dragão reagiu com força a todos os golpes, pág. 34, por <b>Rui Frias</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol Liga dos Campeões - Tottenham faz cair o Real Madrid, eu não perdia há cinco anos, pág. 35, por <b>Carlos Nogueira</b> Artigo - Futebol Sporting - Bruno César, o homem que gosta de marcar aos tubarões, pág. 36, por <b>Bruno Pires</b> Artigo - Futebol Benfica - Fracasso no Champions implica perdas de mais de 12 milhões de euros, pág. 36, por <b>Carlos Nogueira</b> Artigo - Ténis - Nadal termina 2017 como n.º 1 após vitória no Masters de Paris, pág. 37, por <b>Nuno Fernandes</b>	5	5
3 de Novembro		0	Artigo - Futebol Transferências - Três grandes pagaram fatura de 72M nas vendas efetuadas, pág. 40, por <b>Nuno Fernandes</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol Spoting - Sp. Braga, o clube que já deu todo o tipo de desgostos a Jorge Jesus, pág. 41, por <b>Bruno Pires</b> Artigo - Futebol FC Porto - A "revolução à Sérgio" que está a devolver a chama ao dragão, pág. 42, por <b>Manuel Queiroz</b> Artigo - Futebol Liga Europa - Hurtado dá vida ao Vitória. Braga salva-se na Bulgária, pág. 43, por <b>Bruno Pires</b> Artigo - Futebol - Atromitos. O inesperado e destemido líder da Liga grega, pág. 44, por <b>David Pereira</b> Artigo - Basebol - Houston Astros confirmam um título que estava escrito há três anos, pág. 45, por <b>Rui Frias</b>	6	6
4 de Novembro		0	Artigo - Futebol FC Porto - As menos de 72 horas que desagradam Conceição, pág. 48, por <b>Rui Frias</b> Artigo - Futebol FC Porto - Há 41 anos que o dragão não marcava tantos golos em casa, pág. 49, por <b>Carlos Nogueira</b> Artigo - Futebol Selecção - Fernando Santos "reserva" jogadores com dupla nacionalidade, pág. 50, por <b>Gonçalo Lopes</b> Artigo - Futebol UEFA - Luz e Dragão candidatos a receber finais europeias em 2020, pág. 51, por <b>Nuno Pires</b> Artigo - Futebol França - O triste desempenho de <i>El Loco</i> à frente do milionário Lille, pág. 52, por <b>Bruno Pires</b> Artigo - Fórmula 1 - Ferrari ameaça abandonar se a revolução for avante, pág. 53, por <b>Gonçalo Lopes</b>	6	6
5 de Novembro	Artigo - Desporto - A aventura de um treinador de futebol no país dos fundistas, pág. 32, por <b>Isaura Almeida</b> Artigo - Judo - João Pina continua no <i>tatami</i> , como selecionador e professor, pág. 33, por <b>Isaura Almeida</b>	2	Artigo - Futebol FC Porto - Dragão assegura a liderança isolada durante a pausa da Liga, pág. 21, por <b>Rui Frias</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol FC Porto - Atúcia de <i>El Zorro</i> deixa rivais entre a espada e a parede, pág. 22, por <b>David Pereira</b> Artigo - Futebol Benfica - V. Guimarães põe à prova mau registo do campeão longe da Luz, pág. 23, por <b>Carlos Nogueira</b> Artigo - Futebol Sporting - Jorge Jesus acredita na recuperação de William e Coentrão, pág. 23, por <b>Carlos Nogueira</b> Artigo - Futebol Selecção - A posição de "responsabilidade" onde Portugal teme pelo futuro, pág. 24, por <b>Nuno Coelho</b> Artigo - Futebol Inglaterra - Conte vs. Mourinho, o grande duelo do Chelsea-Man. United, pág. 26, por <b>Gonçalo Lopes</b> Artigo - Futebol Internacional - A eficácia de Paco Alcácer num dia especial para Messi, pág. 31, por <b>António Pedro Pereira</b> Artigo - WWE - WWE de regresso a Portugal após cinco anos de ausência, pág. 34, por <b>David Pereira</b> (destaque de capa) Artigo - Vela - Agora é a sério: Volvo Ocean Race deixa Lisboa rumo ao Cabo, pág. 35, por <b>João Pedro Henriques</b> (destaque de capa)	9	11
6 de Novembro		0	Artigo - Futebol I Liga - Leão volou a não saber gerir mas ainda salvou um ponto, pág. 32, por <b>Nuno Coelho</b> , pág. 32 (destaque de capa) Artigo - Futebol Benfica - Jonas lançou o Benficarenovado para a conquista de Guimarães, pág. 33, por <b>Carlos Nogueira</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol Inglaterra - Chelsea afunda United e reforça liderança do Manchester City, pág. 35, por <b>António Pedro Pereira</b> Artigo - Maratona Nova Iorque - Norte-americana ganhou em Nova Iorque, 40 anos depois, pág. 36, por <b>David Pereira</b> Artigo - Volvo Ocean Race com largada épica de Lisboa, pág. 37, por <b>João Pedro Henriques</b>	5	5
7 de Novembro		0	Artigo - Futebol Videoárbitro - Ex-árbitros justificam erros com protocolo do videoárbitro, pág. 42, por <b>David Pereira</b> Artigo - Futebol Sporting - Os 15 minutos fatais que deixam o leão encostado às cordas, pág. 43, por <b>Bruno Pires</b> Artigo - Futebol Benfica - "Jonas terá de trabalhar muito para jogar sozinho à frente, pág. 44, por <b>Carlos Nogueira</b> Artigo - Futebol Espanha - O pior arranque de sempre de CR7 na Liga espanhola, pág. 45, por <b>David Pereira</b>	4	4
		2		39	41
<b>Público</b>					
1 de Novembro		0	Artigo - Futebol Sporting - O Sporting voltou a ter o sonho na mão, pág. 38, por <b>Tiago Pimentel</b> (destaque de capa) Artigo - Futebol Internacional - United, PSG e Bayern Munique já estão nos oitavos da Champions, pág. 39, por <b>Paulo Curado</b> Artigo - Futebol Benfica - Benfica não saiu do zero em Old Trafford, pág. 40, por <b>David Andrade</b> Artigo - Futebol FC Porto - Histórica força o FC Porto a vencer o RB Leipzig para apurar-se, pág. 41, por <b>David Andrade</b> Artigo - Ténis - Terceira vitória de João Sousa em Paris, pág. 41, por <b>Pedro Keul</b>	5	5
		0	Artigo - Futebol FC Porto - FC Porto soube sofrer e está mais perto dos oitavos-de-final, pág. 35, por <b>David Andrade</b>	5	5

2 de Novembro			Artigo - Futebol Internacional - Bis de Dele Alli afecta Real, Quaresma empata Jardim, pág. 35, por <b>Augusto Bernardino</b>		
			Artigo - Futebol Internacional - "Nunca pensei chegar tão longe no futebol", pág. 36, por <b>Augusto Bernardino</b>		
			Artigo - Futebol Liga Europa - V. Guimarães tem de fazer pela vida, Sp. Braga confortável, pág. 37, por <b>Tiago Pimentel</b>		
			Artigo - Ténis - Nadal confirma primeiro lugar, pág. 37, por <b>Pedro Keul</b>		
3 de Novembro		0	Artigo - Futebol Liga dos Campeões - FC Porto, a equipa que mais marca de bola parada, pág. 42, por <b>Nuno Sousa</b>	4	4
			Artigo - Futebol Liga Europa - Sp. Braga sobrevive à primeira vaga búlgara e garante um ponto decisivo, pág. 44, por <b>Augusto Bernardino</b>		
			Artigo - Futebol Internacional - Vitória manté-se vivo na Liga Europa, pág. 44, por <b>Jorge Miguel Matias</b>		
			Artigo - Ténis - Goffin vai a Londres graças ao amigo Pouille, pág. 45, por <b>Pedro Keul</b>		
			Artigo - Futebol - Jogos com a Arábia Saudita e EUA vão ser treinos de captação, pág. 50, por <b>Marco Vaza</b>		
4 de Novembro		0	Artigo - Futebol FC Porto - Sérgio Conceição e a ditadura das 72 horas, pág. 51, por <b>Augusto Bernardino</b>	5	5
			Artigo - Futebol Internacional - Não é rumor, é Rumor!, pág. 52, por <b>Tiago Pimentel</b>		
			Artigo - Volvo Ocean Race - Team Brunel vence a In-Port Lisboa, pág. 53, por <b>David Andrade</b>		
			Artigo - Ténis - O sonho de Del Potro é agora o de Isner, pág. 53, por <b>Pedro Keul</b>		
5 de Novembro		0	Artigo - Futebol FC Porto - FC Porto não cede e coloca pressão na concorrência, pág. 24, por <b>David Andrade</b>	3	3
			Artigo - Futebol Internacional - Marcelino Toral entrou de rompante na história do Valência, pág. 26, por <b>Paulo Curado</b>		
			Artigo - Ténis - Filip Krajinovic afasta John Isner de Londres, pág. 27, por <b>Pedro Keul</b>		
6 de Novembro		0	Artigo - Futebol I Liga - Sem músculo, Sporting evita primeira derrota ao minuto 95, por <b>David Andrade</b> (destaque de capa)	5	5
			Artigo - Futebol I Liga - Benfica iguala melhor série da época no Minho, pág. 39, por <b>Jorge Miguel Matias</b> (destaque de capa)		
			Artigo - Futebol Dinheiro - Futebol vale 43% do total de apostas do jogo <i>online</i> , pág. 40, por <b>Luís Villalobos</b>		
			Artigo - Futebol Internacional - Conte continua sem dar hipóteses a Mourinho em Londres, pág. 41, por <b>Paulo Curado</b>		
			Artigo - Ténis - Triunfo em Paris leva John Sock a Londres, pág. 41, por <b>Pedro Keul</b>		
7 de Novembro		0	Artigo - Futebol FC Porto - Primeiro terço do campeonato pintado em tom azul-forte, pág. 36, por <b>Tiago Pimentel</b>	2	2
		0	Artigo - Futebol Internacional - Andrea Pirlo, o pensador, pág. 37, por <b>Marco Vaza</b> (destaque de capa)	2	2
				29	29

Tabela 13 - Grelha completa da segunda semana de análise de 2017 dos artigos assinados por mulheres e homens nos três jornais estudados.